



DESCOBERTO EM 2021

Iphan autoriza pesquisa em sítio arqueológico no Sertão

Equipe da UEPB ganhou direito legal de explorar área com grande concentração de gravuras rupestres. **Página 6**

Foto: RitaE/Pixabay



Veganismo ganha cada vez mais adeptos

Estilo de vida conquista pessoenses, que já dispõem de restaurantes e lojas especializadas na cidade. **Página 5**



Foto: Roberto Guedes

“Há uma guerra instalada contra as mulheres”, diz Lídia Moura

Secretária da Mulher e da Diversidade Humana do Estado, Lídia Moura fala sobre luta histórica contra a violência e o desrespeito às mulheres.

Páginas 3 e 4

Pesquisa aponta que 35,6% dos paraibanos têm contas elevadas

Dívidas com cartões de crédito, cheque especial ou empréstimos são uma realidade para mais de 35% dos paraibanos. No país, índice chega a quase 70%.

Página 18

Estudiosas destacam o pioneirismo da cantora Marinês

Pesquisadoras ressaltam o papel da artista ao desbravar um território eminentemente masculino, como era o forró antigamente.

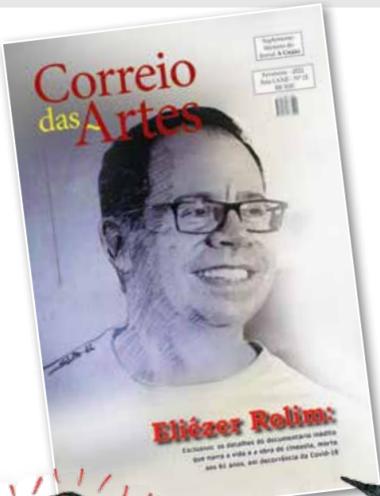
Página 9

Luccas Lira busca a consagração no jiu-jitsu

Após conquistar vários títulos, atleta pessoense terá um novo desafio, em setembro, na disputa do Mundial, na cidade de Las Vegas, nos Estados Unidos.

Página 21

Correio das Artes
O legado de Eliézer Rolim, falecido em fevereiro, aos 61 anos, em decorrência da Covid-19, é detalhado na reportagem de capa da edição que circula hoje.



■ “Solânea foi distrito de Bananeiras. Atualmente, as duas (...) mantêm relação socioeconômica e cultural de interdependência”

Fábio Mozart

Página 14

■ “Quanto mais estruturada a base econômica de uma nação, (...) menor será o impacto no caso de um acirramento global”

João Bosco Ferraz de Oliveira

Página 17

Ilustração: Tônio



Um pedaço da PB na bomba atômica

Pesquisa realizada por cineastas pernambucanos indica que saiu de Picuí, na Paraíba, parte do urânio usado na construção de bomba lançada em Hiroshima, em 1945. **Página 25**



Foto: Arquivo Pessoal

Editorial

Guerra e racismo

A guerra na Ucrânia não traz à tona apenas o drama dos militares e civis mortos nos combates e o choque das cidades destruídas pelas bombas. A crise migratória é outra consequência dos conflitos armados. No caso da invasão da Ucrânia pela Rússia, porém, o racismo também integra o rol de sequelas provocadas pelo confronto entre as duas nações.

Primeiro, denunciou-se que negros têm mais dificuldades que brancos para deixar a Ucrânia em busca de refúgio nos países vizinhos. São barrados nas estações de trem e de ônibus e nos aeroportos sem explicações. Agora, os países receptores são acusados de preferirem os negros, abrindo os braços para “ucranianos brancos, inteligentes e educados”.

A memória do mundo não esquece das cenas terríveis de homens e mulheres - oriundos da África e do Oriente Médio, principalmente - enfrentando as ondas e os ventos do Mar Mediterrâneo e a grosseria dos fuzileiros navais de países europeus, na tentativa de serem salvos e agraciados com os estatutos dos refugiados das nações do Velho Continente.

Corpos negros boiando no oceano, lembrando o descarte criminoso de “peças” africanas pelos comandantes dos navios negreiros, quando abordados pela marinha de guerra inglesa (“Por que foges assim, barco ligeiro?”), à época em que a escravidão era um grande negócio, inclusive para o Brasil, um dos últimos países a abrir as portas das senzalas.

Líderes de nações africanas já registraram protestos, condenando com veemência o racismo, que prejudica, segundo eles, o “espírito de solidariedade que é tão urgentemente necessário hoje”. Que os africanos e seus descendentes, venham eles das fronteiras da Ucrânia ou das águas do Mediterrâneo, sejam acolhidos com o respeito que merecem.

É natural que as nações ricas se preocupem com o destino dos ucranianos, mas não podem esquecer os mais de 200 milhões de refugiados que vivem espalhados pelo mundo, em situação extremamente precária, habitando cidades feitas de tendas ou presos nos cárceres das fronteiras, na esperança de um dia encontrarem a vida nova com a qual tanto sonham.

Artigo

Sitônio Pinto

sitoniopinto@gmail.com | Colaborador

Ouca esta gravação

Agora é tarde para sugerir, mas a lembrança fica valendo para o próximo ano. Aliás, ano passado eu já havia dado o pitaco — mas no fim do mês, quando a Festa das Neves ia a todo vapor, suor e cerveja. O som pode ser central, único, distribuído por alto-falantes ao longo do passeio, e nas barracas e pavilhões. Do jeito que é feito todo ano, cada pavilhão e cada barraca com um som próprio, não tem quem aguente nem escute nada. A competitividade levanta o volume, a concorrência procura fazer mais zoada, e o resultado é uma algaravia ininteligível, tudo misturado, samba-rock-baião-lambada-bolero, muitos decibéis acima da tolerância auditiva de cada um, de todos nós.

A Festa das Neves pode ter uma sonoplastia central, geral, padronizada, o custo rateado entre os estabelecimentos. Fica melhor para o público, que escutará alguma coisa, e, concomitantemente, poderá conversar, e ficará melhor para os comerciantes da Festa, que gastarão menos. Outra mais que a programação poderá ser de bom nível, mesmo heterogênea. Cansa tentar conversar na Festa: é difícil escutar o interlocutor, é preciso gritar mais que os amplificadores; cansa ficar em silêncio, o barulho abala o rochedo do ouvido e se propaga por todos os ossos, o estrondo da música de roedeira faz tremer os chifres; e cansa tentar escutar a música misturada, dois ouvidos são poucos para a cacofonia geral.

O barulho da Festa não é democrático, é anárquico. O som centralizado ofereceria ainda uma vantagem: é um meio de informação, comunicação e controle da massa. Antigamente, a difusora podia anunciar uma criança perdida, pedir um médico para alguém que teve um passamento, prevenir o rouge-rouge, identificar o gatuno.

Lembro-me da festa do padroeiro de Umbuzeiro. O delegado acercou-se de mim: “vou anunciar na difusora que tenham cuidado, há ladrão na Festa: bateram minha carteira”. O tenente Rangel estava indignado, não respeitaram sua autoridade nem seu parco salário de delegado. O velho Rangel me ajudava a cobrar imposto, e eu não podia deixar sua imagem ficar comprometida. Ponderei: “Tenente, não faça isso; se o senhor anunciar que foi roubado, vai ficar desmoralizado”. O militar teve medo da chacota de que seria vítima e acatou minha sugestão.

O som da Festa pode anunciar o cavalo que fugiu do carrossel levando um menino na garupa. Os cavalinhos de carrossel são fujões, todo ano vão embora, e só voltam uma eternidade depois. Pode anunciar a mãe que se perdeu na multidão: “foi encontrada uma jovem mãe aflita, trajando vestido verde e olhos de mar; seu filho, de cinco anos, pode vir buscá-la na difusora”. E a Festa continua.

O poeta Eugênio Evtuchenko ouviu poesia em tudo, até na tutela opressora a que pode servir os alto-falantes da festa. Numa comemoração do primeiro de maio, ele ouviu o amplificador dirigir a massa: “as flores / não se vêem as flores / onde estão as flores”. O som da festa pode muito, até mudar o outono em primavera e fazer o povo florir. E amar. Por que não volta o apelo daquele tempo, a difusora anunciando a música dedicada à Linda de Tal, oferecida por um tímido anônimo “que muito lhe ama”? E que “não lhe esquece”? E que agora vai se jogar ao rio, ou à lagoa, ou ao ridículo de todos, ou simplesmente aos pés da amada que lhe foge na Festa.

Eu mesmo gostaria de oferecer uma gravação, um bolero oriental a um amor furtivo e fugidivo, que só aparece de ano em ano, e namora a todos, e vai embora como o balão que escapa às mãos e aos olhos de seu menino:

— Das Neves, escute, entenda, atenda: não vá. Volte, fique, permaneça; compreenda o tempo de um menino e de um cronista que toda a vida espera por você.

“

O som da Festa pode anunciar o cavalo que fugiu do carrossel

Sitônio Pinto

Foto Legenda

Clóvis Roberto



Homenagem ao sol

Artigo

Rui Leitão

riuleitao@hotmail.com | Colaborador

A ilusão da verdade

O julgamento das ações humanas deve ser baseado na verdade dos fatos. Mas o que é a verdade? Segundo Platão “Verdadeiro é o discurso que diz as coisas como são; falso aquele que as diz como não são”. A partir dessa afirmação, chegamos ao perigoso entendimento de que estamos sempre intimados a acreditar no que divulga a mídia ou nos discursos de convencimento de alguns políticos e dos que se julgam capazes de manipular consciências. É a verdade falseada com segundas intenções. É no conjunto ético e moral de uma sociedade que encontramos a “verdade”. Quando integramos uma sociedade corrompida, essa verdade fica comprometida e os julgamentos passam a ser arriscadamente contrários aos princípios de justiça. A nossa experiência pessoal, construída no ambiente social em que vivemos, é que nos induz a adotar pressupostos em relação a pessoas, fatos e circunstâncias. Por isso, passíveis de equívocos e distanciados da verdade. A ilusão da verdade domina nossa consciência crítica. Somos permanentemente bombardeados por informações falsas e muitas vezes intencionalmente incorretas. Com base nelas chegamos a formar opiniões que passamos a julgar como verdadeiras.

A História tem nos mostrado que muitas vezes aquilo que entendíamos como verdade absoluta tornou-se uma concepção falsa. Estamos sempre incorrendo em interpretações errôneas que nos levam a cometer injustiças. Essa é a razão do perigo do pré-julgamento. Quando nos antecipamos em julgar pessoas e situações sem a preocupação de buscarmos chegar próximos do que seja a verdade, o fazemos, muitas vezes, guiados por emoções, paixões, interesses pessoais, ou até mesmo influenciados por outros.

Nós, simples mortais, nunca conheceremos a verdade absoluta. Esse conhecimento só Deus possui. Mas podemos ser prudentes na admisão daquilo que nos parece, num primeiro momento, verossímil. Se deixarmos que a emoção se sobreponha à razão, certamente estaremos fadados a aceitar verdades que nos são convenientes momentaneamente, mesmo sabendo que elas estão evadidas de falsidades. E o que pode ser bom para nós individualmente, pode

“

A ilusão da verdade domina nossa consciência crítica

Rui Leitão

ser prejudicial para outros ou uma coletividade. Uma das regras básicas da falsa propaganda é a máxima atribuída ao nazista Joseph Goebbels, quando diz: “uma mentira repetida muitas vezes se torna verdade”. Mentiras com aparência de verdades. Propositadamente, profissionais inescrupulosos do marketing, tiram proveito dessa característica da psicologia humana, a de acreditar naquilo que é dito repetidamente. Torna-se uma técnica de persuasão. A repetição mascara a verdade. Nossas mentes são presas fáceis para a ilusão da verdade, também conhecida como efeito de validação.

A mentira, quando agride a moral ou a legalidade, causa graves influências emocionais, principalmente ao ser usada para atingir reputações, criar discórdia ou atacar aqueles que são considerados inimigos. Ai sim, são muitos os danos creditados a inverdades proferidas.

Não custa refletirmos sobre isso, a cada vez que nos sentirmos tentados a apontar o dedo em direção a alguém para acusá-lo, repetindo coisas sem a preocupação de verificar sua veracidade. Quanto menor o esforço cognitivo de uma informação, mais naturalmente ela é absorvida. É assim que funciona a engrenagem das notícias falsas, as famosas “fake news”. A ilusão da verdade é mãe da injustiça.

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

Amanda Mendes Lacerda
DIRETORA ADMINISTRATIVA,
FINANCEIRA E DE PESSOAS

Rui Leitão
DIRETOR DE RÁDIO E TV

A UNIÃO
Uma publicação da EPC

Av. Chesf, 451 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

André Cananéa
GERENTE EXECUTIVO DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 / 99117-7042
Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual R\$350,00 / Semestral R\$175,00 / Número Atrasado R\$3,00

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

O UVIDORIA : 99143-6762

Lídia Moura,
 Secretária da Mulher e da Diversidade Humana

Igualdade de gênero para inserir a mulher no seu espaço



Alexsandra Tavares
 lekaip@hotmail.com



Jornalista e ativista dos direitos humanos, a secretária da Mulher e da Diversidade Humana do Estado da Paraíba, Lídia Moura, fala sobre assuntos que valem reflexão nesse mês dedicado à mulher. No seu discurso estão a Lei Maria da Penha, o empoderamento feminino, as conquistas e tabus que envolvem esse público. Com um olhar consciente de que ainda há um longo caminho a ser percorrido para atingirmos uma sociedade mais justa, ela afirma que somente ações integradas podem ser eficazes para quebrar esse ciclo de violência e desrespeito voltado ao gênero feminino. Apesar das conquistas, do empoderamento delas, das leis protetivas, ainda há uma “guerra” sendo travada na sociedade. Lídia afirma, porém, que o mundo mais igualitário proposto pelas mães, trabalhadoras e filhas vai acontecer, mais cedo ou mais tarde. Confira a entrevista.

À entrevista

■ O Dia Internacional da Mulher é lembrado há mais de um século. Por que é importante comemorar essa data?

A data surge a partir de uma jornada de manifestações pela igualdade e direitos civis. E se mantém com mobilizações que iam desde o enfrentamento aos preços altos dos alimentos, ao desemprego, por mais condições de vida e o direito ao voto. Assim tem sido essa jornada. Por isso, é tão importante e emblemática essa data. Nunca esteve direcionada apenas a questões específicas das mulheres. Foi e é uma luta por garantia de direitos, que inclui, também, os direitos das mulheres, o enfrentamento às violências e a esse modelo fracassado de sociedade em que as mulheres são tratadas como cidadãs de segunda classe, por um modelo patriarcal, carcomido, excludente, que obriga as mulheres do mundo a lutar todos os dias por conquistas sociais, políticas, econômicas e a enfrentar a verdadeira guerra que perdura contra a vida das mulheres, numa escalada violenta e cruel que afronta os direitos humanos das mulheres, escalada que fez surgir, inclusive, um tipo penal próprio, que é o feminicídio.

■ Ao longo da história, a mulher exerceu papel secundário em muitos setores da sociedade, em outros, elas nem tinham o direito de participação. Em 2022, como a senhora avalia a conquista de direito das mulheres no decorrer das décadas?

Na verdade, a mulher era empurrada para um papel secundário. No contexto desenhado ao longo da história, a vida das mulheres foi reduzida à esfera do privado, a vida do homem sempre na relevância do âmbito público, onde ele exerce poder.

“

Escalada que fez surgir, inclusive, um tipo penal próprio, que é o feminicídio

Lídia Moura

Foi impresso nas mulheres, na esfera privada, os deveres de procriar, zelar pelo lar e a família. Essa esfera privada é tida nos estudos da filósofa Hanna Arendt como a casa da família, espaço privado da violência, onde é dado ao homem o direito de exercer amplo poder sobre a vida e a morte. Já o espaço público é aquele onde se decide a política e a vida em sociedade. Portanto, esse privativo “oferecido” às mulheres significa excluir-las de aspectos fundamentais da vida humana - como se não existissem. Já o público se estende para todas as pessoas e é a partir deste espaço de poder que ocorre a formulação para a existência da sociedade. Então, a sociedade é a parte que precisa compreender que a igualdade de gênero é a solução para refazer o caminho e inserir as mulheres nos espaços públicos de onde foram barbaramente excluídas. Esse não lugar, esse não direito fez com que as mulheres tivessem de lutar até pelo direito de estudar, de fazer a interlocução com o sagrado, já que era dito que não tínhamos alma, portanto, a interlocução com Deus tinha de ser feita pelo

pai, pelo irmão, pelo marido, por um homem da família, jamais por ela mesma. O direito ao voto só veio, no Brasil, em 1934. Veja que há uma trajetória histórica de exclusão.

■ E como foram surgindo as conquistas?

Apesar dessa dura realidade são muitas as conquistas. Toda a legislação e a estrutura de serviços para o enfrentamento à violência decorrem das lutas das mulheres. A intervenção para uma Constituição cidadã foi decisiva para os direitos civis e humanos. A carta das Mulheres aos Constituintes, de 1987, é um dos mais belos documentos da história brasileira. Decorre dessa intervenção conquistas como a plena igualdade de direitos e deveres na sociedade conjugal; estabilidade para a mulher gestante, licença paternidade, plena igualdade para os filhos, não importando o vínculo existente entre os pais; o ensino da história da África e da cultura afro-brasileira obrigatório desde a educação básica; educação como direito de todos e dever do Estado; política de proteção ao meio ambiente; criminalização de quaisquer atos que envolvam agressões físicas, psicológicas, sexuais à mulher, fora e dentro do lar; foi eliminada a expressão mulher honesta e foi proposta a criação de Sistema Único de Saúde, com serviços públicos de saúde e assistência médica integrada, submetendo-se os serviços privados às diretrizes e controle do Estado. Sim, as mulheres inventaram o SUS.

■ Elas ainda têm muito o que conquistar?

Há uma verdadeira guerra instalada contra as mulheres. Enfrentar e modificar essa violação de direitos ainda é o nosso maior desafio. O mundo deu passos para criminalizar o racismo, a degradação do meio ambiente, maus-tratos contra crianças e pessoas idosas, ações que embora careçam de ampliações e efetividade, houve avanços. Entretanto, para os crimes contra as mulheres parece existir um pacto “velado” de omissão até entre nações para impedir essa guerra contra as mulheres.

Há ações pontuais, construídas de legislações, medidas, serviços de proteção. Mas, somos sociedades que ainda discutem a validade do feminismo, a importância de uma educação contra masculinidades tóxicas, temos um sistema social que não enfrenta a misoginia, nem vê a escola como ponte para mudar conceitos e ensinar o respeito às mulheres, construindo uma cultura de não violência.

■ A ONU Mulheres e o Pacto Global criaram os Princípios de Empoderamento das Mulheres, a partir da observação de que há um papel das empresas para o crescimento das economias e para o desenvolvimento humano

■ Cite alguns passos para mudar essa realidade

O mundo, e de modo destacado o Brasil, ainda precisa atuar contra a guerra permanente instalada contra as mulheres. Um bom começo é trabalhar para a consolidação de direitos e passar a considerar as violências contra as mulheres como questão de saúde e segurança pública e também crimes de lesa-humanidade, posto que cometidos de forma generalizada em todo o mundo e de modo sistemático, em razão da condição do ser mulher – gênero feminino. Evidentemente, devem andar junto a isso o enfrentamento ao racismo, à LGBTfobia e também ações permanentes que garantam às mulheres o acesso à riqueza do mundo. É vergonhoso, mas até salários, as mulheres, recebem, em média, 30% menos que os homens, muitas vezes nas mesmas funções.

Respeito

Temos um sistema social que não enfrenta a misoginia, para ensinar o respeito às mulheres

■ Mesmo tendo que enfrentar muitos obstáculos no campo pessoal e profissional, a mulher conseguiu ter vez e voz em vários aspectos. Fale sobre a importância desse empoderamento.

O empoderamento é um termo visto com muito preconceito e nada mais é do que uma consciência coletiva por parte das mulheres, constituída de ações que rechaçam a inferioridade de gênero imposta pelo machismo. Algumas mulheres agem de ma-

neira empoderada mesmo sem saber, traçando um caminho cujo ponto final é o fortalecimento da igualdade entre os gêneros. Os obstáculos, evidentemente, ainda são muitos, mas eu diria que esse mundo mais justo proposto pelas mulheres não tem volta, vai acontecer, embora, ainda seja necessário debater até a divisão das tarefas domésticas, que ao invés de serem assimiladas como responsabilidade de toda a família são impostas às mulheres e meninas.

■ Quais as principais desigualdades enfrentadas pela mulher no campo profissional?

A violência, a exclusão, a redução da participação das mulheres nos espaços de poder, a violência política de gênero, tudo isso são fatores que ampliam as desigualdades. É necessário promover a equidade de gênero em todas as atividades sociais e da economia. Há que se adotar garantias para o efetivo fortalecimento das economias, com as mulheres nesse planejamento, compondo esses espaços, por meio do impulsionamento dos negócios, da melhoria da qualidade de vida de mulheres e crianças, atuando assim para um desenvolvimento sustentável, que considere a diversidade humana. A ONU Mulheres e o Pacto Global criaram os Princípios de Empoderamento das Mulheres, a partir da observação de que há um papel das empresas para o crescimento das economias e para o desenvolvimento humano. São um conjunto de recomendações para ajudar e envolver a comunidade empresarial a incorporar nos negócios valores e práticas que visem à equidade de gênero e ao empoderamento de mulheres. Esses princípios são importantes e vão resultar em outros desenvolvimentos, narrativas, ações.

■ Em pleno século XXI, a violência contra a mulher é muito latente em nossa sociedade. Por que isso ainda acontece?

A violência contra as mulheres foi naturalizada, assimilada como algo corriqueiro, que pode acontecer, pois decorre de um princípio de sociedade do domínio de um sobre o outro, a outra, no caso. A violência contra as mulheres ocorria e ainda acontece, de maneira naturalizada para a sociedade ao ponto de tornar-se bem conhecido um jargão popular: “em briga de marido e mulher não se mete a co-

Continuação

lher”. Essa reprodução de estereótipos implantados pelo machismo, sexismo e misoginia dificultam a efetivação de direitos sociais e humanos das mulheres, desestimula a denúncia, sobretudo minimiza e reduz a violência doméstica. Por muito tempo, foi um crime de menor potencial ofensivo. Além disso, as posturas de julgamento da sociedade terminam por culpabilizar as mulheres pela violência sofrida, provocando também a (re) vitimização ao menosprezar a complexidade da situação. É mais fácil julgar as mulheres do que a sociedade se engajar contra as violências. Só avançaremos quando a sociedade tomar para si essa tarefa, não tolerando qualquer tipo de violência contra as mulheres.

■ *O que evoluiu com relação à reação da mulher diante dessa realidade?*

Houve e há muita luta. A violência é de tamanha complexidade que envolve muitas questões, sociais, econômicas, modelos de organização social. Tudo isso foi enfrentado pelas mulheres e em meio a esses enfrentamentos fomos identificando vários marcadores, (gênero, raça e classe), por exemplo, que atravessam a vida das mulheres negras de maneira ainda mais violenta, como fatores demarcadores de opressões, violências e exclusões, que irão refletir no mercado de trabalho, no acesso ao sistema de saúde, nas políticas públicas e, óbvio, no sistema de justiça. É assim que sabemos que essas lutas devem ser conjuntas, de maneira interseccional.

■ *Nessa luta, qual a relevância da Lei Maria da Penha?*

Com a promulgação da Lei nº 11.340/2006, nomeada como Lei Maria da Penha, as violências cometidas contra as mulheres no espaço doméstico e/ou familiar foram tipificadas como crime. Além de trazer aspectos legais que promovem a punição dos agressores, a referida lei traz mecanismos de prevenção, acesso à informação, educação, diretrizes de atendimentos especializados e humanizados em rede, entre outros. E por esse modelo é considerada pela ONU uma das três leis mais importantes do mundo. Hoje, não se troca uma agressão por uma cesta alimentar ou serviço comunitário. Foi um grande avanço. Também foram importantes porque estabeleceu que os entes da Federação (União, Estados e Municípios), têm deveres para garantia de proteção da vida das mulheres. A adoção de leis específicas, como a Lei Maria da Penha e a Lei do feminicídio, muda a face dessa barbárie. Ou quando nada, mudam a resposta à barbárie.

■ *Por que há mulheres que ainda demoram a denunciar este tipo de violência? Um conjunto de fatores está rela-*

Direitos

Essa reprodução de estereótipos implantados pelo machismo, sexismo e misoginia dificultam a efetivação de direitos sociais e humanos das mulheres

cionado a essa postura?

Estudos mostram que a violência é tão perversa que gera na mulher o medo de sofrer nova violência ou violência ainda maior. Veja que com toda a legislação e proteção, serviços e políticas públicas, as mulheres são agredidas e mortas, em geral, por motivação banal. Ciúme, fim de relacionamentos, até uma comida preparada de modo diverso do que o machista quer pode ser um fator para a agressão. Também o lar, que é o lugar mais seguro para todas as pessoas, para as mulheres submetidas às violências é o lugar menos seguro.

A dependência financeira, a naturalização da violência e da dominação aos olhos da sociedade, sistemas familiares que cobram resiliência e submissão, a falta de acesso à riqueza, à renda, tudo isso são fatores que dificultam. É doloroso também aceitar que uma relação que foi de amor tenha se transformado em tortura, horror e morte.

■ *E todo esse desrespeito ocorre em nome de que?*

Sobre a violência contra as mulheres, não há explicações teóricas capazes de encerrar os debates. Contudo, existem fatores comuns: machismo, patriarcado, misoginia, sexismo e racismo, uma complexidade de fatores que coexistem para subordinar o gênero feminino. O seu contexto é diversificado, complexo, e afeta todas as mulheres, em todo o mundo, de todas as classes, nacionalidades, raça e etnia, orientação sexual, identidade e idades. Essas violências também acontecem nos espaços públicos e são praticadas por entes públicos, de modo institucional. As violações dos direitos humanos das mulheres são sistematizadas desde a mais tenra idade e são impostas de vários modos, dos costumes, culturas e tradições até as violências de dominação sobre a vida das mulheres que, não raras vezes, resultam em feminicídios, violências muitas vezes motivadas por sentimento de posse, controle sobre o corpo da mulher, tentativas de impedimentos da autonomia e modo violento utilizado para a limitação de sua emancipação profissional, econômica, social ou intelectual, fazendo vítima a mulher e a sociedade.

Então, é tudo isso e muito mais que dificulta a nossa reação. Não é fácil, essa labuta permanente pelo direito de viver sem violência.

■ *Com relação ao auxílio disponibilizado pela segurança pública à vítima, houve melhora ao longo dos anos?*

Sem dúvida. Esse conjunto de leis, serviços, políticas, todas construídas pelos movimentos feministas e de mulheres, trouxeram garantias e mais segurança.

Casas-abrigo, Centros de Referência da Mulher, Delegacias Especializadas de Atendimento às Mulheres, Brigadas, Rondas e Patrulhas Maria da Penha e um conjunto de leis necessárias, a exemplo da Lei Maria da Penha, aquelas contra a dignidade sexual (Importunação Sexual, Assédio, Estupro e outros, tipificados no Código Penal), tudo ajudou para melhoria da vida das mulheres e o enfrentamento às violências. A violência contra as mulheres é de uma complexidade tal, que também o seu enfrentamento exige complexa engenharia de ações articuladas. Nenhum ente dará conta sozinho, apenas o caminho de redes fortalecidas será capaz de responder.

■ *Esses serviços ainda têm muito o que ser aperfeiçoado? Por que?*

Como a violência é complexa e infelizmente se reinventa, temos de trabalhar para aperfeiçoar os serviços, mas também mudar conceitos. Um fator que requer o nosso olhar é o fato de, muitas vezes, a sociedade e até setores do Direito se referirem à especificidade da violência no contexto doméstico e familiar com o viés de mediação ou aconselhamento, dando prioridade ao significado de uma família e de um lar, sugerindo que a situação pode ser superada. Não devemos dar essa desculpa. Se o bom filho, o bom amigo, o bom pai, o bom colega de trabalho agrediu uma mulher, não podemos relativizar esse crime. Na Paraíba temos avançado. O governador João Azevêdo tem um olhar atento e comprometido, tanto que temos o Programa Integrado Patrulha Maria da Penha já em 60 municípios e sendo ampliado. Não há feminicídios registrados dentre as mulheres acom-

panhadas pelo programa, o que significa que é muito eficaz.

■ *E quais os desafios?*

O maior desafio é garantir a denúncia por parte das mulheres e da sociedade como um todo. Em geral, as mulheres que buscam ajuda evitam o feminicídio, que é o ápice dessa violência. Outro entrave que nos impede de avançar mais é o fato de persistirem práticas discriminatórias, inclusive e sobretudo no sistema judiciário, incluindo numerosos obstáculos para o acesso eficiente à justiça pelas mulheres em situação de violência. Ao buscarem a Justiça, as mulheres muitas vezes são revitalizadas, por vezes recebem tratamento discriminatório ou mesmo são excluídas por não terem recursos para a contratação de um advogado ou advogada. E aí o papel da Defensoria Pública é muito importante nesse processo.

■ *Cite outros obstáculos observados no sistema judiciário*

Há também obstáculos para o acesso à justiça pelas mulheres afetadas pela violência, como: pouco interesse e pouco preparo dos operadores da justiça na temática, resultado de poucas oportunidades de capacitação sistemática, sobretudo porque esse não é um tema de primeira linha nas discussões, permanece como algo secundário, tema de mulheres, quando deveria ser de todos e todas. Na Paraíba, o Governo do Estado, por meio da Secretaria da Mulher e da Diversidade Humana e outros órgãos de atendimento e enfrentamento à violência doméstica e familiar contra as mulheres, instituiu, após intensa cobrança dos movimentos feministas e de mulheres, sob orientação da ONU Mulheres Brasil, um Grupo de Trabalho Interinstitucional de Feminicídio (GTI), com a finalidade de adaptar à realidade da Paraíba às diretrizes nacionais para investigar, processar e julgar, com perspectiva de gênero, as mortes violentas de mulheres (feminicídios) ocorridas no estado. Esse trabalho resultou no Protocolo do Feminicídio com as diretrizes estaduais para prevenir, investigar, processar e julgar as mortes violentas de mulheres com perspectiva de gênero. O plano tem como finalidade que todos os órgãos de segurança pública e justiça do Estado adotem procedimentos comuns e uniformes nas ações e atividades para atendimento específico e situações de violência contra mulheres. Temos com isso um grande avanço. É uma política de Estado para o enfrentamento às mortes de mulheres. A sua aplicabilidade é um desafio, mas contamos com o apoio incondicional do gestor maior, o Governador do Estado, e isso não é pouca coisa.

UN Informe

Ricco Farias
papiroeletronico@hotmail.com

GOVERNO TENTA APRESSAR VOTAÇÃO DE PL ÀS VÉSPERAS DE PROTESTO NO CONGRESSO



Terá sido mera coincidência? Às vésperas de um grande ato marcado para a próxima quarta-feira, em frente ao Congresso Nacional, quando entidades e artistas irão protestar contra projetos de lei que tratam da flexibilização de licenciamento ambiental, da liberação de

mais agrotóxicos e do afrouxamento da legislação sobre exploração mineral em terras de indígenas, o líder do governo na Câmara dos Deputados, Ricardo Barros (PP-PR), entrou com pedido de urgência para apressar a votação em plenário do PL 191/2020. Do que trata a proposta? Justamente da possibilidade de serem extraídas reservas minerais em áreas indígenas demarcadas, na Amazônia. Prevalece o interesse econômico, em detrimento da preservação ambiental e da proteção às comunidades de índios. O 'Ato pela Terra - Contra o Pacote de Destruição', cujo um dos organizadores é Caetano Veloso (foto), certamente terá não somente repercussão no Brasil, mas também em nível internacional. "Todos os indicadores são de trágico retrocesso: desmatamento, emissões de gases de efeito estufa, perda da sociobiodiversidade, grilagem de terra, degradação de áreas protegidas, invasões a territórios indígenas e quilombolas, envenenamento dos alimentos, violência e criminalização contra populações tradicionais. E esse quadro pode não apenas piorar, como se eternizar, caso o Congresso resolva se aliar definitivamente ao presidente [Bolsonaro] em sua cruzada contra o país e o planeta", disseram, em nota.

A PROPOSTA ESTÁ EM COMISSÃO

O projeto PL 191/2020, que flexibiliza regras para exploração mineral em terras indígenas, ainda está sendo analisado pela Comissão de Minas e Energia da Câmara dos Deputados. Mas o Governo Federal tem envidado esforços para que seja logo levado para votação em plenário. Caso seja aprovado lá, ainda terá de passar pelos trâmites padrões no Senado Federal. Entre outros pontos, o foco é a extração de reservas de potássio para abastecer a indústria de fertilizantes.

PETISTA ALERTA SOBRE O 'JÁ GANHOU'

Ex-presidente do PT na Paraíba, Charliton Machado postou mensagem nas redes sociais na qual alerta o partido para que esqueça diferenças locais e se concentre na ampliação dos apoios a Lula. "É inaceitável essa narrativa do 'já ganhou' ou do 'exclusivismo' em prol de uma única candidatura regional. Temos que avançar no diálogo nacional por uma frente ampla para salvar o Brasil", disse. Pesquisa recente do PoderData revelou queda na diferença entre Lula e Bolsonaro (PL).

LULISTAS E BOLSONARISTAS JUNTOS?

Em passado recente, as deputadas Cida Ramos e Estela Bezerra, ambas do PT, travaram debates duros com Wallber Virgulino (Patriota) e Cabo Gilberto (PSL) - a formação ideológica delas é absolutamente distinta da dos dois representantes do bolsonarismo na Paraíba, obviamente. Agora, posicionadas como oposição ao Governo do Estado, terão, em tese, de integrar o mesmo grupo que eles, na ALPB. É grande a disparidade. É como tentar unir água e óleo.

SESSÃO: OS 60 ANOS DO HNL

A Câmara Municipal de João Pessoa fará sessão especial para celebrar os 60 anos de existência do Hospital Napoleão Laureano (HNL), na próxima quarta-feira, por proposição do vereador Milanez Neto (PV) - o Legislativo municipal leva a denominação de 'Casa de Napoleão Laureano' porque ele foi presidente no período de 1949 a 1951, tendo se afastado para tratamento contra um câncer. Ainda em vida, ele lutou para que o hospital fosse criado.

TÍTULO: VEJA O PRAZO ELEITORAL

Em menos de dois meses, precisamente até dia 4 de maio, será encerrado o prazo para a regularização de título eleitoral no país - assim como para a solicitação da primeira via do documento -, em tempo para votar neste ano. O mesmo prazo vale para o eleitor fazer transferência de domicílio eleitoral. O procedimento pode ser feito via Internet, pelo sistema Título Net no endereço <https://cad-app-titulonet.tse.jus.br/titulonet/novoRequerimento>.

LÉO BEZERRA SOBRE A OPOSIÇÃO: SE OCUPA EM "CRIAR FACTOIDES"

Léo Bezerra voltou a dizer que oposição está sem nomes para formar chapas e, por isso, "tenta criar factoides" para gerar instabilidade no grupo governista. "Estão atrás de uma cizânia para formar as chapas", afirmou. Ele citou a filiação do governador João Azevêdo ao PSB, quando representou o prefeito Cícero Lucena (PP) no evento. "Disseram que o prefeito não tinha ido, porque teria havido problema. Nunca houve. Cícero estava cumprindo agenda, em São Paulo".

Conceito

Como a violência é complexa e se reinventa, temos que aperfeiçoar os serviços e mudar conceitos

HÁBITOS DE CONSUMO

Capital tem cada vez mais veganos

Oferta de produtos destinados ao público adepto do veganismo também tem crescido em lojas e supermercados

■ O veganismo busca excluir todas as formas de exploração e crueldade contra animais, sejam elas na alimentação, no vestuário ou na produção de cosméticos

José Alves
zavieira2@gmail.com

“O veganismo é um estilo de vida cada vez mais conhecido e difundido em João Pessoa e a tendência é que esse público aumente a cada ano. A estimativa é que sete milhões de brasileiros sejam veganos”. A informação é do presidente do Conselho Regional de Nutricionista 6ª Região que representa os estados de Pernambuco, Paraíba, Alagoas e Rio Grande do Norte, Samuel Paulino. Ele destacou que o vegano busca excluir na medida do possível, todas as formas de exploração e crueldade contra animais na alimentação, vestuário, cosméticos e qualquer outra finalidade.

Para Samuel, quem busca o veganismo deseja mudanças, não apenas na qualidade de vida, mas também contribuir para a redução do impacto ambiental

causado pela indústria. Em João Pessoa já existem vários restaurantes veganos. “Eles são facilmente encontrados nas redes sociais e em sites de busca. Entre eles temos o Casa de Nara, Karanca, restaurante OCA e OGrão, entre outros. Também é possível encontrar produtos veganos nos supermercados da capital e também nos aplicativos de alimentos.

O nutricionista explicou que os hábitos de vida veganos são baseados em razões de saúde, éticas, ambientais, econômicas e até mesmo religiosas que contribuem para a preservação do meio ambiente. Afinal, os veganos não incentivam a crueldade animal (seja para consumo, seja em testes em animais e possíveis explorações animais por motivo de entretenimento). Eles buscam uma alimentação mais natural e menos industrializada, propondo um cardápio mais variado e equilibrado.

Nutrientes equilibrados

“Com uma alimentação isenta de produtos animais é possível obter todos os nutrientes, talvez à exceção da vitamina B12. Neste caso os veganos, para se certificarem de que ingerem a quantidade adequada de vitamina B12, devem consumir regularmente suplementos dessa vitamina, dar preferência às formas (metilcobalamina ou hidroxocobalamina) ou alimentos enriquecidos com ela (leite de soja, cereais e levedura de cerveja).

De acordo com o nutricionista, o cardápio vegano deve considerar as necessidades do indivíduo, seu estado nutricional, seus hábitos alimentares e o seu acesso aos alimentos. Por isso deve ser feito junto com um profissional nutricionista, para, juntos, definirem um cardápio nutricionalmente completo e equilibrado.

A jornalista Katiana Ramos, é vegana de ‘carteirinha’. Ela ressaltou que encontrar alimentos veganos em João Pessoa já está bem mais fácil atualmente. Mas sempre tem alguns alimentos como carnes e queijos vegetais que são mais difíceis de achar. “Como gosto de cozinhar, costumo fazer meus próprios alimentos em casa, a exemplo do feijão, lentilha e queijos vegetais. Mas na cidade os supermercados e

restaurantes já estão se adaptando com a venda de alimentos e pratos veganos. Também já temos lanchonetes servindo cardápio vegano, inclusive burger vegano”, observou.

Dois mil anos

Samuel revelou que apesar de parecer recente, a ideia de veganismo existe há muito. Evidências de pessoas optando por evitar produtos de origem animal podem ser rastreadas ao longo de dois mil anos. No ano 500 a.C., o filósofo e matemático grego Pitágoras promoveu a benevolência entre todas as espécies e seguiu o que poderia ser descrito como uma dieta vegetariana. Na mesma época, Siddhārtha Gautama (Buda) discutia dietas vegetarianas com seus seguidores.

Em 1806 surgiram os primeiros conceitos de veganismo com o doutor William Lambe e Percy Bysshe Shelle, primeiros europeus a se opor publicamente a ovos e laticínios por razões éticas.

Porém, foi apenas em 1944 que o termo veganismo foi criado por Donald Watson. Ele e mais alguns vegetarianos restritos (não consumiam ovos e leite) se uniram para organizar o movimento.

Comésticos especiais

Com o crescimento do movimento vegano as indústrias de cosméticos e vestuários mudaram suas linhas de produção para se adequarem a este público. Elas passaram a desenvolver linhas de produtos veganos e têm investido cada vez mais nesse nicho.

Os cosméticos são considerados veganos quando sua formulação não contém nenhuma matéria-prima de origem animal. Por exemplo, cera de abelha, mel, lanolina. Por possuem esta filosofia esses produtos não são testados em animais além de não conter ingredientes de origem animal. Atualmente, existem marcas certificadas e brasileiras, disponíveis no mercado e que estão começando a ganhar destaque no país.

Diversas empresas do mercado de cosméticos estão despertando para o veganismo e começaram a lançar suas primeiras linhas totalmente livres de ingredientes de origem animal. As marcas oferecem produtos tanto para as mulheres, como maquiagens e produtos para a pele, quanto para os homens, com shampus e cremes modeladores para o cabelo.

O consumidor vegano está cada vez mais consciente em relação ao meio ambiente e preocupado em produzir menos lixo. Com isso, as marcas estão investindo cada vez mais em produtos veganos e naturais que não possuem aditivos químicos e sintéticos, a exemplo da amônia ou ingredientes geneticamente modificados.

Fotos: Roberto Guedes



Estabelecimentos comerciais têm procurado oferecer produtos voltados ao público vegano



Artigos veganos ganham espaço nas prateleiras, acompanhando a alta da procura pelos consumidores



Indústria de comésticos também aderiu à prática vegana e tem se adequando a esse estilo de vida



Produtos cada vez mais diversificados são encontrados pelos veganos

Fotos: Juvandi de Souza Santos/Divulgação



Equipe do Laboratório de Arqueologia e Paleontologia da UEPB fez a descoberta na região de Catolé do Rocha, no Sertão paraibano, de um dos maiores sítios arqueológicos com gravuras rupestres do Brasil

DESCOBERTA HISTÓRICA

Mapeamento arqueológico no Sertão

Após autorização do Iphan, pesquisadores da UEPB analisam os vestígios achados em seis municípios

■ Pesquisa arqueológica será feita nos municípios de Catolé do Rocha, Brejo do Cruz, Belém do Brejo do Cruz, São José do Brejo do Cruz, São Bento e Pombal

Lucilene Meireles
lucilene@uepb.gov.br

A exploração da área polarizada pelo município de Catolé do Rocha, que abriga uma das maiores concentrações de sítios arqueológicos com gravuras rupestres do Brasil, descoberta em 2021, foi autorizada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). A portaria foi publicada no Diário Oficial da União no dia 7 de fevereiro e, a partir de agora, pesquisadores da Universi-

dade Estadual da Paraíba (UEPB) têm o direito legal de realizar pesquisas no sítio arqueológico.

As atividades foram aprovadas para seis municípios que fazem parte da região. De acordo com a portaria 01408.000021/2022-29, os pesquisadores têm um ano para percorrer o espaço e analisar os vestígios históricos. As atividades abrangem as cidades de Catolé do Rocha, Brejo do Cruz, Belém do Brejo do Cruz, São José do Brejo do Cruz, São Bento e Pombal.

O arqueólogo e paleontólogo Juvandi de Souza Santos, coordenador do Laboratório de Arqueologia e Paleontologia (Labap/UEPB), explicou que, após a localizar os sítios, foi elaborado um projeto de pesquisa e encaminhado ao Iphan.

Ele informou que cada descoberta passa pelas fases de prospecção dos sítios, ou seja, é feita uma varredura na área; cadastro nacional no Iphan; elaboração de projetos de pesquisas e o encaminhamento para o Instituto, responsável pela liberação das

atividades da equipe nesses locais. “A portaria permite que o trabalho seja feito com mais segurança e dentro da legalidade, seguindo a legislação”, enfatizou.

Conforme o pesquisador, todas as atividades arqueológicas no Brasil devem ter à frente um arqueólogo e sua equipe, devidamente autorizados pelo Instituto. Ele ressaltou que, antes da publicação da portaria que libera a exploração nos municípios da região, havia apenas um convênio com a prefeitura de Catolé do Rocha.

Descoberta do novo sítio surpreendeu pesquisador

O maior complexo arqueológico rupestre da Paraíba foi localizado, em agosto de 2021, durante um trabalho de mapeamento no município de Catolé do Rocha. O achado histórico fica no Sítio Arqueológico Malhada de Areia, na zona rural, a cerca de 20 quilômetros da cidade.

“Sem sombra de dúvida, é o maior sítio arqueológico da Paraíba”, ressaltou o professor Juvandi de Souza Santos, assim que a área foi descoberta. O trabalho foi feito com a ajuda de pesquisadores de Catolé do Rocha e, conforme o coordenador da pesquisa, os sítios constituem o maior complexo arqueológico em extensão e em quantidade de gravuras – são centenas – da Paraíba.

À época, ele relatou que a equipe sabia da existência de um fragmento

muito pequeno do sítio, mas jamais esperava encontrar tamanha quantidade, o que foi constatado quando os pesquisadores decidiram explorar mais adiante.

Ainda segundo o pesquisador, não existem traços que apontem a autoria das gravuras para um povo específico. Além disso, ele ressaltou que elas se repetem na Paraíba e os estudos ainda são escassos.

Tesouros sertanejos

A Paraíba apresenta uma quantidade gigantesca de ocorrências arqueológicas, paleontológicas e espeleológicas e, devido a essas riquezas, a região mais seca do estado se tornou celeiro para diversas pesquisas. As terras sertanejas, quase inférteis, castigadas pela estiagem, guardam

tesouros que ajudam a contar a história do lugar, de seu povo, dos costumes e da realidade de outrora.

Em 2021, sob a coordenação do Labap/UEPB, foram feitas descobertas importantes. Entre os achados estão os antigos fornos de cal, alguns cemitérios de bexiguentos – onde eram enterradas as pessoas que morriam de doenças contagiosas – e diversos sítios de arte rupestre na região polarizada por Catolé do Rocha.

O pesquisador Juvandi de Souza, que está à frente do Labap, destacou que os antigos fornos de cal foram localizados nas cidades de Caraúbas, Santa Cecília e Congo. Já os cemitérios de bexiguentos estão em municípios como Patos, Zabelê, Cuité e Pocinhos.

Além dessas descobertas, foi feito, no ano passado, o salvamento paleontológico em quatro tanques com a presença de fósseis de megafauna – animais de grandes proporções corporais que conviveram com a espécie humana. Foram cadastrados ainda vários abrigos rochosos e cavernas no interior do estado.

Além disso, em outubro do ano passado, três sítios arqueológicos – Batentes I, II e III – foram localizados no município de Itatuba. Apesar de serem áreas históricas conhecidas pelos moradores da região, não eram registradas no Iphan. A equipe do Labap/UEPB providenciou a documentação e encaminhou as fichas ao órgão nacional. Além do Sertão, os estudos do Labap/UEPB se concentram no Cariri e Seridó.

Museu de História Natural é ampliado em Campina

O Museu de História Natural da UEPB foi inaugurado há 11 anos e está passando por algumas mudanças. Recentemente, uma nova sala foi concluída, garantindo espaço mais amplo para abrigar as centenas de peças expostas de seu acervo arqueológico, paleontológico, faunís-

tico, florístico, espeleológico e geológico de Campina Grande e região.

“É um ambiente para visitação e pesquisas, e essa primeira sala será reaberta até o final desse mês”, comentou o professor Juvandi de Souza Santos, que também coordena o espaço.

Por enquanto, as visitas acontecem por agendamento através do e-mail juvandi@terra.com.br, mas a intenção é que, mais adiante, o Museu seja aberto durante quatro dias por semana. As visitas são orientadas por guias, alunos bolsistas da UEPB.

Instalado no antigo Museu de Artes Assis Chauteabriand, no Largo do Açude Novo, Centro de Campina Grande, o Museu de História Natural da UEPB funciona no prédio onde funciona atualmente a Secretaria de Cultura de Campina Grande.

DOENÇAS RARAS

JP busca destaque no tratamento

Idealizadora do complexo recém-inaugurado diz que objetivo é fazer da capital paraibana um centro de referência

André Resende
 andreresendejornalismo@gmail.com

Inaugurado no último dia 15 de fevereiro, o Centro de Referência Multiprofissional em Doenças Raras é apenas a quarta parte de um projeto maior. Um complexo que visa a abertura de oito equipamentos para atendimento de pessoas com doenças raras na capital paraibana. Saionara Ferreira, representante da Associação Paraibana de Doenças Raras e idealizadora do complexo, explica que o projeto saiu do papel após a Prefeitura de João Pessoa abraçar a ideia. O objetivo é fazer da capital paraibana referência no tratamento no país.

O complexo terá oito serviços, contando em sua estrutura com: escolas, creche, hospital, centro de referência, de reabilitação e casa de acolhimento. Saionara Ferreira explica que dos oito equipamentos, quatro estão funcionando. Atualmente ela está em Brasília para abrir o sistema no Ministério da Saúde para começarmos o processo de construção do Centro Especializado em Reabilitação (CER-4).

O complexo é dividido em três áreas: saúde, educação e assistência social. Na saúde são três equipamentos, que são o Centro de Referência Multidisciplinar, o Centro Especializado em Reabilitação, que vai atender a todas as deficiências e o Hospital de Referência em Doenças Raras e Deficiências, porque 82% dos pacientes com doença rara tem deficiência, explica Saionara Ferreira.

Na educação, o complexo vai contar uma escola inclusiva, a escola Escola Municipal Olívio Ribeiro Campos, que será a primeira unidade escolar inclusiva com Libras (Língua Brasileira de Sinais) como a segunda linguagem oficial na grade curricular.

“Vamos fazer uma creche para deficiências e doenças raras, e na assistência social nós já temos inaugurada uma casa de assistência, além da parceria com a Apae. Teremos também toda parte de capacitação e qualificação. Em abril faremos o primeiro curso de pós-graduação em doenças raras do mundo.

Em novembro, em Bra-

sília, será realizado o primeiro Congresso Internacional de Doenças Raras, com o apoio da Organização Panamericana de Saúde (Opas) e da Organização Mundial de Saúde (OMS) e com organização da Associação Paraibana de Doenças Raras.

Sobre a abertura do Centro de Referência Multidisciplinar em Doenças Raras, a idealizadora do complexo acrescentou que o número dos primeiros atendimentos e o perfil dos pacientes ainda não está definido, pois a unidade está operando na logística de “portas abertas”, sem necessariamente atender somente encaminhamentos de outras unidades. Ela acrescentou que a rede básica de saúde da cidade já está orientada a encaminhar casos de doenças raras para o novo centro.

“Daqui a três meses, vamos conhecer melhor o perfil e a demanda dos atendimentos, porque nesses primeiros três meses nós vamos operar com ‘porta aberta’. Não podemos fechar as portas nesse momento, atender exclusivamente regulados, porque tem muito paciente que nem atendimento teve, que ainda não teve atendimento num serviço de referência”, ressaltou Saionara Ferreira.

Ainda de acordo com a representante, o complexo vai operar com 100% dos atendimentos pelo SUS, com encaminhamentos vindos dos PSFs, UPAs, hospitais, de qualquer município do estado, do nordeste, do Brasil, até por conta da universalidade do SUS. “A gente não tem como atender a sete mil tipos de doenças, até porque a cada dia surge uma nova doença, mas a gente vai atender, a princípio, as doenças mais recorrentes no nosso estado”, concluiu.

No Brasil, existe uma estimativa de que existem 13 milhões de pessoas convivendo com doenças raras. O número é maior do que a população de alguns países, como Portugal, e maior que a população da cidade de mais populosa do Brasil, que é São Paulo. “Quanto mais centro de referência no país, mais pessoas vão ser tratadas dignamente, com profissionais de alto nível. Temos que cuidar não apenas do paciente como doente, mas como ser humano

“
O complexo é dividido em três áreas: saúde, educação e assistência social

Saionara Ferreira



Foto: Secom-JP



Foto: Arquivo Pessoal

Michele e o esposo são pais da pequena Manuela, de dois anos, que convive com a Síndrome de Patau, uma doença que causa déficit de desenvolvimento cognitivo e má formação de partes do corpo

também. Temos muito poucos serviços desse tipo no Brasil, a Paraíba é pioneira nesse aspecto. Vamos conseguir dar uma assistência acima de tudo humana, digna, para essas pessoas que convivem com alguma doença rara”, concluiu.

Para a secretária de Saúde de João Pessoa, Margareth Diniz, a inauguração do Centro no mês de fevereiro, quando é celebrado o Dia Mundial das Doenças Raras (28), reforça o compromisso com a assistência integral e de qualidade aos pacientes raros e seus familiares.

“A implantação do Centro de Doenças Raras de João Pessoa, sendo o primeiro do Nordeste e o segundo do Brasil, vem abrir um diálogo sobre o que são doenças raras, além de ser uma opção para busca ativa desses pacientes, bem como participação no tratamento e acompanhamento de pessoas que são diagnosticadas com doenças raras. Estamos muito empenhados em fazer acontecer esse serviço que será um ganho inestimável para a assistência das pessoas com doenças raras”, destaca a secretária.

A difícil rotina da pequena Manu

Michele Farias é jornalista e mãe da pequena Manuela, de dois anos, que convive com a Síndrome de Patau, uma doença que causa déficit de desenvolvimento cognitivo e má formação de partes do corpo. Michele conta que a filha nasceu com 36 semanas de gestação, mas apresentou hipoglicemia e foi levada para tomar soro na veia. Nesse momento, os médicos e enfermeiras identificaram características que indicavam a síndrome, como polidactilia nas mãos e pés, além dos olhos pequenos e o pescoço curto.

“Apesar disso, nenhum médico sabia dizer qual síndrome seria, mas descartaram down e edwards. Fizemos o cariótipo e, com 30 dias, recebemos o diagnóstico de trissomia 13. Ela tem uma má formação cerebral (afilamento do corpo caloso) e uma cardiopatia leve. Tem infecção urinária de forma recorrente e, recentemente, descobrimos que

ela também é uma hidradenite supurativa (doença crônica e rara que causa sérias lesões na pele)”, relata Michele.

Manu faz fisioterapia todos os dias, terapia ocupacional e sessões de fono três vezes por semana também. Também faz uso de três medicamentos de forma contínua, um para convulsão, outro para o coração e um para dormir, porque a má formação provoca nela um distúrbio do sono.

“Manu ainda tem dificuldade com texturas pastosas e sólidas, por isso as sessões de fono. Por enquanto, só se alimenta na mamadeira. É comum nas crianças com a síndrome o uso de gastrostomia e traqueostomia, mas Manu não precisou. Ela também tem alergia a proteína do leite de vaca, utiliza uma fórmula que custa R\$ 240 e dura em média dois dias uma lata. Tivemos muita dificuldade com o poder público e tivemos que acionar a justiça para ga-

rantir que ela recebesse a quantidade correta”, conta Michele Farias.

A jornalista explica que é muito caro todo o tratamento e uma luta constante com o plano de saúde. Michele conta que a consulta com a neuro é particular, porque os que atendem pelo plano nunca tem vaga. Isso gera um custo de R\$ 500 a cada três meses. “As infecções sempre surgem, então gasta muito com medicamento antibiótico. Tivemos gastos também com a cadeira de rodas adaptada e outros equipamentos para mobilidade dela”, acrescenta.

“Terapias, consultas e exames podem ser feitos pelo SUS, mas demoram tanto e no caso de uma criança síndrômica tudo precisa ser com mais urgência”, contou. Manu já passou por atendimento na Funad, e o serviço foi muito elogiado pela jornalista, mas pelo fato de Manu ter plano, ela optou por não ocupar uma vaga no sistema público.

28 de fevereiro é o Dia Mundial das Doenças Raras

■ Data foi criada em 2008 para trazer visibilidade ao tema. Segundo dados da OMS, 65 a cada 100 mil pessoas têm alguma patologia de baixa frequência

O dia 28 de fevereiro marca o Dia Mundial das Doenças Raras, data criada em 2008 para trazer visibilidade ao tema. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), 65 a cada 100 mil pessoas têm patologias de baixa frequência.

Esse é o caso do pequeno Benjamin, de três anos, que aos cinco dias de vida recebeu o diagnóstico de epidermólise bolhosa juncional (JEB), doença de pele genética, hereditária, rara e ainda sem cura. Dados do Ministério da Saúde estimam que cerca de 500 mil pessoas em todo o mundo têm esta doença. No Brasil, de acordo com a Associação DEBRA,

que busca difundir conhecimento sobre a epidermólise bolhosa (EB), são 802 pessoas diagnosticadas com a enfermidade.

“O Benjamin tem uma condição muito grave, com aproximadamente 80% do corpo lesionado. Para contextualizar, podemos associá-lo a um paciente queimado. Ele também é traqueostomizado”, explica a mãe do menino, Debora Benetti Botini, de 39 anos.

Por conta da condição da pele, considerada o maior órgão do corpo humano e, portanto, de grande exposição, o ambiente hospitalar apresenta um alto risco de infecções a Benjamin, que recebeu re-

comendação médica para o home care, formato de serviço de saúde a domicílio, com foco no conforto e minimização de riscos para os pacientes. Segundo Debora, o pequeno recebe o atendimento em casa desde os dois meses de vida, o que proporciona segurança e redução do risco de agravamento do quadro.

A enfermeira responsável por Benjamin é Desirée Chodor, coordenadora de Projetos em Saúde da Lar e Saúde, referência nacional em atenção domiciliar. Para a profissional, o home care é um serviço fundamental para levar qualidade de vida a pessoas que vivem com doenças raras.

“Nós vemos, logo que o paciente volta do internamento no hospital, a gratidão, a alegria e o conforto que ele sente por estar em casa. Só isso já é um diferencial, principalmente no aspecto psicológico”, ressalta.

Para realizar a troca dos curativos de Benjamin, Desirée desenvolveu com o garoto um forte vínculo de confiança, já que o processo demora até cinco horas para ser realizado e ocorre todos os dias. A relação entre profissional e paciente, portanto, é de muito amor e carinho.

“Eu acredito que o sucesso do atendimento é resultado da confiança mútua que a gente estabeleceu. Essa é uma

doença que causa bastante dor, então qualquer procedimento que eu faço nele, seja curativo ou banho, é muito doloroso. O processo é demorado, então nós estabelecemos uma rotina na qual ele também come, descansa e brinca. Eu acredito que o atendimento domiciliar é isso: não focar só na doença, mas no contexto da casa. Quando nós entramos no lar de alguém, precisamos ouvir e apoiar a família, ser mais um membro desse núcleo. O home care é um diferencial não só para o paciente, mas para os familiares e todas as pessoas que estão presentes no dia a dia de quem é atendido”, finaliza a enfermeira.



Foto: Reprodução

■ A igreja, que foi construída onde estava a capela, em 1873, continua sendo mantida pelos padres e fiéis da comunidade

VALE DO PARAÍBA

Gurinhém, a joia rara do Agreste

Município já esteve como terceiro produtor de algodão do Estado. Atualmente, se destaca pela criação bovina

José Alves
zavieira2@gmail.com

Conhecida como a “Joia rara do Agreste” por suas belezas naturais, a cidade de Gurinhém tem como principal fonte de renda e atração turística a Serra do Catolé. Do topo da elevação, que fica a 420 metros acima do nível do mar, as pessoas que amam o turismo de aventura e rural conseguem visualizar as cidades de João Pessoa e Campina Grande, que se situam a cerca de 70 quilômetros da colina. “A Serra do Catolé é uma experiência que faz as pessoas refletirem sobre o quanto a Paraíba é rica e cheia de destinos surpreendentes”, elogiou o diretor de Turismo do município, Rafael Brito Ribeiro Coutinho.

A Serra do Catolé é o ponto do município mais procurado pelas pessoas que praticam trilhas de bike ou a pé. Principalmente pelos que praticam esportes radicais, a exemplo de rapel ou escalada. Outro destaque da cidade é a produção da jaboticaba. “Lá são servidas diversas bebidas e alimentos tendo como base essa fruta, a exemplo de licores e geleias. Em Gurinhém, a jaboticaba é tão importante para a economia local que é considerada o ‘ouro negro’ da cidade”, informa Rafael.

Em razão de diversos investimentos do Governo do Estado, Gurinhém foi incluída, pelo Ministério do Turismo, no Programa Vale do Paraíba. Ele contou que o município já despontou como o terceiro produtor de algodão do estado, mas atualmente se destaca pela criação bovina, pela agricultura familiar e pelo artesanato com diversas fábricas de rede. O diretor de Turismo afirma que a economia do município tende a se desenvolver ainda, mais porque a prefeitura local já lan-



Foto: Reprodução

Gurinhém significa o cantar de pássaros. Tem como vizinhos os municípios de Mulungu, Caldas Brandão, Alagoinha e Mari

Gurin-Y-Ê

É o nome do rio que deu origem ao município. Também já foi conhecido como Rio Cantagalo

çou a pedra fundamental para a construção do Distrito Industrial.

Com apenas 63 anos de emancipação política, Gurinhém fica a 77 quilômetros de João Pessoa e tem uma população estimada em pouco mais de 14 mil habitantes. Envoltas por grandes serras, a cidade também atrai turistas por apresentar uma alvorada e pôr do sol como verdadeiros espetáculos da natureza.

O distrito foi elevado à categoria de município com a denominação de Gurinhém pela Lei Estadual nº 2917, de 19 de dezembro de 1958.

Banda marcial é orgulho dos moradores

Na cultura, o orgulho dos moradores é a banda marcial da cidade. Criada no dia 26 de março de 2002, a banda formada por músicos e instrumentistas locais foi cinco vezes campeã paraibana. Ao longo de sua história, já realizou 511 apresentações em 76 municípios de três estados do Nordeste.

A principal festa da cidade é a de Nossa Senhora da Conceição. Todos os anos, no mês de outubro, é celebrada uma semana de devoção à santa. Após uma semana de festa, com grandes atrações, o encerramento acontece com uma missa no domingo. Paralela à festa também acontece a escolha da Garota Verão, um evento que atrai moradores de toda a região e onde os principais pratos servidos são o carneiro e a carne de sol.

É no município de Gurinhém, mais precisamente numa área conhecida como Matão, que vivem cerca de 40 famílias quilombolas. São pessoas que sobrevivem do próprio trabalho, principalmente da agricultura, destacando-se o cultivo de feijão, fava, milho, macaxeira e batata-doce, além da criação de



Foto: Reprodução

Formada por músicos locais, foi cinco vezes campeã paraibana

animais e do plantio de árvores frutíferas.

As comunidades quilombolas são grupos étnicos predominantemente constituídos pela população negra rural ou urbana, que se autodefinem a partir das relações com a terra, o parentesco, o território, a ancestralidade, as tradições e práticas culturais próprias. Estima-se que em todo o país existam mais de três mil comunidades quilombolas. Gurinhém, que significa o cantar de pássaros, tem como vizinhos os municípios de Mulungu, Caldas Brandão, Alagoinha e Mari.

Obras

Entre as principais obras que estão sendo realizadas no município pelo Governo

do Estado, destaca-se a restauração da PB-063, ligando Gurinhém, Mulungu e Alagoinha, na região do Brejo e Agreste, em fase de conclusão. Com uma extensão de 25,8 km e investimentos de aproximadamente R\$ 7 milhões, utilizando recursos próprios do Tesouro Estadual, os serviços devem ser concluídos no primeiro semestre deste ano.

A obra contempla a população dos três municípios, proporcionando mais segurança aos seus motoristas e pessoas residentes na região, onde o tráfego de veículos é bastante intenso. A restauração está sendo executada pelo Departamento de Estradas de Rodagem da Paraíba.

Com a restauração, o Governo do Estado proporciona

■ A cidade também atrai turistas por apresentar uma alvorada e um pôr do sol como verdadeiros espetáculos da natureza

a modernização e ampliação da infraestrutura rodoviária, facilita o escoamento da produção econômica local, reduz o custo do transporte e oferece conforto e segurança aos seus usuários, melhorando, inclusive, a qualidade de vida da população.

História

A real história do município ainda é pouco conhecida. Por meio de pesquisa feita no local, por padres, entre os primeiros moradores, soube-se que a povoação de Gurinhém originou-se por volta de 1820, quando um grupo de padres jesuítas procedentes da serra de Fagundes encontrou num pequeno monte uma imagem sacra. No local, eles ergueram uma capela em homenagem a Nossa Senhora da Conceição. E, até hoje, a igreja que foi construída onde estava a capela, no ano de 1873, continua sendo mantida e conservada pelos padres e fiéis da comunidade.

Em torno dessa capela fundou-se o povoado que, mais tarde, deu lugar ao município. Naquela época, ficou marcado também o fato de que era em sua sacristia que os escravos negros eram batizados.

Foto: Reprodução



MARINÊS

Rompendo a barreira do machismo

Pesquisadoras ressaltam a importância da cantora e compositora Marinês como uma desbravadora pioneira do protagonismo feminino no forró

Artista pernambucana e paraibana de coração é a grande homenageada da 5ª edição do Festival de Música da Paraíba, cujas inscrições se encerram hoje

Guilherme Cabral
guilhermecabral@epc.pb.gov.br

Neste mês dedicado à mulher, cujo dia internacional é comemorado na próxima terça-feira (8), a cantora e compositora Marinês (1935-2007) é uma referência na área da música e ficou conhecida como a Rainha do Xaxado. “Ela foi precursora, grande cantora, é o primeiro nome feminino a difundir o gênero do forró pelo Nordeste, a partir de Luiz Gonzaga, de quem chegou a abrir shows, e obteve uma grande conquista ao romper a barreira do machismo, na área do forró, ter seu espaço e, com isso, influenciar no surgimento de novas cantoras ao longo dos anos, sendo Elba Ramalho um exemplo”, afirmou a pesquisadora e cantora Maria Kamila, vocalista da banda Os Gonzagas.

“Marinês foi uma das artistas mais ousadas, ao enfrentar um ambiente predominantemente dominado pelo machismo como é o do forró, superar, certamente, as muitas dificuldades e, mesmo assim, ter conseguido ocupar o seu espaço. Com isso, ela agiu de forma inovadora, valorizando e divulgando o forró”, disse a presidente da Associação Cultural Balaio Nordeste, Joana Alves.

A propósito, a pernambucana e paraibana de coração é a grande homenageada da 5ª edição do Festival de Música da Paraíba, cujas inscrições se encerram hoje. Os artistas interessados em concorrer precisam acessar o formulário e edital disponíveis no endereço eletrônico da Rádio Tabajara (www.radiotabajara.pb.gov.br/festivaldemusica).

Espaço

Marinês obteve uma grande conquista ao romper a barreira de ser uma mulher na área do forró e influenciar no surgimento de novas cantoras ao longo dos anos

Em 2019, Maria Kamila realizou, na Sala de Concertos Maestro Radegundis Feitosa da UFPB, localizada em João Pessoa, o recital de conclusão do curso de Música, cujo repertório foi baseado em canções gravadas por Marinês. “Fiz uma releitura das músicas cantadas por ela, tanto as mais famosas como as do ‘lado B’. Abri o show com a música ‘Cheguei pra Ficar’; cantei ‘Mundo de Amor’, primeira canção gravada por Marinês e primeira composição de Dominginhos; ‘Desabafo’, de Antônio Barros e Cecé; ‘Forró em Limoeiro’, de Jackson do Pandeiro; ‘Onça Caetana’, de Sivuca; ‘Peba na Pimenta’, talvez o maior clássico de Marinês”, relembrou a cantora.

Entre as que considera não tão conhecidas do público, Maria Kamila interpretou ‘Gírias do Norte’, um coco de Jacinto Silva,

e ‘Baião de Viola’, composição de João do Vale. “Para marcar a minha trajetória de pequenos recitais na Universidade Federal da Paraíba, a música ‘Cantador Latino’, de Sivuca, e ‘A Mulher que Virou Homem’, gravada por Jackson do Pandeiro, porque na ocasião estava sendo comemorando o seu centenário de nascimento”, disse a pesquisadora.

O fio que norteou Kamila para o repertório do recital foi a maneira de Marinês interpretar, a “força que tinha de cantar e que representava o trabalho dela como um todo”, confessou ela, que tem ouvido sugestões para apresentar essa mesma apresentação para o público.

O interesse de Maria Kamila em se tornar uma pesquisadora da obra de Marinês surgiu quando realizava o curso de Música na UFPB. “Os quatro primeiros semestres fiz canto lírico, mas depois migrei para o canto popular, pela estética da minha voz, por afinidade, porque cantava forró fora da universidade, gostar de ser nordestina, pois sou paraibana da cidade de Mamanguape, e vir de uma família onde se ouvia forró. Então, durante o curso, me identifiquei com o trabalho de Marinês, por causa do seu sotaque nordestino, a expressividade vocal nas nuances rítmicas e um jeito de cantar sempre com muita força e com uma voz de peso, além de empoderamento da mulher e sua obra musical como legados”, explicou a cantora.

Kamila considera a Rainha do Xaxado uma referência para si e influência na sua carreira, tendo mencionado como um exemplo o ano de 2019, quando competiu no programa *The Voice Brasil*, trans-

mitido pela Rede Globo. “Eu tinha cantado ‘Feira de Mangaio’, de Sivuca e Glorinha Gadelha; ‘Coração Bobo’, de Alceu Valença, e ‘Tenho Sede’, de Dominginhos e Anastácia. As outras músicas que eu tinha engatilhadas eram ‘Bate Coração’, de Antônio Barros e Cecé, gravada por Elba Ramalho e Marinês, e ‘Chiclete com Banana’, de Jackson do Pandeiro, mas acabei saindo da disputa antes”, revelou a paraibana.

A presidente da Associação Balaio Nordeste, Joana Alves, também ressaltou a importância do pioneirismo e a ousadia de Marinês em abrir espaço num ambiente até então dominado pelos homens. “Esse mercado ainda continua muito machista até os dias de hoje, infelizmente, pois, no Brasil, para cada 10 homens forrozeiros há três mulheres e acredito que essa é a mesma proporção em âmbito de Paraíba. É preciso começar a mudar esse quadro através do empoderamento da mulher”, alertou ela.

Joana Alves observou que a Rainha do Xaxado surgiu no cenário nacional do forró numa época em que já estavam no mercado algumas artistas do gênero, a exemplo de Anastácia, Clemilda e Hermelinda. “Marinês deve ter sofrido bastante preconceito, por causa do machismo, para conseguir se sobressair. Mas, além da qualidade da sua obra, acredito que outro fator que contribuiu para Marinês obter o respeito nesse meio foi o apoio recebido por grandes artistas, ter o marido, um sanfoneiro, ao seu lado, bem como ter vivido num ambiente familiar que gostava do forró. Ela tem uma história aguerrida e de coragem. Ela

foi uma guerreira, assim como é Anastácia, que foi casada com Dominginhos e tomou a decisão de continuar cantando e compondo e até hoje sobrevive”, afirmou a presidente da Associação Balaio Nordeste, que também é a coordenadora do Fórum Nacional de Forró. “Marinês manteve seus princípios e não vendeu a sua música no sentido de incursionar por outros estilos, permanecendo no forró tradicional”, pontuou ela.

Há um lamento do fato de que o mercado do forró continuar dominado pelo machismo e apresenta alguns aspectos diferentes do forró tradicional e pé de serra, nas palavras de Joana. “As letras das composições são péssimas, pejorativas, de cunho machista e de duplo sentido. E quando a mulher participa das apresentações é, geralmente, para expor partes do corpo, com o objetivo de vender shows e bebidas”, comentou Joana Alves, que considera justa a homenagem que o Festival de Música da Paraíba presta a Marinês neste ano, um evento que prima pela diversidade e qualidade das canções selecionadas.



Através do QR Code acima, acesse o site oficial da Rádio Tabajara

Artigo

Estevam Dedalus
Sociólogo | colaborador

Uma nova ordem mundial

Não tenho dúvidas que o mundo sairá diferente depois da guerra entre Rússia e Ucrânia. Os EUA são o império mais poderoso da história da humanidade. Sua força se deve a combinação de um poderio militar descomunal, com liderança econômica, forte influência sobre os organismos de governança internacional e a cultura globalizada.

Eles foram essenciais na criação da institucionalidade do mundo após a Segunda Guerra, isto é, na criação da ONU e de instrumentos como o Conselho de Segurança, o FMI, a OMC, a proclamação dos Direitos Humanos etc.

Outro fator decisivo para a dominação norte-americana é o dólar, desde que se tornou a moeda de referência internacional. Os EUA também controlam o sistema que permite transações econômicas e os pagamentos entre instituições bancárias internacionais, o Swift. Utilizado por empresas e países.

Tudo isso dá enorme vantagem aos norte-americanos. Com o fim da União Soviética, parecia então que eles dominariam o mundo de maneira absoluta, sem concorrentes. O fim da história, como preconizou Francis Fukuyama, não aconteceu. A ascensão chinesa é o maior risco à hegemonia econômica dos EUA. A reestruturação russa, que andou combatida com a queda da URSS, especialmente com a modernização de seu arsenal militar, também ajudou a reequilibrar as relações de força na geopolítica mundial.

Estamos presenciando um deslocamento do eixo de poder mundial do Ocidente para a Eurásia. Esse processo, como vemos, não está acontecendo de maneira harmoniosa. O imperialismo se sente ameaçado e procura a todo custo manter sua hegemonia. A guerra entre Rússia e Ucrânia é parte decisiva dessa história.

Estrategicamente a Otan se expandiu para o leste europeu, aproveitando o vazio de poder deixado pela URSS, ao criar um cerco militar em torno da Rússia. Não satisfeita com o avanço ao leste, a Otan pretendia incorporar a Ucrânia, o que de modo prático significaria que mísseis e bases militares dos EUA poderiam ser instalados na fronteira russa.

A Otan foi criada no contexto da Guerra Fria, para fazer frente a URSS. Ela acabou servindo como mecanismo de dominação norte-americano, ao permitir a presença militar do país em áreas estratégicas na Europa. Como também a submissão dos principais países europeus à influência militar dos EUA. Em muitos casos, a Otan desempenharia o papel de garantir domínio sobre áreas ricas em petróleo e outros recursos naturais.

A Rússia de Putin, através das armas, tenta colocar um freio no expansionismo da Otan e estabelecer desse modo maior equilíbrio na correlação de forças. É preciso esperar para ver se isso é possível. Os russos são inegavel-

mente uma potência militar, em algumas áreas mais poderosas e com equipamentos mais sofisticados do que os norte-americanos. Por outro lado, a economia russa é muito pequena se comparada à dos EUA.

Resta saber se as sanções aplicadas pelos EUA e a Europa serão suficientes para barrar os planos de Putin. Há sempre o perigo de que a burguesia nacional fique insatisfeita com as medidas retaliativas tomadas pelo Ocidente e tente derrubar Putin, além do que manifestações populares contra a guerra possam eclodir e as condições econômicas internas se deteriorem.

No entanto, é bastante arriscado para o Ocidente tentar encerrar Putin e um país com tamanho poder militar como a Rússia. Reações duras e inesperadas podem acontecer. O presidente russo deixou de prontidão as forças nucleares do país, num sinal claro de que não se intimidará com a Otan.

É possível que as pesadas sanções econômicas impostas à Rússia ajudem a aprofundar os laços do país com a China, gerando uma maior integração eurásiana. Uma vitória russa nesse conflito tende a precipitar o surgimento de um mundo multipolar, com consequente declínio do imperialismo norte-americano.

Nesse caso, o fim da hegemonia dos EUA e o surgimento de uma nova ordem mundial se tornariam cada vez mais real.

Kubitschek
Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

Menina bonita

Eu estava numa sala fria, quando ouvi um som, esse tipo de tecnologia que as empresas colocam no ambiente e tocam baixinho sem parar. Ou seja, toca tudo.

Você pode pensar que tudo dá em samba, tudo desperta para um texto e agora mais do que nunca, mas nunca deixe de ouvir música.

A voz cantava 'Menina Linda eu te adoro', que é uma versão de Renato e seus Blue Caps, da canção ('I Should Have Known Better') de John Lennon e Paul McCartney.

A canção é linda e eu me pego cantando. Mas a moça que estava fazendo o ecocardiograma em mim, disse a outra: "Mulher, eu adoro essa canção de Bel Marques", que parecia ser ele cantando ali. Como eu não sei direito quem é Bel Marques, o "chicleteiro" que o prefeito de Cabedelo Victor, adora e venera, deixei passar.

Meu coração acelerou, mas deu certo. Coração é terra que ninguém anda, repetia minha mãe, mas ela estava errada, coração é terra que ninguém manda. Não levamos isto tão a sério, essa fé de gostar muito das pessoas. Eu gosto.

Claro que eu não ia dizer a moça que a canção não é Bel Marques, o baiano fofo da Bahia, que alucina a galera. Eu não curto, nem quando ele canta menina linda eu te adoro.

Nessa confusão, nas coisas que vemos, fazemos, escrevemos, há um discreto pulsar que enreda a pele, e a gente dança não conforme a música, pelo menos eu. Só danço samba. Sem samba não dá, né Francisco Taboza?

Tombamos de ritmos que nos agradam noite e dia. Outro dia, o menino de Brasília, Francisco Taboza, mandou um vídeo, ele dançando e mostrava só os pés, aliás, os tênis, não o All Star azul do Nando Reis, pois, o fundo musical era 'Sem Samba Não Dá', do novo disco de Caetano Veloso.

Eu tenho amizade com meninos, mas prefiro as meninas, não que eu seja bi ou trilionário, nem frequente o site Tinder. Sou do tempo que o olhar já mostrava o caminho do beijo e muito mais.

Vem lá dos trilhos das estranhas, o odor da flora vaginal que vibra como memoráveis passagens, intercursos, tocando uma espécie de canção, uma percussão, no entra e sai dos cantos morenos. É bom demais. Talvez por isso só dure apenas alguns minutos.

Como não amar a versão 'Menina Linda' de Renato e seus Blue Caps, talvez com o Bel Marques, que deixou a moça confortavelmente e meu coração saindo pra boca.

É disso que nos alimentamos, do absurdo, do sol, da lua, do prazer que lembra o sexo dos anjos, sim, anjos têm sexo, sabia?

Sexo luminoso nas noites de verão, na mesa do jantar, no cantinho da sala, menina linda eu te adoro...

Eu peço desculpas de estar falando novamente de música aqui na coluna, dessa arte rasgando manhãs, o som que vem do barro e suas doçuras, e as melhores letras, os blues do Djavan, as mulheres de Chico Buarque, Caymmi, Ary Barroso, a voz de Jamelão, Paulo Vanzolini e Jobim.

Garanto que vou escrever sobre os últimos desejos de Noel, o circo pegando fogo e o terror de quem se perde no caminho para a eternidade, afinal, neste ano, são 700 anos de Dante.

Talvez páginas de ficção, bem depois de um eco vertebrado que persiste, a música de Mozart, as estações de Vivaldi, até que tudo volte a fazer sentido para nós.

Mas eu gosto de meninas lindas. Minha mãe era linda, branquinha e pororoquinha. Lembro dela na lua cheia, tomando banho numa bacia de zinco. Ali nascia minha liberdade.

Kapetadas

1 - R\$ 2 milhões para o povo devastado pelas chuvas em Petrópolis; R\$ 5 bi de fundo eleitoral; continue babando ovo pra político. Tá certinho;

2 - O único vitorioso numa guerra são as fakes news;

3 - Som na caixa - "Ó mulher de tez nobre, toma tudo e me tem", CV.

Foto: Reprodução



Renato e seus Blue Caps, banda de rock formada nos anos 1960

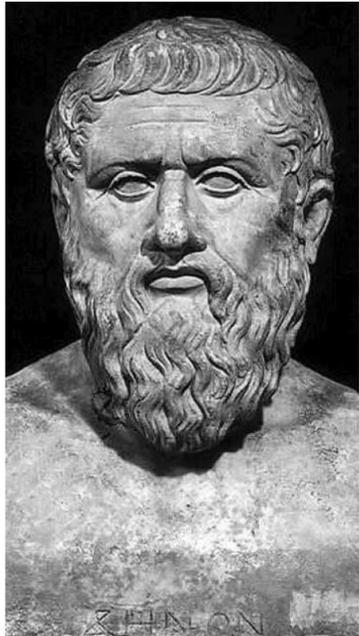
Estética e Existência

Klebber Maux Dias

klebmaux@gmail.com | colaborador

Conceito de política em Platão

Foto: Reprodução



Platão: o exercício da política deve construir o bem comum e a felicidade de todos

Platão (428/427 a.C.-348/347 a.C.) foi filósofo e matemático grego do período clássico da Grécia Antiga e fundador da Academia de Atenas. Uma de suas teses afirma que a arte da política só pode ser conduzida através dos mais capacitados intelectualmente e habilitados em exercer a administração da cidade/pólis em benefício ao bem comum ou ao bem-estar social de todos. E a má administração - de alguns perversos - faz com que a injustiça aumente na sociedade. Nesse contexto, um dos objetivos da política é corrigir às injustiças.

O livro *A República* (370 a.C.) é um diálogo socrático escrito por Platão, que constrói uma definição universal do que se entende por justiça. Nessa obra, a justiça é definida como uma vontade de um cidadão ao exercer sua profissão de forma virtuosa, e é apresentada duas modalidades de justiça: uma, absoluta; outra, relativa. A absoluta tem como princípio de que toda ação pode ser justa ou injusta e não pode beneficiar a vontade do mais forte. A relativa é humana, que se constitui nos princípios da "alma", e tenta aproximar-se dela o indivíduo virtuoso. A justiça humana torna-se uma virtude necessária à vida em comunidade ou em sociedade, a fim de garantir a convivência harmoniosa entre todos. Sócrates (470 a.C.-399 a.C.), também filósofo grego, idealiza uma cidade ou Estado que prioriza o bem comum, e a justiça deve surgir a partir da unicidade entre quatro virtudes, são estas: a moderação, a coragem, a sabedoria e a própria justiça. Sócrates propõe ao cidadão a viver em uma vida virtuosa, e Platão sugere que esse modelo seja o mesmo de uma ação de Estado, representado em suas políticas públicas. Em relações às virtudes, a moderação conduz o equilíbrio das vontades com a prudência de realizá-las, de forma a evitar excessos e de priorizar a harmonia do convívio social. A coragem é atitude de ímpeto, a fim de enfrentar situações difí-

ceis ou perigosas. A sabedoria é constituída de conhecimentos adquiridos através de intuições e de inspirações transcendentais, que são constituídas de uma essência da própria alma, que aproxima o indivíduo ao divino. A justiça é a virtude comum a todos e faz com que todos os direitos sejam respeitados e constrói o relacionamento harmonioso entre indivíduos.

Na Grécia Antiga, mais intensamente no período antes de 430 a.C., o indivíduo participava das decisões políticas da cidade/pólis. Isso permitia criar um sentido a sua própria cidadania e ao seu pertencimento. Naquela época, cada cidadão tinha uma responsabilidade que realizava na sociedade e executava a sua função com excelente qualidade através das virtudes. Dessa forma, ele cumpria uma perfeita justiça. Diante disso, Platão descreve a sociedade nestas classes: o povo; os guerreiros e os filósofos. A função do povo é de garantir a sobrevivência do Estado através da agricultura, da pesca, do artesanato e do comércio; os guerreiros devem defender a cidade

dos invasores; os filósofos devem legislar e governar o Estado ou cidade/pólis. Tudo isso permite, segundo Platão, que cada cidadão realize o melhor de si à construção do bem comum e a felicidade individual e coletiva.

No livro *A República*, Platão distingue cinco formas de governo, são estes: a aristocracia, que é constituído por um grupo de privilegiados culturalmente e intelectualmente; a timocracia, que é formado por ricos e a honra é o que predomina; a oligarquia, que é composta de um pequeno grupo de indivíduos a fim de satisfazer os próprios interesses; a tirania, que é constituída através da injustiça, da crueldade e é ilegítimo; a democracia é criada com as decisões do povo. As contribuições do pensamento de Sócrates, que influenciou Platão, afirmam que o objetivo da política é a constituição de um Estado que priorize a educação, a felicidade e o bem comum.

Sinta-se convidado à audição do 359º Domingo Sinfônico, deste dia 6, das 22h às 0h. Em João Pessoa-PB sintoniza FM 105,5 ou acesse através do aplicativo radiotabajara.pb.gov.br.

Nesta edição vamos conhecer o compositor austríaco Johann Baptist Wanhal (1739-1813). Foi um dos gênios que mais influenciou compositores, também o neoclassicismo do século 18; o início do "idealismo mágico" e o romantismo alemão, também. Escreveu 1.300 composições, entre essas têm-se: missas; réquiem; motetes; duas óperas; peças instrumentais, das quais 54 são quartetos; 30 concertos; mais de 100 sinfonias; sonatas; divertimentos; serenatas; várias peças para piano a duas e quatro mãos e diversas peças de música de câmara. Suas peças apresentam melancolia, isso fez de Wanhal um dos criadores do movimento alemão *Tempestade* e *Ímpeto* (*Sturm und Drang*) na música erudita. Durante a sua vida tornou-se um compositor muito influente e de sucesso.

Colunista colaborador

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | colaborador

Reverendo as tradições para construir melhor o presente

No final da semana passada, lendo uma matéria do parceiro de redação Guilherme Cabral no Jornal *A União*, sobre o compositor paraibano Pedro Osmar e o seu reconhecimento cultural pelo Poder Público Estadual (Lei 12.228, de fevereiro deste ano), como o multiartista que é, indiretamente, me senti duas vezes partícipe do universo cultural do artista.

No primeiro caso, ao coordenar o quarto Festival de Música da Paraíba em 1970, no Teatro Santa Roza, a convite de Expedito Gomes, da Fundação Cultural de João Pessoa, quando então formei uma Mesa Julgadora do mais alto nível, composta pelo maestro pernambucano Clóvis Pereira, à época na orquestra e no Coral Universitário da UFPB; com o regente da orquestra da Polícia Militar da Paraíba, além do professor de música Reginaldo Antonio de Oliveira, uma das expressões musicais de valor daquela época, entre outros bons nomes da música paraibana. E em sua entrevista a Guilherme, o próprio Pedro Osmar afirma ter apresentado no mesmo festival dois sambas de sua autoria: 'Brasil conte comigo' e 'Alô, alô juventude', que compus em parceria com José Carlos de Sousa e Tecla Maria de Santana, respectivamente.

Um outro dado importante que me ligou à trajetória de Pedro Osmar, como "guerrilheiro cultural" - esse, mais recentemente - foi o da realização de um documentário sobre ele, intitulado *Prá liberdade que se conquista*, dirigido pelos paulistanos Eduardo Consonni e Rodrigo Mar-



Foto: Divulgação

Cena inicial do documentário sobre Pedro Osmar, 'Prá liberdade que se conquista'

ques, lançado em 2016 na Sala de Cinema do Espaço Cultural.

O documentário inicia com a natureza marinha, culminando nela, simbolicamente. E aí, particularmente, senti-me honrado em ver as minhas imagens, que filmei em Super-8 havia mais 30 anos para o curta *Misticismo - Folgedos e Tradições*, sendo usadas e coroando o final do documentário de Pedro Osmar. E sobre essas imagens, uma referência elogiosa do crítico João Batista de Brito, ao publicar artigo sobre o feito, afirmando: "Um trecho todo especial é a filmagem da procissão dos pescadores, no dia de São Pedro, nas águas bravias dos mares paraibanos".

Pois bem. Meses antes daquela tão bem concorrida exibição na Funes recebi um telefonema de São Paulo, consultando-me da possibilidade de que algumas sequências do meu filme *Misticismo - Fol-*

gedos e Tradições (1982) pudessem integrar uma outra produção nacional, que se encontrava em fase de finalização por uma produtora paulista de cinema. O documentário de longa-metragem, em questão, Pedro Osmar, *Prá liberdade que se conquista*, fora selecionado pela Agência Nacional de Cinema (Ancine) para participar do Festival Internacional de Documentários de Amsterdã (IDFA) de uma mostra do Programa Encontros com o Cinema Brasileiro, em novembro de 2016, na Holanda. Então permiti, evidentemente, sob as garantias formais de utilização das imagens, inclusive com citação autoral, o que é de praxe.

Como se percebe, por tradição, a cultura e as artes de hoje estão sempre a dever alguma coisa aos seus congêneres. - Mais "Coisas de Cinema", acesse: www.alexantos.com.br.

Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho

hildebertopoesia@gmail.com

O sábado e a biblioteca

"Sábado é um ótimo dia para a gente fazer uma porção de coisas maravilhosas. A melhor delas é ficar em casa", diz o personagem de Antônio Torres, em *Um cão uivando para a lua*, seu primeiro romance, de 1972.

Certamente!

De minha parte, considero o sábado o dia mágico por excelência, a "rosa da semana", como diz Clarice Lispector. Dia do repouso e do devaneio. Dia fundamental para a organização do pensamento e o cultivo da emoção. Dia do prazer e da liberdade. Do ócio criativo e do reencontro consigo mesmo.

Ficar em casa é bom. Bom para rever seus recantos interiores, arrumar a mobília da alma e dar sossego ao coração ofegante. Dia de abrir gavetas e consertar velhos poemas, de reler cartas antigas e de escutar aquelas mesmas canções que nos acompanham a vida inteira.

A casa é tão vasta como o mundo!

A casa é o meu mundo, minha geografia física e meu espaço poético, naquilo que ele contém de rotina e aventura. Minha história se mistura com os compartimentos de minha casa. Em cada ambiente de sua estrutura, uma lembrança me devolve vivências do passado, e tudo que a compõe, material e simbolicamente, como que constitui o idioma do abrigo, do aconchego e do espanto.

No jardim, por exemplo, vejo as flores crescendo e exibindo o mistério das cores que cintilam sob a luz do sol nesses dias tórridos de verão. As orquídeas se entrelaçam, aéreas, refletindo a singularidade de sua indefinível beleza. Nada como a alegria dos jasmims e seus odores matinais. O cacto, na sua sobranceira solidão, dá-me lições de perfeição e geometria.

O terraço se abre para os chamados da vida e dele se vê a simetria do horizonte, com seus versos feitos de vento e distância. A sala pede a íntima conversa com o amigo querido e preserva, como um insólito museu, amostras de pequeninas coleções de objetos inúteis. Cada quarto guarda a fazenda dos sonhos, o latifúndio dos segredos, a rota incontornável de Eros trilhada entre espelhos, cabides, lençóis e aromas.

Mas o melhor da casa reside no tumulto silencioso da biblioteca. É lá, por entre as estantes, que a vida pulsa por inteiro. Vejo a biblioteca como um universo dentro do universo, uma cartografia plural, um disciplinado labirinto, o paraíso possível.

Vejo também que, na biblioteca, tenho o registro do tempo, com seus enigmas indecifráveis; o passar dos dias e das horas num constante e pertinente diálogo com o imaginário e a fantasia; a voz silenciosa e acessível de tantos que me precederam no amor incondicional pelas palavras.

Ali, em meio à multiplicidade dos livros, caminho como se estivesse passeando pelos mais diversos países à procura de seus hábitos e paisagens, de seus roteiros e monumentos, de sua gente e de sua história.

Porque hoje é sábado, como diria o poeta, devo arrumar os livros nessa ou naquela estante. Repor, por exemplo, o meu Dostoiévski, que estava em cima da mesa, ao lado de seus pares: Tolstói, Tchekhov e Turgeniev, comendo, assim, o sagrado quarteto do realismo russo.

Porque hoje é sábado, Machado me espia ironicamente de sua prateleira, indiferente à poeira que cobre seus volumes, assim como Eça de Queiroz enfileira seus romances acompanhado de sua rica e diversificada fortuna crítica. Pessimismo, ceticismo, sarcasmo, farpas, estilo e sabedoria mesclados na junção desta dupla genial.

De outra parte, ficam os poetas (paraibanos, nordestinos, brasileiros, portugueses e estrangeiros), em seus redutos particulares determinados pelo estranho, porém eficaz, critério da geografia e da língua. Aqui, há de um tudo. Maiores e menores, clássicos e modernos, apolíneos e dionisíacos, mágico-delirantes e lógico-matemáticos, cosmopolitas e provincianos, vanguardistas e tradicionais, racionais e inspirados, os de sábado e os de outros dias da semana etc. etc.

Enfim, o sábado é dia ideal para ficar em casa. Principalmente, se em casa se tem o tesouro de uma biblioteca.



APC reúne diretoria no dia 9

A Academia Paraibana de Cinema (APC), observando as formalidades de seus estatutos, deve se reunir na próxima quarta-feira (dia 9), na Sala de Exibição do Cine Mirabeau, no bairro do Bessa, em João Pessoa.

Do encontro, que terá caráter híbrido (presencial e virtual) serão vistos vários assuntos de interesse da instituição, como o planejamento das ações para 2022, inclusive, sobre participação da APC em vários eventos, cursos e festivais de audiovisuais, dentro e fora do Estado da Paraíba.

EM cartaz

ESTREIA

BATMAN (The Batman). EUA. Dir: Matt Reeves. Aventura. 14 anos). Quando um assassino atinge a elite de Gotham com intenções sádicas e pistas enigmáticas, Batman (Robert Pattinson) é enviado nessa investigação onde ele encontra a Mulher-Gato (Zoë Kravitz), o Pinguim (Colin Farrell) e o Charada (Paul Dano). À medida que as evidências começam a chegar, Batman deve forjar novos relacionamentos, desmascarar o culpado e trazer justiça à corrupção que há muito tempo atormenta Gotham City. CENTERPLEX MAG 2 (leg.): 15h30; CENTERPLEX MAG 3: 14h30 (dub.) - 18h (leg.) - 21h30 (leg.); CENTERPLEX MAG 4: 17h (dub.) - 20h30 (leg.); CINÉPOLIS MANAÍRA 2 (dub.): 14h45 - 18h15 - 21h45; CINÉPOLIS MANAÍRA 4 (leg.): 13h - 16h30 - 20h; CINÉPOLIS MANAÍRA 6 (dub.): 13h30 - 17h - 20h30; CINÉPOLIS MANAÍRA 7 (leg.): 14h - 17h30 - 21h; CINÉPOLIS MANAÍRA 8 (leg.): 17h45; CINÉPOLIS MANAÍRA 9 - MacroXE (dub.): 14h30 - 18h - 21h30; CINÉPOLIS MANAÍRA 10 - VIP (leg.): 15h - 18h30 - 22h; CINÉPOLIS MANGABEIRA 1 (dub.): 15h - 18h30 - 22h; CINÉPOLIS MANGABEIRA 2 (dub.): 13h30 (exceto seg. e ter.) - 17h (exceto seg. e ter.) - 20h30 (exceto seg. e ter.); CINÉPOLIS MANGABEIRA 4 (dub.): 14h - 17h30 - 21h; CINÉPOLIS MANGABEIRA 5 (dub.): 14h30 - 18h - 21h30; CINE SERCLA TAMBIA 1 (dub.): 19h30; CINE SERCLA TAMBIA 2 (dub.): 18h; CINE SERCLA TAMBIA 2 (dub.): 15h45 - 19h15; CINE SERCLA TAMBIA 6 (dub.): 16h30 - 20h; CINE SERCLA PARTAGE 1 (dub.): 15h45 - 19h15; CINE SERCLA PARTAGE 2 (dub.):

16h30 - 20h; CINE SERCLA PARTAGE 3 (leg.): 19h30; CINE SERCLA PARTAGE 5 (dub.): 19h30.

CONTINUAÇÃO

CORAÇÃO DE FOGO (Fireheart). EUA. Dir: Laurent Zeitoun, Theodore Ty. Animação. Livre). Desde criança Geórgia só tinha um sonho: se tornar bombeira, como o seu pai. Infelizmente, no ano de 1932 em Nova York, as mulheres não podiam atuar nessa profissão. Quando os bombeiros da cidade desapareceram misteriosamente, ela vê sua grande chance. CINÉPOLIS MANAÍRA 8 (dub.): 13h15 - 15h30; CINÉPOLIS MANGABEIRA 2 (dub.): 15h15 (exceto seg.) - 16h30 (exceto seg.); CINE SERCLA TAMBIA 1 (dub.): 15h30 - 17h30; CINE SERCLA TAMBIA 2 (dub.): 14h; CINE SERCLA PARTAGE 3 (dub.): 14h; CINE SERCLA PARTAGE 3 (dub.): 15h30 - 17h30.

EXORCISMO SAGRADO (The Exorcism Of God). EUA, México, Venezuela. Dir: Alejandro Hidalgo. Terror. 16 anos). Um padre (Will Beinbrink) comete um terrível sacrilégio ao ser possuído durante um ritual de exorcismo. Dezoito anos depois, as consequências de seu pecado voltam para assombrá-lo. CINÉPOLIS MANAÍRA 8 (dub.): 21h15.

SING 2 (EUA. Dir: Garth Jennings. Animação. Livre). Na glamorosa cidade de Redshore, Buster Moon e a galeira superam seus limites em uma jornada para vencer o recluso astro a subir aos palcos novamente. CENTERPLEX MAG 2 (dub.): 14h45.

TÔ RYCA 2 (Brasil. Dir: Pedro Antônio. Comédia. 12 anos). Selminha (Samantha Schmütz) está de volta. Após ficar rica, paga mais caro em tudo que quer e que pode pagar, sem pensar nas consequências. Mas tudo que é bom dura pouco! A fortuna de Selminha e todo seu dinheiro são colocados à prova quando uma estranha aparece do nada e coloca o dedo em tudo que não é dela. Para piorar, a estranha tem o mesmo nome que Selminha e se diz herdeira legítima da fortuna. Todos os bens de Selminha são congelados e sua única fonte de renda vira a que lhe é concedida pela justiça: 30 reais por dia, ou seja um salário mínimo por mês. Agora, sabendo como é viver no aperto, ela terá que voltar às suas origens, lutar para sobreviver em sua nova rotina e fazer com que o bairro de onde ela era patrona, Quintino, também não acabe passando aperto. CINE SERCLA TAMBIA 2: 16h; CINE SERCLA PARTAGE 3: 16h.

UNCHARTED: FORA DO MAPA (Uncharted: Drake's Fortune). EUA. Dir: Ruben Fleischer. Ação e Aventura. 12 anos). Baseado em uma das séries de videogame, mostra a primeira aventura de caça ao tesouro do jovem Nathan Drake (Tom Holland) com seu parceiro Victor "Sully" Sullivan (Mark Wahlberg). CENTERPLEX MAG 2: 19h (dub.) - 21h45 (leg.); CINÉPOLIS MANAÍRA 3: 14h15 (dub.) - 16h45 (dub.) - 19h15 (dub.) - 21h50 (leg.); CINÉPOLIS MANAÍRA 2 (dub.): 18h45 (exceto seg.) - 21h15 (exceto seg.); CINE SERCLA TAMBIA 3 (dub.): 16h15 - 18h30 - 20h45; CINE SERCLA PARTAGE 4 (dub.): 16h15 - 18h30 - 20h45.

Serviço

• Funes [3211-6280] • Mag Shopping [3246-9200] • Shopping Tambiá [3214-4000] • Shopping Partage [83]3344.5000 • Shopping Sul [3235-5585] • Shopping Manaira [Box] [3246-3188] • Sesc - Campina Grande [3337-1942] • Sesc - João Pessoa [3208-3158] • Teatro Lima Penante [3221-5835] • Teatro Ednaldo do Egypto [3247-1449] • Teatro Severino Cabral [3341-6538] • Bar dos Artistas [3241-4148] Galeria Archidy Picado [3211-6224] • Casa do Cantador [3337-4646]

José Luís Peixoto,
escritor

“Há muitos elementos da sua história com que me identifico”

Romancista português conversa sobre a influência de Saramago na sua obra e seu novo livro, ‘Almoço de Domingo’



Matheus Lopes Quirino
Agência Estado

José Luís Peixoto construiu o seu romance como Dédalo construiu o labirinto na ilha de Creta. Há um mistério em suas profundezas, que só será revelado conforme o leitor interligue as pistas com demasiada atenção.

Aos 47, o romancista português conserva traços de infante e é dono de uma escrita vigorosa, tendo, há exatas duas décadas, conquistado o Prêmio Saramago por *Nenhum Olhar*, seu livro de estreia. José Saramago, sua referência, é um assunto inesgotável, que orbita a formação de Peixoto desde quando foi agraciado pelo autor de *Memorial do Convento* com votos de admiração: “Uma das revelações mais surpreen-

des da literatura portuguesa. É um homem que sabe escrever e que vai ser o continuador dos grandes escritores”, disse Saramago a seu respeito.

Caleidoscópico, o romance *Autobiografia*, acompanha as idiossincrasias e angústias do jovem escritor José, ainda inexperiente, a receber de supetão uma tarefa hercúlea: escrever a biografia de José Saramago. O editor lhe pede 200 páginas, mas, em dado momento, o próprio José questiona: “Existirá um Saramago verdadeiro? Quantos Saramagos existem?” Para responder a essa e outras perguntas sobre *Autobiografia*, o autor conversou com o *Estadão*.

A entrevista

■ *Uma coisa é a imagem mítica do escritor, outra é a pessoa que aquele corpo habita. No livro, quando José está às voltas com a biografia de Saramago, ele se pergunta: “Quantos Saramagos existem?”. Como você responderia a essa pergunta?*

As possibilidades de Saramago são infinitas. Essa é uma lição deixada por outro grande autor português, Fernando Pessoa, que nos fez ver que existem incontáveis indivíduos em cada indivíduo. Nesse romance, Saramago surge como personagem, que é a forma como cada um de nós percebe a pessoa que ele foi. Na vida, construímos versões uns dos outros, com base na informação que temos e da forma como entendemos a natureza humana. Acresce a isso o fato de Saramago ser narrador, a voz de todos aqueles livros, e autor que teve uma vida cheia, que se exprimiu em relação aos mais diversos assuntos, etc. Essa complexidade identitária é como um espelho a refletir em muitas direções.

■ *Vários escritores, como o protagonista, enfrentam o desafio de escrever o segundo romance. Isto é, fica mais difícil escrever conforme o tempo passa?*

A escrita de um projeto literário pressupõe a tentativa de superação. Quando se escreve um primeiro romance, o principal desafio é terminá-lo. Quando se escreve um segundo romance, é necessário ir mais além. Repetir o que já mostramos a nós próprios que

■ *Identidades: pode-se dizer que um José (você) escreve sobre outro José (Saramago). Quanto de Saramago há dentro de você?*

Apesar de o título *Autobiografia* ser irônico, uma vez que não se trata realmente de uma autobiografia, não deixa de ter um grande peso e de apontar para a ideia de autorreflexão. Avaliamo-nos por meio dos outros e, em grande medida, avaliamos os outros a partir do que achamos sobre nós próprios. Este exercício é estrutural na natureza da literatura. Em grande medida, escrever sobre o outro, querer conhecê-lo, é procurá-lo em nós. Neste caso específico, não me foi difícil encontrar Saramago em mim. Há muitos elementos da sua história com que me identifico.

■ *Como foi a escolha para as epígrafes do livro? Elas me pareceram sinais luminosos entre os capítulos, como foi conversar com a obra do Saramago em ‘Autobiografia’?*

Utilizei essas epígrafes quase como um sistema de apontar certos temas. Ao mesmo tempo, achei interessante ter uma presença da própria voz de Saramago. Há uma dimensão deste romance que se dirige a quem já tenha um bom conhecimento da obra de Saramago. A forma como algumas personagens destas páginas se relacionam com outras dos seus livros, assim como alguns episódios comuns, propõem essa possibi-

lidade. Ainda assim, este não é um elemento imprescindível à compreensão da leitura.

■ *A fragilidade é uma realidade que as personagens enfrentam no livro, mas também é o elo entre elas. Quais são as fragilidades de um escritor a seu ver?*

As fragilidades de um escritor podem ser de muitas ordens. Este romance detém-se sobretudo nas fragilidades que nascem da luta interior com a sua falta de confiança, com os seus medos. Na verdade, o que eu acredito de fato é que, numa grande medida, os desafios que se colocam a um escritor não são muito diferentes daqueles que se colocam a qualquer outra pessoa. A fragilidade é um dos pilares da natureza humana.

■ *Como tem sido o período de isolamento por conta da Covid-19, o quão impactante foi a pandemia para a sua literatura?*

Em março de 2020, estava dedicado a um romance. Quando o mundo parou, deixei de ter condições para esse trabalho e resolvi fazer uma interrupção. Então, pouco depois, surgiu um poema, outro a seguir e, dessa forma, no espaço de alguns meses, escrevi um livro de poesia que parte do próprio tema do confinamento para chegar a outros questionamentos. Esse livro chama-se *Retorno a Casa* e foi publicado ainda em 2020, inclusive no Brasil. Depois, já um pouco mais acostumado à situação que temos vindo a viver, retomei a escrita do romance e, de um modo bastante intenso, dediquei-me a terminá-lo. Foi publicado no ano passado. Para mim, o isolamento provocado pela pandemia acabou por ser muito produtivo. O grande desafio foi uma certa claustrofobia. Ainda assim, muitas vezes, a escrita funcionou como antídoto, pois permitiu alguma evasão mental.

■ *No ano do centenário de Saramago, qual é a lembrança mais vívida que você guarda do mestre?*

As lembranças mais fortes são os encontros pessoais, algumas conversas, alguns momentos. Para mim, ainda antes dos meus 30 anos, ou logo depois, estar sob o olhar direto de Saramago, receber as palavras que me dirigia, era algo que me inibia, a que nunca me habituei completamente, mas que, ao mesmo tempo, sentia como um reconhecimento da sua consideração. Entre esses momen-

tos, os melhores eram aqueles em que sentia o seu entusiasmo, quando os seus olhos brilhavam. Esse entusiasmo era diretamente proporcional à sua convicção, e a convicção de Saramago era muitíssimo potente e inspiradora.

■ *Você tem algum ritual cotidiano para escrever? E algum vício que combate com a escrita?*

Tenho muitos hábitos, vícios e estratégias para lidar, todos eles no âmbito da escrita. Neste romance, a personagem José tem vários vícios que, felizmente, não tenho. Ainda assim, todos temos os nossos desafios. A esse nível, a escrita é parte de uma vivência constante. Não há uma resposta simples para a grande pergunta que é a vida.

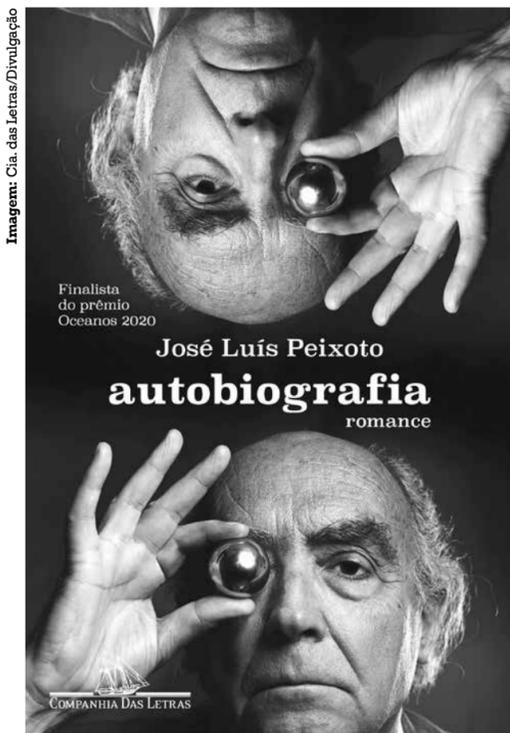
■ *Poderia indicar um livro essencial para um jovem escritor que, assim como José com ‘Memorial do Convento’, precisa devorar?*

No âmbito da nossa língua, hoje, escolho *Livro do Desassossego*, de Bernardo Soares/Fernando Pessoa. Penso que é um privilégio podermos ler páginas como essas na nossa língua materna. Ainda assim, talvez amanhã, perguntado, eu escolhesse outro livro. Os bons leitores não leem apenas obras imprescindíveis. Para reconhecer os livros bons, é muito importante ler alguns livros maus.

■ *Você poderia antecipar o tema de algum entre seus projetos literários? Há algum novo livro em produção?*

Publiquei recentemente um romance chamado *Almoço de Domingo*, que chegará ao Brasil ainda neste ano. Trata-se de um projeto que, em certa medida, continua algumas propostas do romance *Autobiografia*. Também este novo romance trabalha elementos biográficos à luz da narrativa ficcional. Nesse caso, no entanto, foi escrito a partir das conversas que tive ao longo de um ano com o homem a que se refere a personagem principal. Trata-se de alguém que nasceu em 1931, que esteve muito perto de momentos bastante marcantes da história contemporânea de Portugal. Para além disso, é um romance que toca diretamente o tema da família, que já esteve presente noutros livros meus, assim como toca o Alentejo, a região rural onde nasci. Estou muito curioso para ver como esse romance será recebido no Brasil.

sabemos fazer é um exercício desinteressante. Assim, é importante que se tente fazer aquilo que, de início, não se tem a certeza de saber fazer. Dessa luta conosco próprios, nasce a literatura que vale a pena. Ao mesmo tempo, num segundo romance, há também que contar com a expectativa dos outros. Esse é um fantasma com que se tem de lidar, não vale a pena fingir que não existe. Por esses e outros motivos, existe o estereótipo do segundo romance como uma prova difícil.



Na obra, quando Peixoto está às voltas com a biografia de Saramago, ele se pergunta: “Quantos Saramagos existem?”

FEDERAÇÕES X COLIGAÇÕES

As alterações que mudam a eleição

Decisões de tribunais superiores colocam no cenário de 2022 novas possibilidades de composições partidárias

Iluska Cavalcante
cavalcanteiluska@gmail.com

As Eleições de 2022 estão marcadas pelas mudanças. Além do retorno da propaganda partidária e de modificações realizadas em quatro resoluções que disciplinam o pleito, pela primeira vez o pleito brasileiro contará com federações partidárias. No entanto, a novidade, recém aprovada pelo Supremo Tribunal Federal (STF), ainda causa dúvidas de como vai funcionar e divergir das extintas Coligações.

Um dos motivos desses questionamentos é o fato desse mecanismo ser muito parecido com as Coligações, extintas em 2017. Com as federações, os partidos vão poder se unir para somar tempo de TV e o cálculo do quociente eleitoral, semelhante ao que ocorria com as Coligações. No entanto, uma das principais diferenças é que essa união não termina com o fim da disputa eleitoral. Pela legislação, os partidos que se uniram antes das eleições, devem permanecer juntos por no mínimo quatro anos, tendo estatuto conjunto e comportamento coerente de sua bancada.

Por outro lado, há aqueles que consideram as diferenças mínimas e acreditam que essa é uma forma de burlar a lei para inserir as coligações. Durante a votação no STF, o ministro Nunes Marques, único que votou contrário, argumentou que o instituto foi criado como uma burla à emenda



Sessão do Tribunal Superior Eleitoral decidiu por mudanças em resoluções e ampliou para 31 de maio o prazo para as legendas definirem pelas federações partidárias

constitucional que aboliu as coligações partidárias. Ele ressaltou que o novo instituto mantém distorções da vontade do eleitor que buscou eliminar. "Votos confiados a um candidato ou legenda continuam a ter o potencial de eleger candidatos de outros partidos políticos", disse.

A votação aconteceu no último dia 9 de fevereiro, quando o STF decidiu validar a criação das federações partidárias. A maioria seguiu o voto do relator, ministro Luís Roberto Barroso, então presidente do

Tribunal Superior Eleitoral, com 10 votos a 1.

O ministro Gilmar Mendes, por exemplo, acredita que "A federação tem características que a diferenciam das coligações e sanam efeitos nocivos que as coligações tinham", disse durante a votação. Já o ministro Alexandre de Moraes, ressaltou que essa não é uma forma de burla, ele defendeu as federações afirmando que "o Poder Judiciário deve ter referência, nesses casos, às fórmulas que pretendam melhorar, dentro da Constituição, o nosso

sistema político-eleitoral".

A união de partidos em federações foi instituída pelo Congresso Nacional na reforma eleitoral de 2021, com o objetivo de permitir às legendas atuarem de forma unificada em todo o país, como um teste para eventual fusão ou incorporação. A lei que criou as federações partidárias já havia sido aprovada em agosto de 2021, no Congresso. A medida chegou a ser vetada pelo presidente Jair Bolsonaro (PL), mas o veto acabou derrubado pelos parlamentares.



Mendes aprovou as federações contra o voto de Marques

Decisões podem mudar composição de forças no Congresso

■ Para se associar em federações partidárias, as legendas deverão antes constituir uma associação registrada em cartório de registro civil de pessoas jurídicas, com personalidade jurídica distinta do partido

No desempenho dos trabalhos na Câmara dos Deputados e do Senado Federal, as federações funcionarão como um partido, tendo uma bancada própria, com lideranças formadas a partir do que está previsto no estatuto da federação e no regimento interno das respectivas Casas. As federações também deverão ser entendidas como partidos políticos, para efeito de proporcionalidade, ao que implicará, por exemplo, na distribuição e formação das comissões legislativas.

Para se associar em federações partidárias, as legendas deverão antes constituir uma associação registrada em cartório de registro civil de pessoas jurídicas, com personalidade jurídica distinta do partido. Nesse registro, as agremiações federadas deverão apresentar, entre outros documentos, a resolução tomada pela maioria absoluta dos votos dos seus órgãos de deliberação para formar uma federação.

Coligações X Federações

Desde 2017, as coligações foram extintas nas eleições proporcionais, que elegem representantes políticos para as casas legislativas (cargos de deputado federal, deputado estadual, deputado distrital e vereador). No entanto, a legislação continuou a permitir a união de partidos em torno de uma única candidatura nas eleições majoritárias (para os cargos presidente, senador, governador e prefeito).

Com a criação das federações, os partidos poderão se unir para apoiar qualquer cargo, desde que permaneça assim durante todo o mandato a ser conquistado. A federação de partidos vale para eleições majoritárias e para as proporcionais. A principal diferença é o caráter permanente das federações. Exatamente pela obrigatoriedade de permanecerem num mesmo bloco por pelo menos quatro anos, o ideal é que as federações sejam firmadas

entre partidos com afinidade.

Segundo a Justiça Eleitoral, a medida diminui o risco de o eleitor ajudar a eleger um candidato de ideologia oposta à sua, como poderia ocorrer nas coligações, uma vez que elas poderiam unir partidos ideologicamente diferentes. Ao votar em um candidato, devido aos mecanismos de transferência de votos do sistema proporcional, o voto era contabilizado para os partidos coligados e poderiam eleger candidatos de outro partido.

Além disso, as federações se equiparam aos partidos políticos em direitos e deveres e devem possuir um estatuto próprio, com regras sobre fidelidade partidária e sanções a parlamentares que não cumprirem orientação de votação, por exemplo.

As punições que se aplicam aos partidos políticos também são cabíveis às federações. Se algum partido integrante da federação deixar o grupo antes do prazo mínimo de

quatro anos, estará sujeito a diversas sanções como, por exemplo, a proibição da utilização dos recursos do Fundo Partidário durante o período restante do mandato. Se um parlamentar deixar um partido que integra a federação, recairá sobre ele as mesmas regras aplicáveis a um partido político.

Regra

Com a criação das federações, os partidos poderão se unir para apoiar qualquer cargo, desde que permaneça assim durante todo o mandato

Plenário muda prazo de março para último dia de maio

O prazo para o registro das federações também chegou a ser adiado na decisão do STF, e teve a resolução atualizada pelo TSE na última quarta-feira. As federações partidárias têm até o próximo dia 31 de maio para serem registradas. Antes, a data final era até o último dia 1º de março.

O Tribunal Superior Eleitoral (TSE) adiou o prazo de registro das federações partidárias nas Eleições 2022 para até o dia 31 de maio. Antes, a data final era até o último dia 1º de março. Para isso, o Tribunal alterou alguns dispositivos da Resolução nº 23.670/2021, que regula-

mentou o instituto das federações partidárias, para ajustar o texto à decisão do Supremo Tribunal Federal (STF) que assegurou que as federações obtenham o registro civil e o registro do estatuto na Corte Eleitoral até a nova data.

A decisão do STF estabeleceu

que, para participar das eleições, as federações devem estar constituídas como pessoa jurídica e obter o registro do estatuto perante o TSE no mesmo prazo aplicável aos partidos políticos; mas ressaltou a aplicação às Eleições 2022, assegurando a participação, especificamente nesse pleito.

SEGURANÇA AOS USUÁRIOS

WhatsApp vê a eleição no país como mais importante

À frente do aplicativo, advogado Dario Durigan falou sobre os desafios este ano

Bruno Romani
Agência Estado

O ano de 2022 apresenta enormes desafios para o WhatsApp. Além da pandemia e das eleições, dois catalisadores de desinformação, o aplicativo virou uma importante arma para golpistas e fraudadores - segundo o Indicador de Tentativas de Fraude da Serasa Experian, o mês de setembro de 2021 registrou uma tentativa de fraude a cada 7 segundos no país.

No Brasil, à frente dos esforços para garantir a segurança dos usuários e a integridade da plataforma está Dario Durigan.

Ao jornal O Estado de S. Paulo, o advogado de 37 anos falou não apenas dos esforços do serviço no país para conter desinformação.

Ele comentou a situação do Telegram, que virou alvo de autoridades brasileiras, e também tratou de informações presentes nos "Facebook Papers", série de documentos internos da Meta (holding do Facebook, WhatsApp e Instagram) vazados pela ex-funcionária Frances Haugen. Confira abaixo.

A entrevista

Frances Haugen já afirmou que a Meta não direciona recursos para a segurança de usuários fora dos EUA. O WhatsApp no Brasil tem os recursos financeiros e pessoais para isso?

As eleições brasileiras de 2022 são as mais importantes do mundo para o WhatsApp. Posso dizer com bastante segurança que temos os recursos necessários. O WhatsApp tem atuado de maneira muito responsável, mobilizando os recursos da empresa de maneira global. Não me compete falar de outras plataformas, mas, do lado de WhatsApp, o que se faz no Brasil é fronteira e serve de inspiração para outros lugares do mundo, inclusive para o Norte global. Os esforços por aqui são pioneiros.

Os executivos americanos da Meta entendem o impacto do WhatsApp na sociedade brasileira?

Eu não posso responder pela Meta. O WhatsApp tem uma equipe forte e plural no Brasil. Essa equipe tem por função olhar para a realidade brasileira e abrir um amplo diálogo com imprensa, sociedade civil, academia, forças políticas, autoridades e governos. Cumprindo esse papel, conversando sobre o WhatsApp, recebendo as críticas, encaminhando propostas e trabalhando com as autoridades, há um amadurecimento do time brasileiro, que se reflete nos times centrais. Não há dúvidas de que um time mais robusto aqui reflete em avaliações de cenário, levando de maneira mais viva o cenário brasileiro para dentro da companhia.

Os 'Facebook Papers' mostraram o Brasil sempre nas categorias 0 e 1 (as mais importantes) no ranking de 'países em risco' (ARC, na si-



Foto: Arquivo pessoal/LinkedIn

■ Além da pandemia e das eleições, dois catalisadores de desinformação, o aplicativo virou uma importante arma para golpistas e fraudadores

O advogado Dario Durigan comentou a situação do Telegram, que virou alvo de autoridades brasileiras, e tratou de informações presentes nos "Facebook Papers"

gla em inglês). Qual é a classificação atual?

Não são essas definições que usamos. Mas o Brasil é prioridade número um do WhatsApp em termos de eleições. Os esforços aqui são diferenciados, e já estamos vendo refletido em outros países, como a Índia, México e Argentina.

Nas eleições de 2018 e 2020, o WhatsApp anunciou uma série de medidas para garantir a integridade das eleições e combater a desinformação. Por que parece que nada mudou?

O WhatsApp tem feito muita coisa em dois níveis: em produto, que é algo global, e em nível Brasil, com esforços focados. Um desafio é como manter uma plataforma com criptografia, que mantém a privacidade no seu cerne, ao mesmo tempo que faz um combate à viralidade e à desinformação. Os números da plataforma mostram que houve uma redução importante de viralidade. Outras pesquisas mostram que há um amadurecimento de usuários na forma de usar o WhatsApp. Então, há uma percepção crescente de ceticismo dos usuários com relação às mensagens que são mais encaminhadas ou que têm alguma indicação de mensagem viral.

Parte da desinformação e dos golpes não chega mais com ares de conteúdo enganoso ou disparado em massa. Vem com cara de conversa privada. Qual é o tamanho desse desafio?

A desinformação coordenada profissional está sendo muito bem combatida. O sistema de identificação de abuso do WhatsApp funciona a partir do número e da forma como uma determinada conta se apresenta. Grande par-

te das pessoas tem um padrão de uso do app, que é comum: você envia e recebe mensagens. Há um ritmo para isso. Entre 2018 e 2022, a detecção de comportamentos abusivos e inautênticos avançou muito. Hoje, o número é quatro vezes maior do que em 2020. No mundo, banimos 8 milhões de contas por mês por comportamento abusivo. Além disso, no Brasil, entramos com várias ações judiciais contra empresas que oferecem esse tipo de marketing digital. A desinformação profissional, que chega com cara de orgânica, também é combatida nessa esteira. Mas, nesse quesito, é preciso avançar também em outras frentes, que são menos de repressão e mais de conscientização.

Como o WhatsApp acompanha a situação do Telegram, que entrou na mira de autoridades?

Não faço comentários sobre a concorrência, mas há uma reflexão importante. Não é possível fazer uma equiparação (entre WhatsApp e Telegram). Há uma diferença marcante. O WhatsApp está presente no Brasil com especialistas de várias áreas com a responsabilidade de olhar para o país. O WhatsApp cumpre a lei brasileira. Cumpre o Marco Civil da Internet. Cumpre a Lei Geral de Proteção de Dados. E tem discutido de maneira aberta com o Congresso Nacional e o TSE mecanismos de combate à desinformação. Temos um programa de colaboração com as autoridades criminais brasileiras. É um sistema estruturado de colaboração com a Justiça. O presidente global de WhatsApp veio conversar com o TSE, o que mostra compromisso com a democracia e com as autoridades. Há um abismo de diferença.

Quais os principais pontos da estratégia do WhatsApp para lidar com as eleições de 2022?

Em 2020, a gente testou uma série de coisas que foram bem-sucedidas. O WhatsApp contribuiu para a legislação, que proíbe disparo de mensagens em massa. A gente preparou uma plataforma de denúncia, que o TSE oferece para os servidores, autoridades e partidos políticos. Quando há a denúncia, o TSE encaminha isso para o WhatsApp, que verifica se determinada conta teve comportamento abusivo. Há aqui uma mensagem importante para o mundo político: candidatos, não façam contratação de disparo em massa, de marketing político eleitoral, porque isso é proibido pelo WhatsApp e pela lei brasileira. Isso pode trazer compromissos grandes para as chapas. Como as campanhas se monitoram muito, no mínimo sinal de uso abusivo, isso trará repercussão.

Como o WhatsApp olha para a situação de golpes no Brasil? O que fazer?

Vemos com preocupação. Sofremos muito com golpes no Brasil e, digitalmente, isso está amplo. O app tem funcionalidades para garantir a segurança. O usuário nunca deve compartilhar o código de registro que chega por SMS. É importante ativar a verificação em dois fatores. Caso a conta seja hackeada, é melhor instalar novamente seguindo as instruções de registro. É preciso também pedir para que os amigos denunciem para o WhatsApp quando a conta é hackeada. De outro lado, precisamos conscientizar as pessoas. Fizemos um esforço com autoridades e operadoras para aumentar o volume de orientações.

Toca do Leão

Fábio Mozart
mozartpe@gmail.com | Colaborador

Comunismo primitivo na cidade de Bananeiras

Tendo completado meu curso básico de adaptação ao novo ambiente onde vivo há cerca de dois anos, na região de Bananeiras, passo aos novos estágios: conhecer pessoas e buscar aprendizado de como sobreviver à calamidade da falta de água na terra que emanava leite e mel, ou pelo menos onde fluía o tal precioso líquido em abundância e hoje pena com as atribuições do ressequido e castigado Sertão. Crise hídrica e colapso do abastecimento pelo baixo nível de reservas na barragem Canafistula. Faltou chuva e a explosão demográfica levou à superexploração das águas subterrâneas. A retirada descontrolada da água do subsolo leva à seca subterrânea, garantem os técnicos. Críticos do desenvolvimento insustentável da região apontam a forma predatória com que se dá a ocupação urbana, levando ao desmatamento e a escavação de centenas de poços tubulares, sem estudos e controle. É importante morar onde a urbanidade e o bom senso prevaleçam. Já se nota impulsos de cuidado e diligência com o meio ambiente. Vizinho meu resolveu instalar equipamento para instalação de energia solar. Estamos aperfeiçoando nossa matriz energética. Espero que termine o racionamento de sociabilidade e respeito à tribo dos outros.

Voltando ao curso básico de ajustamento ao meio. Passei a estudar sobre a história de Bananeiras e Solânea, cidades cujas áreas urbanas quase são interligadas e só não formam a mesma aglomeração devido a uma rampa, subida de quem vai para Solânea e descida para quem vai para Bananeiras. Por isso não se dá a conurbação entre elas. Essa palavrinha esquisita, soando como coisa indecorosa, significa a ligação total de duas cidades entre si. Solânea foi distrito de Bananeiras. Atualmente, as duas localidades ainda mantêm uma relação socioeconômica e cultural de interdependência, com suas singularidades. Precisei ler Rubens Nóbrega e Wolffagon Costa para começar a entender o aspecto humano e a perspectiva evolutiva das duas urbes. Daí nasceram os folhetos "Cordel para Bananeiras" e "Elegia para Solânea". Nas duas cidades plantei o grão do projeto "Biblioteca viva", onde se pode fazer circular livros que você já leu, trocando por outros. A proposta é disponibilizar uma estante com acervo de livros dos mais variados gêneros. Por enquanto, a fome de leitura dos habitantes locais não sugere maiores cuidados. Inapetência literária que não inibe meu trabalho de buscar voluntários para doar livros para o projeto. Recentemente, a casa de artesanatos Anna Sebastiana obsequiou-nos com alguns livros, entre eles "Síntese da história de Bananeiras", de Antônio Montenegro, opúsculo publicado pela Editora Universitária da UFPB em 1996.

Na obra sobre a terra do cordelista João Melquiades Ferreira, o escritor Antônio Montenegro não cita esse artista que é considerado um dos maiores nomes da primeira geração de cordelistas nordestinos. Fala, entretanto, das origens da cidade e carrega nas tintas ideológicas. Para ele, o fenômeno da luta de classes está expresso desde a colonização da "lagoa das bananeiras", onde moravam os índios da nação dos tapuias. Os brancos chegaram à terra dos índios e trataram de matar os habitantes. Pertencentes a uma civilização mil anos adiantada, os portugueses colonizadores de Bananeiras mandavam decapitar os índios em nome de Deus e da propriedade privada e roubada. Os primitivos tapuias, caminhando entre o passado e o presente, absorveram as lições do antagonismo de classe do sociólogo alemão Karl Marx e passaram a cozinhar os invasores em almoços antropofágicos precursores da Semana de Arte Moderna de 1922, o que levou os colonizadores a apelar para Nossa Senhora do Livramento. "A cidade surgiu, assim, pelo atrelamento da religião aos interesses da ordem econômica", explica Antônio Montenegro. Invasão e roubo resultante da guerra e como modelo de evolução e progresso. Como diria Eduardo Galeano, não importa se a guerra é santa, pela liberdade, pela democracia e desenvolvimento. Todas as guerras só têm um objetivo: roubo à mão armada.

Segundo esse viés ideológico, a reflexão de Antônio Montenegro sobre a história de Bananeiras segue tentando explicar conceitos de Friedrich Engels segundo os quais os índios praticavam uma espécie de comunismo primitivo, "um modo de vida em autêntica harmonia com a natureza, com as comunidades indígenas se caracterizando por um profundo respeito pela Mãe Terra", conforme o pesquisador francês Michael Lowy. Reconstruindo a história de Bananeiras, Montenegro passa em revista as oposições de ideias políticas entre os fazendeiros e representantes das classes laborais. A mais forte campanha eleitoral se deu em 1963, entre o fazendeiro Mozart Bezerra Cavalcante e o estudante Pedro Pessoa Aguiar. "Estava assim, pela primeira vez, na cidade, manifesta a luta de classes na eleição", diz ele. No muro da Praça da Matriz, o artista popular escreveu a pichação exemplificadora do embate: "Povo pobre pede Pedro Pessoa para prefeito porque possuindo pouco patrimônio poderá pensar pela pobreza. Parede pintada por Pedro Pintor". O candidato Pedro, "comunista safado", fracassou nas urnas, mas ainda obteve 815 votos contra 1.400 do "fazendeiro escravocrata" Mozart Bezerra, salvo pelos votos de cabresto.



Mulheres puderam votar e ser votadas no Brasil pela primeira vez na eleição da Assembleia Nacional Constituinte de 1933; o voto foi uma conquista dos movimentos feministas da época

CONQUISTA LENTA

Igualdade de gênero na política

Brasil ocupa a posição 145 do ranking da União Interparlamentar que avalia a participação política de mulheres

Agência Câmara

O Brasil ainda precisa avançar para tornar mais efetivo o direito da mulher de ser votada. O país ocupa a posição 145 do ranking da União Interparlamentar que avalia a participação política de mulheres em 187 países.

Lídice da Mata, que é deputada federal (PSB-BA) e sub-procuradora da Mulher na Câmara Federal, ressalta que, no Brasil, as mulheres conquistaram o direito ao voto antes de muitos outros países mais desenvolvidos, mas a partir daí a evolução da participação das mulheres na política não se deu na velocidade desejada por elas.

Em 1933, houve eleição para a Assembleia Nacional Constituinte, e as mulheres puderam votar e ser votadas pela primeira vez. A Constituinte elaborou uma nova Constituição, que entrou em vigor em 1934, consolidando

o voto feminino – uma conquista do movimento feminista da época.

A representação

“Daí em diante, as conquistas foram muito lentas do ponto de vista legislativo”, avaliou. “Nós passamos um período em que praticamente tínhamos o direito de voto, mas não o direito de ser votada; mesmo que esse direito existisse na lei, a nossa representação era tão diminuta que realmente não expressava a representatividade da mulher na sociedade brasileira”, explicou.

Voto

A nova Constituição, entrou em vigor em 1934, consolidando o voto feminino

■ No Brasil, as mulheres conquistaram o direito ao voto antes de muitos outros países mais desenvolvidos, mas a evolução da participação delas na política não se deu na velocidade desejada



Foto: Paulo Sérgio/Câmara Federal

Lídice da Mata (PSB-BA): “Nós temos um dos piores desempenhos de participação da mulher na América e no mundo”

Novo cenário na contagem de votos

Segundo a deputada, o cenário só mudou a partir da Constituição de 1988. A bancada feminina na Constituinte tinha 29 integrantes (5,6% do total). “Nós não teríamos licença maternidade de 120 dias se não tivéssemos na Constituinte uma bancada mais significativa do que tínhamos antes.

Nós não teríamos a definição de salários iguais para funções iguais se não fosse também a participação das mulheres na Constituinte”, cita.

Hoje, o percentual de mulheres na Câmara dos Deputados subiu para 15%, e no Senado para 12%. Mas

perto de 20% dos municípios brasileiros – ou cerca de 1 mil dos 5.500 municípios – não têm sequer uma mulher como vereadora.

“Nós temos um dos piores desempenhos de participação da mulher na América Latina e no mundo.

Estivemos entre as sete economias mais importantes do mundo, e no entanto a nossa democracia é tão pouco representativa, porque 52% da população não está representada no Parlamento”, aponta a subprocuradora Lídice da Mata.

Para a deputada, o razoável seria que o Parlamento fosse de 50% de ho-

mens e 50% de mulheres, mas a luta da bancada feminina neste momento é pela reserva de 30% das cadeiras para elas. Hoje, a lei determina que as mulheres representem 30% das candidaturas, mas não há reserva de vagas.

Uma conquista recente, aprovada na reforma eleitoral do ano passado, é a contagem em dobro dos votos em mulheres e em negros para a Câmara dos Deputados para fins de cálculo do rateio dos fundos partidário e eleitoral.

Lídice da Mata: precisamos de forte investimento na inclusão econômica da mulher na sociedade.

Debater e fazer novas modificações

Lídice da Mata defende novos avanços, com paridade entre homens e mulheres nas direções partidárias, para que as candidaturas femininas sejam valorizadas e os recursos dos fundos cheguem efetivamente a elas. Segundo a deputada, muitas mulheres abandonam as campanhas políticas por falta de recursos. Além disso, muitas enfrentam jornada dupla ou tripla de trabalho e não recebem em casa apoio dos homens. Por isso, para ampliar a participação da mulher na política, é preciso romper barreiras culturais e econômicas.

“Nós precisamos de forte investimento na inclusão

econômica da mulher na sociedade brasileira. Nós somos hoje em torno de 48% de mulheres chefes de família no Brasil, e chefes de famílias pobres. Então, o deslocamento de uma mulher para ser candidata é praticamente a perda de financiamento de uma família. É isso que nós precisamos debater e modificar no Brasil”, afirmou.

Nas eleições de outubro deste ano, 77 milhões de brasileiras deverão ir às urnas. A subprocuradora teme que haja concentração de votos nos chamados caciques partidários, os líderes tradicionais das siglas, ou em seus herdeiros políticos, devido ao fim das coligações.

A deputada é favorável às coligações, hoje vedadas, e também das federações partidárias, aprovadas recentemente pelo Congresso.

“

Precisamos de forte investimento na inclusão econômica da mulher na sociedade

Lídice da Mata



A cantora paraibana Diana Miranda, ao lado do marido Laurent Languerville (foto), passou o Reinado Momo em terras cariocas. No Rio de Janeiro, o casal se confraternizou com os amigos Gerardo e Patrícia Rabelo, Tânia Paranhos e Moacir Arcoverde.



Clara Torres, Andréa Maranhão, Antônio Sérgio Lopes, Margaret Abrantes, Gilson Souto Maior, Germano Romero, Isa Carvalho, Nazareth Gadelha, Terezinha Marcelino, Cléa Cordeiro e Thiago Moura Rodrigues são os aniversariantes da semana.



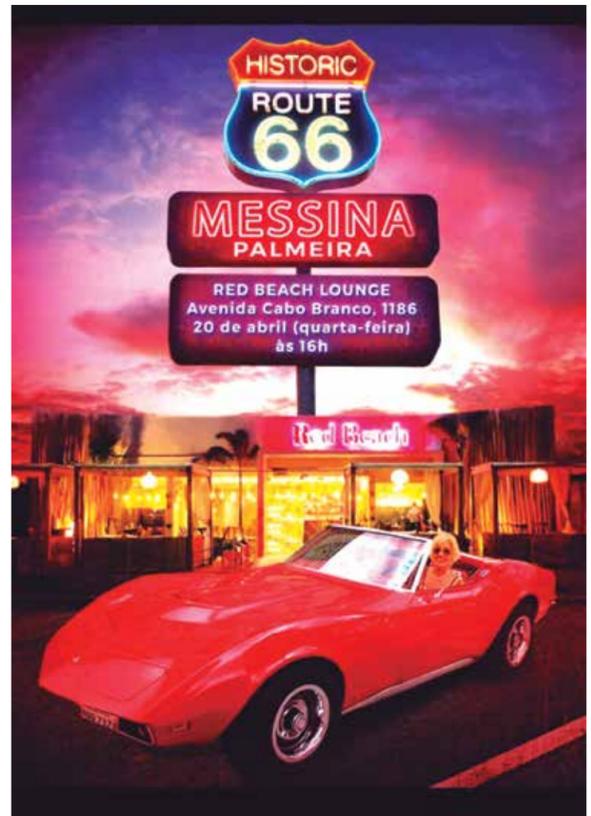
Roberta Rodrigues de Aquino, sogra da secretária executiva da Cidadania e Direitos Humanos de João Pessoa, Raíssa Lacerda, convidou amigas para festejar o aniversário da querida nora. No evento, registrei a homenageada cercada pelo carinho da sua sogra, Roberta Aquino, e da primeira-dama de João Pessoa, Lauremília Lucena.



A Expo Turismo Paraíba, evento idealizado pelo Sebrae-PB, com a parceria da Fecomércio, Governo no Estado e Convention Bureau de João Pessoa, foi adiada para o período de 7 a 9 de maio. O Conde, município localizado no Litoral Norte paraibano e que tem Karla Pimentel (foto) como prefeita, confirma presença.

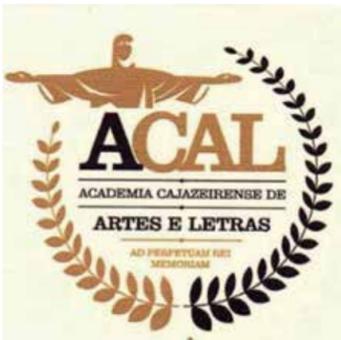


Raiza Drelayne dos Santos Costa, entre a filha Hanna Maria e o marido, Eryl Henrique Palmeira de Oliveira, festejou seu aniversário cercada pelo carinho de familiares e amigos. O casal, originário do Sertão paraibano, atua na área da enfermagem.



No dia 20 de abril, vou festejar meu aniversário com encontro no recém-inaugurado Read Beach Louge, espaço super badalado e original, localizado à beira-mar da Praia de Cabo Branco.

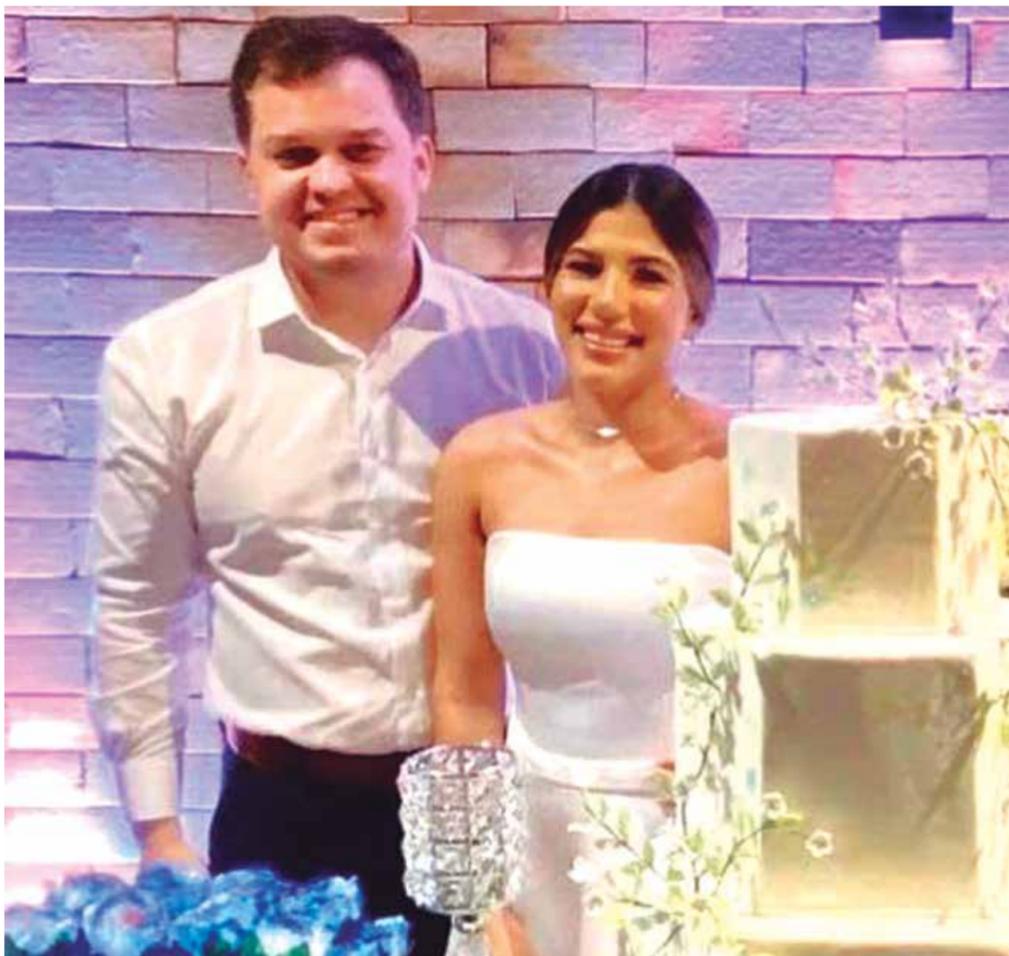
Em Cajazeiras e cidades circunvizinhas já existe um clima de expectativa com relação ao preenchimento de quatro vagas para os quadros da Academia Cajazeirense de Artes e Letras – ACAL. Estão vagas as Cadeiras 30 e 34, cujos patronos são, respectivamente, Lacy Nogueira e Mozart de Sousa Assis, e ainda a 29, que pertenceu a Rafael Holanda, e a 21, a Eliézer Rolim, cuja vacância será declarada em breve.



Com entrega prevista para o segundo semestre de 2022, o M3 Empresarial, unidade comercial que tem a assinatura da construtora Massai, é um empreendimento que tem DNA empresarial, localizado no bairro de Manaíra, composto por 12 unidades disponíveis para locação, distribuídas em três pavimentos.



José Soares de Oliveira e Carla Bezerra Cavalcanti (foto) confirmaram presença no passeio que faremos a Areia, neste mês de março. Na cidade de Pedro Américo, seremos recepcionados pela prefeita Sílvia Farias da Cunha Lima.



A festa de noivado de Igor Martins Cunha, filho da querida Giuliana Martins, com Ana Raquel Cassimiro, foi um momento encantador para a família do casal estilista Joaquim e Edna Martins, avós maternos do noivo.



Selic

Fixado em 2 de fevereiro de 2022

10,75%

Sálário mínimo

R\$ 1.212

Dólar \$ Comercial

1,00%

R\$ 5,078

Euro € Comercial

-0,34%

R\$ 5,542

Libra £ Esterlina

0,18%

R\$ 6,720

Inflação

IPCA do IBGE (em %)

Janeiro/2022	0,54
Dezembro/2021	0,73
Novembro/2021	0,95
Outubro/2021	1,25
Setembro/2021	1,16



ASSISTÊNCIA SOCIAL

Cuidador pode ter direito a auxílio-doença parental

Congresso discute criação do benefício para pessoas que cuidam de familiares

Juliana Cavalcanti
julianacavalcanti@epc.pb.gov.br

O trabalhador brasileiro segurado do Instituto Nacional do Seguro Social (INSS) tem direito, em casos de doença ou acidentes, a receber o auxílio-doença, se sua incapacidade temporária for comprovada através de perícia médica. Mas, quem cuidará dele? Se tiver um parente próximo que seja servidor público federal, problema resolvido: há previsão de licença para que esse servidor fique responsável pelos cuidados do parente, o que lhe é garantido pela Lei 8.212/90. Mas se esse disposto parente for um trabalhador inscrito apenas no Regime Geral de Previdência Social, nada feito.

Essa disparidade de direitos fere a Constituição, já que “todos são iguais perante a lei”. Com esse foco, um projeto de lei que tramita no Congresso Nacional cria o auxílio-doença parental, um benefício que prevê a concessão de uma licença remunerada em favor do cuidador da pessoa enferma da família. Uma matéria que, no entanto, ainda não virou lei de fato.

Se a disparidade é inconstitucional, muitas pessoas têm recorrido à Justiça para garantir esse direito. Diante da ausência de uma previsão legal, a doutrina e jurisprudência passaram a tratar do denominado “auxílio por incapacidade temporária parental”. Trata-se de uma aplicação analógica da licença por motivo de doença em pessoa da família, disciplinada no Regime Próprio de Previdência Social. Mas, em regra, a Justiça tem negado pedidos nesse sentido.

A advogada trabalhista e especialista em direito previdenciário, Roberta Onofre, es-



Foto: Freepik

Auxílio é garantido para servidores federais e pode ser ampliado para parentes de segurados do INSS

Projeto que tramita no Senado baseia-se no princípio constitucional de que ‘todos são iguais perante a lei’ para pleitear o benefício aos contribuintes da Previdência Social

clarece que os trabalhadores, de modo geral, têm direito ao auxílio-doença, mas a Justiça não está obrigada a entender que a Previdência deva conceder o benefício aos parentes que precisam cuidar de seus doentes. “O auxílio-doença parental é apenas um projeto de lei, não tem validade ju-

rídica”, explica a advogada.

No máximo, o segurado pode, de posse de um laudo afirmando que está acamado ou não tem como cuidar da vida pessoal, solicitar uma aposentadoria por invalidez com acréscimo de 25% sobre o benefício. São casos graves em que haja dependência total de outra pessoa durante 24 horas.

CLT

Outro fato apontado pela especialista é que a própria Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) descreve os casos em que o trabalhador pode faltar sem perder remuneração como: alistamento como eleitor, doação voluntária de sangue, falecimento do cônjuge, ascendente, descendente, irmão ou pessoa que viva sob sua dependência econômica, casamento, aborto não criminoso, acompanhar filho de até

seis anos em consulta médica, exames, entre outros casos.

“Conceder um auxílio a familiar cuidador é incompatível com as leis trabalhistas”, explica Roberta Onofre. Nas decisões negadas, inclusive, é descrito que é vedado ao Poder Judiciário atuar como legislador positivo, ainda mais na hipótese de se criar uma nova espécie de benefício previdenciário sem a indicação da respectiva fonte de custeio, o que afrontaria o art. 195 da Constituição Federal.

“Se uma lei criasse um auxílio previdenciário parental para os pais, por exemplo, o juiz, por analogia, poderia entender esse benefício a outros parentes, caso o doente não mais tivesse seus pais vivos. O Judiciário ampliaria a interpretação de uma lei que já existia, o que não é o caso que estamos discutindo”, pontuou.

Projeto segue em tramitação há oito anos

O Projeto de Lei nº 286/2014, de autoria da senadora Ana Amélia prevê o acréscimo de um artigo à Lei nº 8.213/91 (sobre os planos de benefícios da Previdência Social) para instituir o auxílio-

doença parental. Atualmente, o projeto ainda aguarda parecer do relator da Comissão de Trabalho do Senado, mesmo após oito anos desde que foi apresentado.

Caso seja aprovado, será

afastado por mais de 15 dias. O atendimento do órgão para obter ou prorrogar o auxílio-doença ocorre através do site meu.inss.gov.br, pelo telefone 135 ou pelo aplicativo “Meu INSS”. As etapas incluem a solicitação do benefício, pelo Meu INSS, comparecer à perícia médica na unidade escolhida para o procedimento ou nos casos especificados, aguardar a perícia

domiciliar ou hospitalar. Depois, o usuário acompanha o andamento da solicitação e o resultado pela plataforma. O fim do benefício ocorre quando o segurado recupera a capacidade, retorna ao trabalho ou por morte. O pedido de auxílio-doença só poderá ser cancelado na agência do órgão em que a perícia médica foi agendada. Nos últimos 15 dias da

vigência do auxílio-doença, se for verificado que o prazo concedido era insuficiente para o retorno ao trabalho, o segurado poderá solicitar a prorrogação. Se ele for concedido ou reativado por decisão judicial, terá fim na data determinada pelo juiz ou, quando não houver a determinação na sentença, após 120 dias contados da implantação ou reativação do benefício.

Como receber o auxílio-doença pelo INSS

De acordo com o INSS, os principais requisitos para o benefício do auxílio-doença são: cumprir carência de 12 contribuições mensais (isenção para doenças profissionais, acidentes de trabalho e acidentes), possuir qualidade de segurado, comprovar, em perícia médica, doença/acidente que o torne temporariamente incapaz para o trabalho e estar

afastado por mais de 15 dias. O atendimento do órgão para obter ou prorrogar o auxílio-doença ocorre através do site meu.inss.gov.br, pelo telefone 135 ou pelo aplicativo “Meu INSS”. As etapas incluem a solicitação do benefício, pelo Meu INSS, comparecer à perícia médica na unidade escolhida para o procedimento ou nos casos especificados, aguardar a perícia

domiciliar ou hospitalar. Depois, o usuário acompanha o andamento da solicitação e o resultado pela plataforma. O fim do benefício ocorre quando o segurado recupera a capacidade, retorna ao trabalho ou por morte. O pedido de auxílio-doença só poderá ser cancelado na agência do órgão em que a perícia médica foi agendada. Nos últimos 15 dias da

Economia em Desenvolvimento

João Bosco Ferraz de Oliveira
joaboferraz3@gmail.com | Colaborador

Muito além de uma guerra

Os Sertões, do escritor e jornalista brasileiro Euclides da Cunha, é certamente a obra mais famosa sobre a Guerra de Canudos, conflito que ocorreu em 1896 e 1897, no interior da Bahia. De um lado da batalha, o Exército brasileiro. Do outro, os sertanejos liderados por Antônio Conselheiro. Em disputa, a terra rebatizada por Conselheiro como Belo Monte.

No livro, Euclides da Cunha descreve a guerra como um evento extremamente violento e marcado pelo fanatismo religioso. Mas essa é apenas uma forma de narrar a história de Canudos.

Os dois parágrafos acima eu retirei de um texto de um trabalho de tese (UFMG) do pesquisador Tarcísio Fernandes Cordeiro, ano 2020, sob o título “Histórias de um trauma – memórias, testemunhos e ficção sobre a guerra de Canudos” onde se investiga as narrativas relacionadas à Guerra de Canudos e às representações do imaginário sertanejo.

Pois, amigos leitores, existem diversos tipos de guerras e muitos conceitos sobre cada uma delas e não teríamos espaço suficiente para descrevê-las aqui. Muitos de vocês já leram ou ouviram falar: guerra nuclear, civil, fria, biológica, química, santa, mundial, diplomática etc., motivadas por poder, estratégia, economia, riqueza, ideológicas e religiosas.

Hoje, com o avanço da tecnologia e dos processos de comunicação, um determinado conflito você pode abraçar os vários tipos de guerra e as várias motivações ao mesmo tempo. Guerra, nos tempos atuais, não são feitas apenas por homens armados, aviões e tanques. A guerra é química, biológica, força bélica de longo alcance sem necessidade uma tropa invadir uma fronteira, por exemplo. Busca-se, em geral, o domínio de outros territórios, suas riquezas econômicas, poder e subjugação de uma nação à outra.

Direta ou indiretamente, a economia estará sempre presente como causa ou efeito. Quanto mais estruturada a base econômica de uma nação, a tendência será de um menor impacto no caso de um acirramento global com a deflagração de uma guerra. Não existe e não há mais espaço para o neutralismo, nem tão pouco o isolamento achando que com isso um país estará salvaguardado por estar longe ou se manter afastado diplomaticamente de um determinado conflito.

Tudo se conecta, tudo se comunica, e neutralidade hoje é sinônimo de fraqueza ou covardia de se apresentar ao mundo diante de um conflito.

O processo de produção dos bens econômicos são globais. Quase nenhum país produz algo acabado sozinho, exceto quando se trata de alimentos. Os carros são montados utilizando componentes produzidos em diversos países. Computadores, celulares, equipamentos médicos etc., da mesma forma. Não há espaço, repito, para o isolamento, pois alguém precisa vender e ao mesmo tempo comprar, nesse mercado global. Uma guerra pode influenciar no bloqueio desse fluxo e quanto mais dependente for o país, maior será a consequência na economia local.

Vejam o caso atual da Rússia e Ucrânia. Quando no passado um conflito semelhante só interessava aos dois países envolvidos, no máximo o que acontecia além dessas fronteiras era um jogo de palavras e acusações de outras nações que naquele momento tomavam partidos de um lado ou do outro. Hoje é bem diferente. Um país sempre terá algo que interessará a outro, ora como parceiro comercial, como importador ou exportador de algo importante para a indústria de outro país ou para consumo mesmo.

A novidade mais recente é a guerra (fria?) das estratégias de isolamento financeiro, na tentativa de desestabilizar, fragilizar ou sufocar uma nação, para que ela recue nas suas pretensões de domínio em território alheio. É o que a Rússia está experimentando agora com a decisão do resto do mundo (exceto a China e a Índia), de paralisar sua economia com barreiras na circulação de valores e dos meios de pagamentos através do Sistema Swift.

O Swift (Sociedade de Telecomunicações Financeiras Interbancárias Mundiais) é um sistema de comunicação que permite o pagamento e a transferência de recursos entre empresas de mais de 200 países, padronizando as informações financeiras.

A guerra da Rússia sobre a Ucrânia, podemos dizer que é a nova pandemia do momento e seu alcance poderá agravar a economia global, provocando outro tipo de guerra: o domínio econômico dos mais fortes sobre os mais fracos, aumentando ainda mais a distância dos países na escala de desenvolvimento.

Ninguém vive mais só, tudo pode acontecer muito além de uma guerra!

SEM CONTROLE

Consumo excessivo gera superdívidas

Pesquisa aponta que 35,6% da população paraibana tem contas elevadas em cartões de crédito e cheque especial

Juliana Cavalcanti
julianacavalcanti@epc.pb.gov.br

Todo mês, a chegada da fatura do cartão de crédito deixa a comerciante Gabriela Saraiva bastante ansiosa. “Ficar com o nome negativedado não é algo que a pessoa quer, mas tem momentos que não temos escolhas. Temos que optar entre deixar a conta em aberto e continuar comprando, ou pagar e ficar sem condições de se manter”, queixou-se a consumidora, que mora com um filho de 26 anos, desempregado, no bairro Castelo Branco.

Suas principais dívidas são as do cartão de crédito e do cheque especial. Situação um pouco diferente da vivida pelo funcionário público José Antônio Gomes, que mora no bairro Colinas do Sul com dois filhos. “Mais de 50% do meu salário já uso para pagar empréstimos de bancos. Termino recorrendo a eles para pagar minhas contas ou até mesmo limpar meu nome. Todo mês vou tentando dar um jeito”, comentou. Apesar disso, o servidor, que recebe pouco mais de um salário mínimo por mês, não se considera consumista.

Gabriela e José fazem parte do grupo de pessoas

■ Perda da renda também é um dos fatores que leva ao endividamento das famílias brasileiras, gerando consequências econômicas e sociais ao país

Compras no cartão de crédito representam quase 30% de todas as dívidas dos brasileiros, de acordo com o Mapa de Inadimplência feito pela Serasa

com débitos que levam parte considerável do dinheiro que recebem. O superendividamento é o termo usado para identificar a situação em que a pessoa tem um conjunto de dívidas cuja quantia torna-se impossível de ser paga. De acordo com o estudo elaborado pelo Programa das Nações Unidas para o



Foto: Freepik

Desenvolvimento (Pnud) e a Secretaria Nacional do Consumidor (Senacon), 35,6% da população paraibana está endividada. Esse índice é o quinto menor percentual do país.

Além disso, o Instituto Brasileiro de Defesa do Consumidor (Idec), com base na Pesquisa de Endividamen-

to e Inadimplência do Consumidor (Peic), identificou que, assim como no restante do Brasil, na Paraíba, as principais dívidas contraídas são por cartão de crédito, cheque especial, cheque pré-datado, crédito consignado, crédito pessoal, carnês, financiamento de carro e financiamento de casa.

Endividamento familiar

No país, 69,7% das famílias estão endividadas, e 43,2% dos consumidores declararam que não conseguirão pagar as contas em atraso. Conforme o Mapa de Inadimplência no Brasil (Mapa), elaborado pelo Serasa, pelo menos 60 milhões de inadimplentes eram encontrados

no país no ano passado. São mais de 211 milhões de dívidas contraídas, que totalizam um valor de R\$ 249,6 bilhões.

O Serasa registrou, ainda, que em 2021 o Amazonas, Mato Grosso, Acre e Rio de Janeiro eram os estados com a maior parcela da população endividada. E o Piauí apresenta o menor percentual.

Empréstimos são solução amarga

Segundo Gabriela Saraiva, o cartão de crédito serve basicamente para as suas roupas, sapatos, refeições fora de casa, supermercado e outras despesas. Mas a comerciante assume que é uma consumidora compulsiva e que, por isso, está sempre recorrendo ao cheque especial.

Para tentar manter o controle, já reduziu o limite do cheque especial para no máximo R\$ 250, tentando adequar essa despesa aos seus ganhos mensais. “Vejo, compro e depois penso como pago. Tanto faz se é necessidade ou não. Tive que diminuir o limite do cheque especial, porque teve uma época em que o meu dinheiro era quase todo para isso”, conta.

Gabriela já recorreu a empréstimos, mas orientada por uma amiga conseguiu outras soluções e hoje está mais tranquila. Mesmo endividada, não tem mais contas em valores exorbitantes. “Já fiz empréstimo em cima de empréstimo para pagar as dívidas de cartão. Quando me dei conta, estava com seis empréstimos: um grande e o resto de pequeno valor. A solução foi somar toda a dívida e fazer um empréstimo maior para quitar os outros. Assim, fiquei apenas com um e a prestação ficou concentrada e até um pouco menor, porque parceléi em mais vezes”, relatou.

Apesar de ter encontrado uma solução para aquela dívida, Gabriela não aconselha ninguém a fazer empréstimo, pois entende que o ideal é segurar o impulso pela compra. “Hoje continuo pagando um empréstimo no valor correspondente a 50% do salário mínimo. Este, eu termino em novembro, e quando me vejo tentada todo mês a fazer outro para sair do sufoco, logo esqueço essa ideia, porque não

“

Vejo, compro e depois penso como pago. Tanto faz se é necessidade ou não. Tive que diminuir o limite do cheque especial, porque o dinheiro era quase todo nisso

Gabriela Saraiva

vai melhorar em nada, só piorar”, opinou a comerciante.

Consequências

De acordo com o economista e conselheiro do Conselho Regional de Economia da Paraíba (Corecon-PB), Acilino Madeira, esta situação tem diversas consequências econômicas e sociais, pois a população pode ter dificuldades para permanecer no mercado consumidor. Ele lembra que o superendividamento colabora para a desaceleração da economia, paralisa vários setores do mercado e prejudica o desenvolvimento nacional.

Conforme o economista, o superendividamento ocorre quando o que a pessoa ganha não cobre as suas despesas. “Se por mês você ganha R\$ 10 mil e gasta R\$ 12 mil, então você tem um déficit de R\$ 2 mil por mês. Se acumular esse déficit, vai gerar uma dívida. Assim, você acumulou R\$ 24 mil de dívidas no ano e faz um

empréstimo de R\$ 20 mil para tentar pagar, mas isso não resolve. E aí vai se superendividando mais e mais”, explicou.

Ele acrescenta que o desemprego tem responsabilidade nesse processo, pois quando a economia não gira, não tem como ganhar dinheiro. Para o especialista, durante o tempo em que está empregado, o indivíduo faz dívidas, como comprar um carro, alugar uma casa, adquirir roupas, sapatos ou fazer uma viagem confiando que aquele endividamento será superado com o salário. Mas, se de repente essa pessoa ficar desempregada, além das suas dívidas esperadas, ela terá novas. “Isso é o que está acontecendo com a sociedade brasileira. Quase todas as famílias estão sofrendo esse mal do superendividamento”, lamentou.

Além de acumular as dívidas, existe também a situação de trocar uma por outra. “Às vezes você contraiu uma dívida pagando juros de 10% ao mês e troca por um consignado a 1,5% ou 2%. Quando você troca e não faz mais dívidas você estanca o débito e é vantajoso. Mas, quando vai acumulando fica complicado”, completou o especialista.

Perfil dos inadimplentes

O Mapa de Inadimplência verificou que o valor médio de cada dívida por pessoa é de R\$ 3.937,98, presente nos seguintes setores: banco/cartão de crédito (29,7%); utilidades (22,3%) e varejo (13%). A maioria dos inadimplentes no Brasil é do gênero feminino (50,1%) e 35,8% estão entre 26 e 40 anos.

A pesquisa realizada pelo Idec aponta que aproximadamente 30 milhões de brasileiros estão com 100% de sua renda mensal comprometida com dívidas.

Estágios do superendividamento

■ Pessoas com dívidas consideradas de difícil quitação sofrem com o comprometimento da renda e do patrimônio, com alterações do padrão de vida e impactos psicológicos

A Lei 14.181/21 entende superendividamento como “a impossibilidade manifesta de o consumidor pessoa natural, de boa-fé, pagar a totalidade de suas dívidas de consumo, exigíveis e vincendas, sem comprometer seu mínimo existencial, nos termos da regulamentação”.

O relatório do Pnud e a Senacon observa que o superendividamento do brasileiro ocorre em três fases. A primeira na pré-contratação do crédito, quando as propostas não são claras e têm linguagem extremamente formal, o que pode dificultar a compreensão das condições; a segunda é a contratual, pois o superendividamento acontece em função das taxas de juros e da correção monetária

imposta; e a terceira fase é a pós-contratual, quando o cliente pode se tornar um superendividado por causa da cobrança de juros e elevados encargos, aplicáveis a partir do momento em que a pessoa está no banco de dados de cobrança da operadora do crédito.

Outro ponto citado no estudo é que o consumismo cresceu ao longo dos anos e existe a necessidade de satisfação imediata dos desejos. O texto descreve algumas consequências do superendividamento para o consumidor: sentimento de incapacidade, comprometimento do patrimônio pessoal e da renda familiar, alteração do padrão de vida, além de impactos psicológicos.

Educação financeira é fundamental

A educação financeira é um dos principais caminhos para evitar o acúmulo de dívidas, segundo o economista Acilino Madeira. Para ele, ser educado financeiramente é saber que não pode gastar além daquilo que ganha. No entanto, ele lembra que esse superendividamento tem vários fatores que vão além da economia em si, como a própria pandemia da Covid-19, que afetou muitos negócios.

“Estagnação econômica (economia não cresce), inflação, pandemia, elevação da taxa de juros e o péssimo gerenciamento do Governo Federal: quase 80% dos endividamentos ocorrem hoje por esse conjunto de fatores”, ressaltou.

Para ele, cada caso precisa ser analisado para que a dívida seja pelo menos resgatada e futuramente re-

Negociar

Uma das principais orientações feitas por especialistas é que a pessoa endividada faça a negociação de seus débitos a fim de se livrar dos juros maiores

solvida. E uma das primeiras ações a serem tomadas é tentar se livrar dos débitos de juros maiores. “Por exemplo, se você tem um consignado e um cartão de crédito em que você está pagando o valor mínimo, essa dívida vai ficar imensa. Você pode, também, conversar com o gerente do seu banco para saber qual a melhor oportunidade de troca de dívidas, se vale a pena fazer uma mudança ou portabilidade”, esclareceu.

Sobre a educação financeira, o economista destaca a possibilidade do tema ser levado para as escolas, a fim de evitar futuros problemas. “Seria interessante que os economistas discutissem esse tema em sala de aula, pois o superendividamento é nocivo para quem deve, para quem vai receber e para a economia como um todo”, finalizou.



Chegada do órgão foi bem recebida pela comunidade científica e acadêmica, mas o começo foi marcado pela luta para a instalação, contratação de funcionários e aquisição de recursos para os financiamentos

DE SALA EM SALA

Fapesq-PB começou vendendo ideias

Conheça os primeiros passos da Fundação de Apoio à Pesquisa da Paraíba, que completa 30 anos em 2022

Renato Félix
Assessoria SECT

“Essa fundação passou muitos meses funcionando através de uma portaria a qual ficava dentro da minha pasta. Era o que existia da fundação: a minha nomeação para criar toda uma logística para a existência dessa fundação. E o escritório dela era a minha sala na universidade”. Quem conta isso é Geraldo Baraculy, primeiro presidente da Fundação de Apoio à Pesquisa da Paraíba (Fapesq-PB), falando sobre os primeiros dias da fundação, que completa 30 anos, em 2022. Este começo, partindo do zero, foi marcado pela luta para a instalação na prática do órgão, incluindo conseguir uma sede e funcionários, além de conseguir os recursos para financiamento dos projetos.

Baraculy, como presidente, e Alexandre Moura, como diretor administrativo e financeiro, foram nomeados pelo então governador Cicero Lucena e trabalharam juntos para fazer a Fapesq-PB acontecer, a partir da lei estadual que instituiu a fundação: a Lei 5624, de 6 de julho de 1992.

“Na época, eu era um jovem de 39 anos. Num primeiro momento, não aceitei o convite. O campo de atuação era muito amplo, eu achava que não tinha a capacidade intelectual de assumir uma fundação dessa magnitude”, lembra. Ele foi convencido por Telmo Araújo, então presidente da Fundação Parque Tecnológico da Paraíba.

“Cheguei a ele e disse: ‘Estou até sem dormir à noite’. Ele me perguntou: E você acha que vai existir alguém com a capacidade de entender tudo?”, recorda. “E disse: ‘Isso faz parte. Foi por isso que eu lhe escolhi. Essa sua preocupação é sinônimo de responsabilidade’”. “Telmo Araújo tinha sido um dos grandes articuladores dessa fundação”, afirma Baraculy. “Cientista renomado no Brasil. Tenho a convicção de que ele deveria ter sido o primeiro presidente. Mas ele tinha a necessidade de formar novos líderes no campo da ciência

e da tecnologia”.

Araújo acabou dando outra ajuda importante, ao ceder duas salas do Parque Tecnológico para a Fapesq-PB, com direito a funcionários e computadores. “A dificuldade que nós tínhamos nesse primeiro passo era ter uma pessoa para atender telefone, escrever, digitar, marcar agenda, fazer as formalidades dos convites”, conta. “Comecei a visitar algumas instituições do estado que tinham funcionários em Campina Grande para ver se conseguiria selecionar alguns funcionários do próprio Estado para organizar um pouco as coisas. Trouxemos umas três ou quatro pessoas. Alguns desses funcionários foram muito importantes e continuaram a vida na fundação durante décadas”.

A chegada da Fapesq-PB nesse cenário foi bem recebida pela comunidade científica e acadêmica. “Foi uma polvorosa”, lembra Moura. “A comunidade já pedia há muito tempo por essa fundação. A vantagem era a expectativa de todo mundo ajudar. E a desvantagem era a expectativa alta: a gente não podia errar”.

Um aspecto que já existia na época era a ação da Fapesq-PB para colocar academia, Estado e empresas trilhando o mesmo caminho rumo ao desenvolvimento da Paraíba. “Está no DNA da Fapesq essa colaboração com as empresas”, diz Moura. “A gente via o que acontecia lá fora, nos EUA, no Canadá, na Europa, na Ásia. A gente falava que era preciso apoiar o desenvolvimento local e gerar negócios”.

“

Na época, eu era um jovem de 39 anos. Num primeiro momento, não aceitei o convite

Geraldo Baraculy



O terreno foi cedido pelo Parque Tecnológico; à direita, reunião de instalação do Conselho Estadual de Ciência e Tecnologia



Busca por recursos federais foi a solução

Nesse começo, a Fapesq-PB não tinha recursos: não havia entrado ainda na lei orçamentária. “Era você vender a ideia visitando sala por sala. A principal ação era a visita mesmo”, diz Baraculy. A busca por recursos federais acabou sendo uma solução para aquele primeiro ano.

“A gente tinha três linhas de ação. A primeira era instalar. A segunda, ir atrás de recursos federais. A terceira, montar os programas que deveriam ser implantados”, enumera Moura. Para essa terceira linha, a ideia foi montar um conselho que pudesse analisar as propostas de financiamento.

“Havia cinco grandes áreas na fundação: agricultura, engenharia, tecnologia, ciências da saúde, ciências sociais”, conta Baraculy. “Comecei a selecionar pessoas para criar um conselho técnico e começamos a manter reuniões com esse grupo para definir as linhas de ação”.

Eram reuniões com 20 ou 30 pessoas de cada área, em uma verdadeira “brainstorm”. Mas havia também o que o primeiro presidente chama de carteira espontânea. “A gente tinha que deixar a porta aberta para novas ideias, sem um edital específico”, explica. “E o Tribunal de Contas do Estado questionou. Fui lá defender: ‘Como vou saber as melhores ideias que há no mundo?’”.

Prédio

“Como vamos fazer para dar visibilidade à Fapesq escondidos aqui em duas salas

do Parque Tecnológico?”, se perguntava Baraculy. “Vamos pensar em construir alguma coisa”. Assim surgiu a iniciativa da construção de um prédio que viria em 1994 a ser a sede da fundação, e onde ela está até hoje.

O terreno foi cedido pelo Parque Tecnológico, mas não havia dinheiro para a construção do edifício. A solução acabou vindo da Companhia de Desenvolvimento da Paraíba (Cinep).

“Comecei a dividir meu problema com campinenses que poderiam ajudar”, recorda. “E conheci Geraldo Dias, que era assessor de Abdias de Sá, diretor-presidente da Cinep, e pedi que nos arranjasse uma audiência”.

Dias conseguiu a audiência, mas tratou de avisar: Sá era um homem prático. Se ele concordasse com a ideia, o ideal era aproveitar para sair de lá já com algo assinado. “Ele me disse: leve uma planta, que, se ele autorizar, autoriza na própria planta”.

Não havia planta nenhuma, mas Baraculy e Moura conseguiram produzir uma com um engenheiro e treinaram os argumentos para o “embate”. “Foi uma semana de planejamento para enfrentar Abdias”, brinca Baraculy. Na reunião, pediram a Sá essa ação para a história da Paraíba. Quando o diretor-presidente da Cinep topou a empreitada, sacaram a planta do prédio e saíram de lá com a assinatura que viabilizaria a construção.

“Primeiro, a gente fez uma

construção bastante espartana para ter um custo mínimo”, lembra Moura. “Usando tecnologias que na época estavam sendo desenvolvidas aqui em Campina Grande, o mais ventilado possível, pra não precisar ter ar refrigerado. E o mais eficiente possível com relação à iluminação natural”. São elementos que, 30 anos depois, estão na ordem do dia da arquitetura: a sustentabilidade no uso dos recursos naturais de iluminação e ventilação.

“Na época, os computadores precisavam de uma sala específica”, lembra Baraculy. “Era necessário um ambiente com ar condicionado... Eles ti-

nham mais luxo que nós, seres humanos”. “Evidentemente, hoje, depois de 30 anos, muita coisa mudou e o crescimento da fundação já demanda mais espaço”, completa Moura.

Pouco antes da inauguração do prédio, ele recebeu a visita de Israel Vargas, então ministro da Ciência e Tecnologia. Na inauguração, em 21 de agosto, esteve presente Lindolpho Dias, presidente do CNPq, e Arlindo Almeida, secretário estadual de Indústria, Comércio, Turismo, Ciência e Tecnologia. E depois da inauguração, o ministro da Fazenda Rubens Ricúpero também visitou a Fapesq-PB.



Geraldo Baraculy, primeiro presidente da Fundação de Apoio à Pesquisa da Paraíba (Fapesq-PB)

VOO COLORIDO

O fenômeno migratório das borboletas

Número maior de insetos em estradas, praças e jardins tem chamado a atenção de paraibanos

Alexsandra Tavares
lekaip@hotmail.com

Ultimamente, não é difícil perceber a maior presença de borboletas nos jardins, praças e ruas de João Pessoa e outras cidades paraibanas. Quem viaja para municípios como Campina Grande pela BR-230, por exemplo, muitas vezes se depara com esses insetos esbarrando no para-brisa do carro ou voando estrada afora. A explicação para esses aparecimentos está no tempo típico desta época do ano, onde é comum o processo migratório de algumas espécies.

A chefe do Laboratório de Entomologia do Centro de Ciências Humanas, Sociais e Agrárias (CCHSA), da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Campus III, em Bananeiras, Maria José Araújo Wanderley, doutora em Produção Vegetal, explicou que é comum ocorrer o processo migratório de meados de dezembro até março.

Esses indivíduos migram de uma região para outra devido ao clima, que favorece ou não a presença de alimentos e até o bem-estar e a reprodução de algumas espécies. Esse deslocamento e a quantidade de espécies que vai de um lugar para outro ainda pode ter relação com as mudanças climáticas. "O clima é um fator abiótico (desprovido de vida) que pode afetar grandemente o desenvolvimento dos insetos e também a disponibilidade de alimento", contou.

Agora, se em 2022 esse fenômeno migratório sinaliza uma maior incidência de borboleta, a professora contou que esse comportamen-

to não representa anormalidade, já que elas podem surgir em maiores ou menores populações nesse processo migratório.

Espécies comuns

Um das espécies de borboletas que aparecem com maior frequência nessa época do ano na Paraíba é a curuquerê-da-couve *Asciamonusteoriseis*, que se alimenta principalmente das folhas da couve, sendo também encontradas na rúcula e em outras plantas da mesma família botânica.

A curuquerê-da-couve é uma borboleta cujas asas apresentam coloração que varia do branco amarelado ao branco esverdeado, com bordas escuras e corpo escuro, medindo cerca de 50 mm. A fêmea põe, geralmente, os ovos na face inferior das folhas, em grupos não muito juntos.

Vale lembrar que o desenvolvimento desses seres compreende algumas fases. A partir do ovo, elas se desenvolvem em lagarta, depois vem a fase de pupa (casulo), onde ficam sem se alimentar, e depois há a transformação em borboleta. Somente na fase de lagarta elas se alimentam de plantas. Quando se tornam borboletas, se alimentam apenas do néctar das flores.

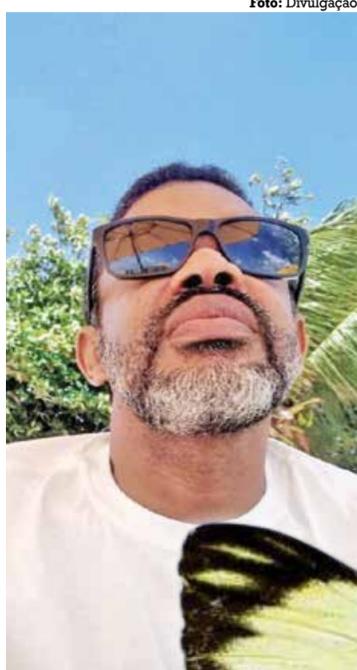
Ambiente fica mais alegre

O que não falta é cidadão que testemunha a maior presença das borboletas em casa e nas ruas. A maioria admira a presença delas no meio ambiente, pois dizem que traz um colorido e alegria especial à vida.

A cuidadora de idoso, Rosiane França, contou que costuma encontrar muitas espécies onde mora, no bairro de Jaguaribe, na capital. "Mas elas também estão nas praças e ruas de outros bairros". Para Rosiane, a presença desses insetos é bem-vinda. "São lindas e coloridas, alegram o nosso dia".

O professor e empreendedor Hilton Medeiros da Silva, morador do município de Santa Rita, também gosta dessas "visitantes". Ele declarou que vem percebendo um aumento significativo da presença desses insetos nesse período do ano, porém, isso não o incomoda, pelo contrário. "Elas trazem mais vida ao ambiente devido às cores e diversidade".

A trabalhadora autônoma Alice Silva disse que viajou recentemente a Campina Grande e percebeu que várias borboletas acabaram morrendo na estrada, porque se chocavam com o para-brisa do carro. "Via que eram borboletas de cor clarinha, como amarelo. Como estávamos na estrada, não podíamos evitar o choque", lamentou.



Hilton diz que percebeu um número maior de borboletas e atesta: "Elas trazem mais vida ao ambiente"



Foto: Divulgação/ Maria José Wanderley



A borboleta curuquerê-da-couve é a espécie mais comum encontrada na Paraíba

Saiba mais

Borboletas e mariposas são insetos que possuem escamas coloridas nas asas. Apresentam seis patas e o corpo dividido em três partes: cabeça, tórax e abdômen. Na cabeça, tem um par de antenas, um par de olhos compostos (formados por várias lentes) e a boca (na forma de um canudo), que é usada para sugar o néctar das flores. No tórax, além das patas, existem dois pares de asas, geralmente. As borboletas existem em todas as partes do mundo, com exceção das regiões glaciais.

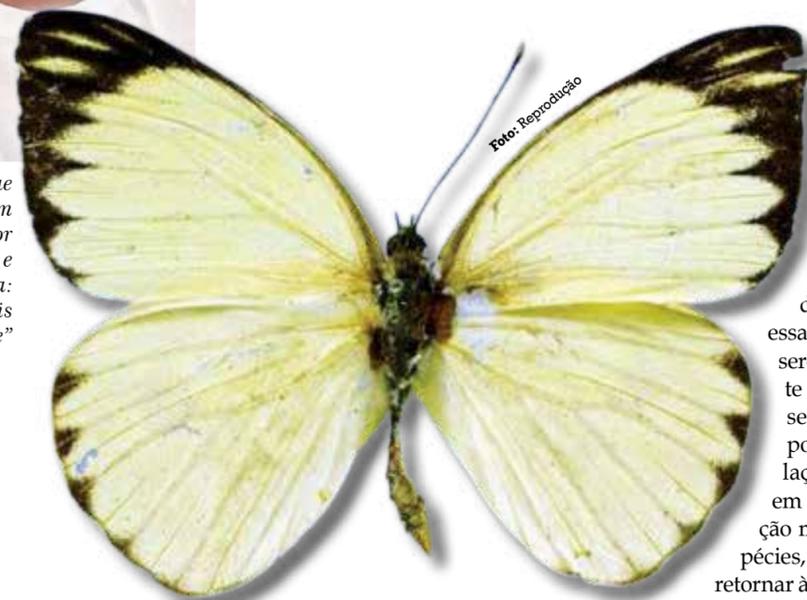
Migração pelo mundo

A migração de borboletas ou mariposas é comum em todos os continentes do mundo, exceto na Antártica. Uma das espécies migratórias mais comuns é a monarca, que se desloca do sul do Canadá para locais de inverno, no centro do México. No final do inverno e início da primavera, as monarcas adultas deixam a cordilheira Transvolcânica no México e vão em busca de um clima mais setentrional.

Nessa fase, ocorre o acasalamento e as fêmeas procuram uma planta chamada de erva-leiteira para colocar seus ovos, geralmente, no norte do México ou no sul do Texas. Quando as lagartas eclodem e se desenvolvem, vão para o Norte, onde mais descendentes podem ir até o centro do Canadá, até o próximo ciclo migratório. Subespécies de Monarca podem ser vistas no leste brasileiro, por isso elas podem aparecer no Nordeste do país.

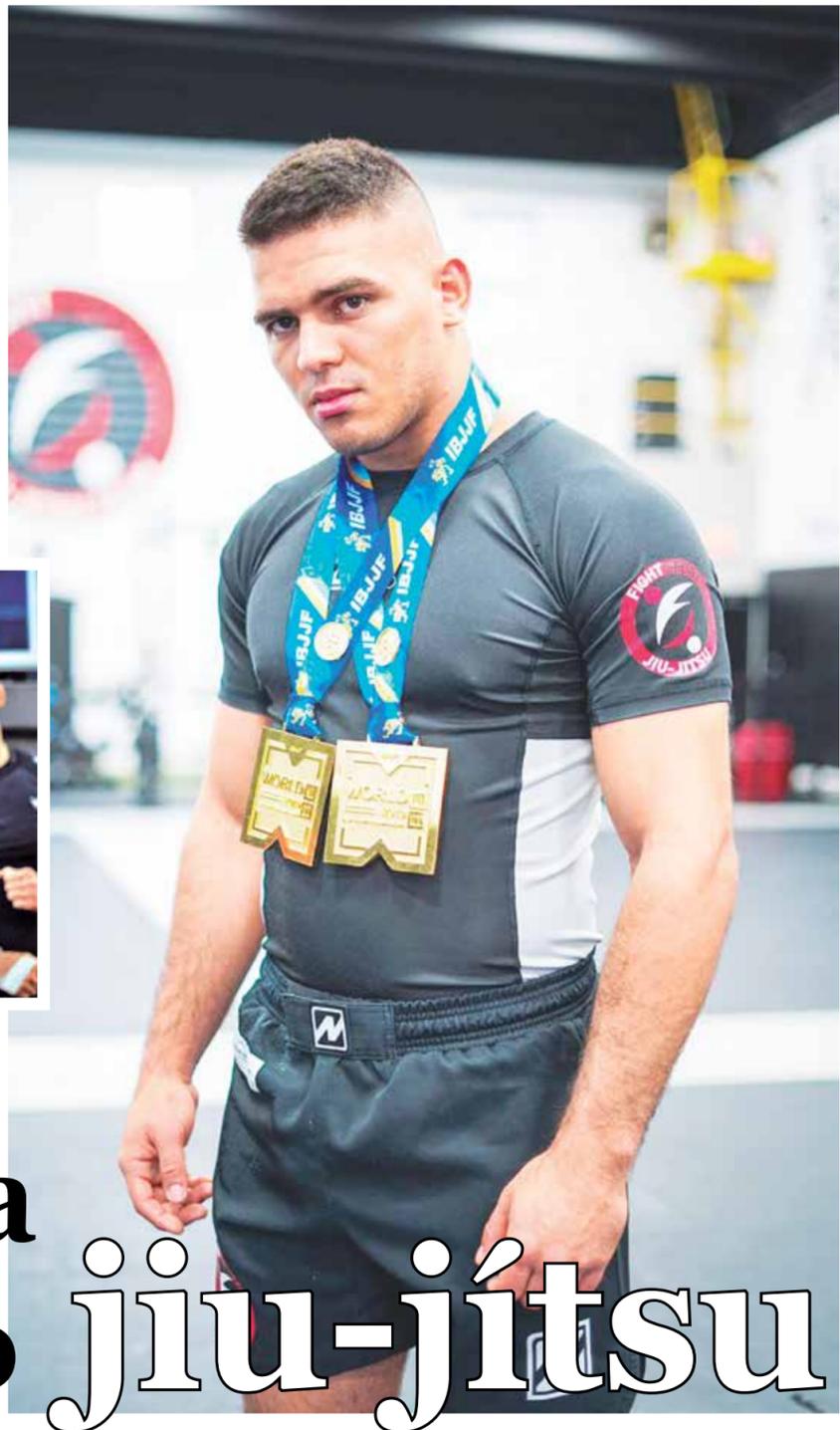
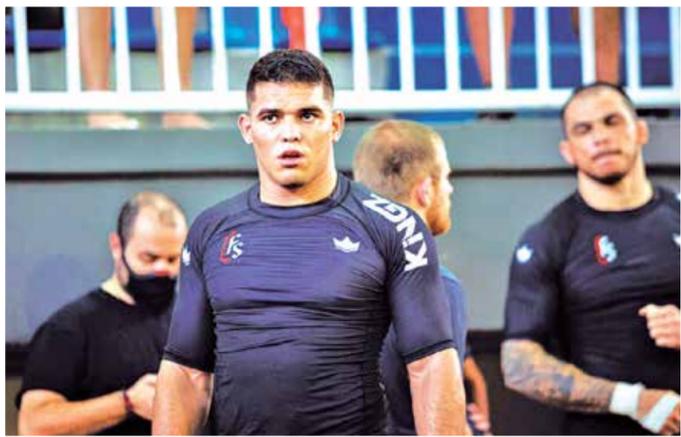
Os deslocamentos de lepidópteros (mariposas ou borboletas) de uma região para outra costumam ser sazonais. Nas espécies em que todos os indivíduos seguem o fluxo migratório, a população se move no verão e no inverno, ou na estação seca e chuvosa.

Já sobre as espécies que apenas parte da população migra, é difícil para os estudiosos definir quando ocorre essa transferência sazonal. Esses seres podem se manter em parte de seu habitat, mas também se dirigir para áreas onde não podem estabelecer uma população permanente, fixando-se em uma área durante uma estação mais favorável. Algumas espécies, no entanto, têm o hábito de retornar à residência permanente no final da temporada.





Luccas Lira já conquistou vários títulos na sua trajetória e terá um novo desafio, em setembro, na disputa do Mundial, na cidade de Las Vegas



LUCCAS LIRA

Paraibano busca a consagração no jiu-jítsu

Atleta tem uma história repleta de sucesso na modalidade e recebeu convite para competir nos Estados Unidos

Fabiano Sousa
 fabianogool@gmail.com

Quanto custa um sonho? Para o lutador de jiu-jítsu, Luccas Lira Costa, 24 anos, a busca pelos sonhos vai além de valores. O paraibano, de João Pessoa, é dono de uma trajetória de lutas, perdas na vida pessoal e conquistas significativas dentro do tatame que o faz ser, atualmente, um dos atletas mais conceituados da modalidade mundial. Sempre adepto a práticas esportivas desde a infância, passou por diversas modalidades. Com influência de seu pai que foi atleta profissional, praticou jiu-jítsu e hoje é faixa preta. Luccas também passou a competir na modalidade, ainda na adolescência, aos 17 anos, e se afirmou enquanto atleta profissional.

“Sempre fui adepto aos esportes desde criança, minha família apoiou e incentivou a prática esportiva. Comecei na natação, pratiquei handebol, vôlei de praia, participei de jogos internos escolares e fui destaque em várias modalidades, tanto no basquete, como no futsal. Sempre tive aptidão para os esportes, quem me conhece, sabe dessa minha característica de competir em alto nível. No handebol, quase cheguei a competir profissionalmente. No entanto, me apaixonei quando tive o meu primeiro contato com o jiu-jítsu, aos 17 anos. Logo na primeira competição local que disputei em João Pessoa, acabei ficando com a 2ª colocação. A gana de competitividade, que tive desde criança em qualquer esporte que pratiquei, me motivou a me profissionalizar, competir em alto nível, construir um caminho de sucesso e o desafio de alcançar novas conquistas”, comentou.

Antes promessa, hoje realidade. O paraibano conquistou vários títulos nacionais, sul-americanos e

“

Estou buscando meu visto de atleta para me preparar com a equipe Fight Sports Club em busca de reconquistar o título do Mundial Peso e Absoluto, agora com a minha nova faixa marrom, na categoria 99kg, e depois disso, mudar para faixa preta e seguir com outras conquistas

Luccas Lira

internacionais na categoria faixa azul. Começou a competir profissionalmente no jiu-jítsu, em 2017, e logo na primeira disputa foi 3ª colocado do Sul-Americano, em Barueri-SP. Em 2018, foi campeão do Salvador Open, o que lhe deu o direito de competir novamente, em Barueri-SP, o Sul-Americano. Mas, dessa vez, conseguiu subir no lugar mais alto do pódio. Por conta desse título, ele garantiu o direito de disputar o Mundial da categoria, em Abu Dhabi, nos Emirados Árabes, ficando com a 4ª colocação. Desde a escolha pelo o jiu-jítsu, Luccas teve que tomar decisões, sendo o fato de estar longe de casa, da família e dos amigos a mais difícil.

“Em 2017, quando decidi es-

colher o ju-jítsu como algo profissional para minha vida, tive de abdicar de várias questões relacionadas à rotina de um jovem com 17 anos. Em 2019 recebi uma proposta de meu atual treinador, Roberto Cyborg Abreu, para ir aos Estados Unidos participar de um período de preparação para a disputa de um Campeonato Mundial e, pela primeira vez na vida, fiquei longe de minha família. Na época minha avó estava doente e não pude acompanhar o processo de tratamento. Foram momentos difíceis, da mesma forma, que foram sacrifícios que não me arrependo de ter pagado o preço, pois naquele momento estava buscando algo grande – estabelecer meu nome enquanto atleta paraibano dentro do esporte”, disse Luccas.

A vida de Luccas começou a mudar, em 2019, quando ele passou a consolidar, de fato, o seu nome na história do jiu-jítsu. O desempenho no Campeonato Mundial, em Abu Dhabi, lhe rendeu um convite para ir treinar nos Estados Unidos e competir nos principais campeonatos internacionais da modalidade.

“Em 2019, quando fui aos Estados Unidos para me profissionalizar e competir no Campeonato Mundial da Federação Internacional de Jiu-jítsu, foi sem dúvidas, o meu melhor ano. Fui o 3º colocado no Campeonato Mundial de Jiu-jítsu, campeão quatro vezes do Miami Open e campeão do Charlotte Open – eventos reconhecidos pela Federação Internacional de Jiu-jítsu. Também pude ser Campeão Pan-americano de Jiu-jítsu sem kimono. Neste mesmo ano consegui os dois títulos que considero os maiores feitos de minha carreira, campeão mundial peso e o de campeão mundial absoluto sem kimono, conquistados na Califórnia”, pontuou.

Abalo com a perda da avó

Já com a carreira consolidada, após as grandes conquistas nos EUA, o campeão teve de voltar ao Brasil, em 2020, por conta da pandemia. No mesmo ano, já com faixa nova, a roxa, voltou a competir em Abu Dhabi e conseguiu ser campeão do World Pro Abu Dhabi que é o maior torneio da Federação Árabe na categoria. Porém, fora do tatame, Luccas sofreu uma das piores perdas de sua vida. No Brasil, sua avó, Dona Rosilene Lira Amorin, falecia aos 75 anos. Uma perda que o jovem atleta teve de aprender a superar.

“Sem dúvidas, esse foi o momento mais difícil, pois estava longe de minha família e acabei perdendo a minha avó. Ela sempre foi a pessoa mais importante da minha vida, cuidou de mim junto de minha mãe. Sempre tive ela como uma figura importante. Perder ela, estando longe, foi um momento muito delicado que tive de aprender a superar”, confessou.

Entre perdas, superações e conquistas, Luccas voltou a participar do Sul-Americano de jiu-jítsu pela terceira vez, conquistando a 3ª colocação, no Rio de Janeiro-RJ, em 2021. Também no ano passado, disputou campeonatos estaduais na faixa marrom. No início deste ano, Luccas recebeu convites para participar de duas competições, sendo uma em Balneário Camboriú-SC e São Paulo-SP. Os torneios foram seletivos para a participação no Abu Dhabi Combat Championship-ADCC, maior campeonato de luta agarrada do mundo, que nesta edição aconteceu em Las Vegas-EUA.

Mesmo sendo faixa marrom, nas duas competições no Brasil, Luccas lutou com atletas de faixa preta. Acabou não se classificando para o evento principal, mas das oito lutas venceu seis e perdeu duas, justamente para os dois atletas classificados. No entanto sua performance impressionou os organizadores do evento, ao ponto dele receber um convite para ir até Las Vegas, em setembro, participar das disputas.

“Estou buscando meu visto de atleta para me preparar com a equipe Fight Sports Club em busca de reconquistar o título do Mundial Peso e Absoluto, agora com a minha nova faixa marrom, na categoria 99kg, e depois disso, mudar para faixa preta e seguir com outras conquistas. Recebi da organização o convite para participar e quero muito disputar com outros 16 atletas de todo o mundo, em Las Vegas, e trazer o título para a Paraíba”, afirmou Luccas.

Independentemente do resultado, Lucas se diz feliz pela escolha pelo jiu-jítsu. Segundo ele, foi através desse esporte que conheceu o mundo, novas amizades e pode contribuir para outros jovens, assim como ele, a buscar os sonhos e conquistas pessoais.

“Conheci o mundo e fiz muitas amizades. Tenho o orgulho de ter conquistado várias coisas dentro esporte e muito, além disso. Falo sobre o reconhecimento, o meu professor Roberto Cyborg, a minha família. Nas minhas redes sociais recebo mensagens de crianças e adolescentes que me pedem dicas e incentivos para praticarem jiu-jítsu, isso me faz ter consciência da escolha certa e me dar força para seguir em frente em busca de me consolidar neste esporte”, finalizou.

8 DE MARÇO

Torneio reúne 200 atletas na capital

Competição terá oito equipes dentro das comemorações do Dia da Mulher e acontecerá no CT Ivan Thomaz

Fabiano Sousa
fabianogool@gmail.com

Foto: Divulgação/Kashima

Na próxima terça-feira (8), a partir das 8h30 será realizado no Centro de Treinamentos Ivan Thomaz, em João Pessoa, o Torneio 8 de Março - Dia Internacional da Mulher. A competição vai reunir cerca de 200 atletas de oito equipes amadoras e profissionais de futebol feminino da capital e também de Santa Rita.

O regulamento do torneio que conta o apoio da Secretaria Municipal da Juventude Esporte e Recreação (SEJER) - João Pessoa e da União Brasileira de Mulheres - PB (UBM-PM), prevê uma série de jogos em mata-mata entre as equipes participantes, assim duas delas chegam a final para seja conhecida e equipe campeã.

Para a organização do torneio, a competição comemorativa ao dia das mulheres é uma iniciativa com objetivos de valorizar a figura da mulher e evidenciar a prática do futebol feminino em João Pessoa e na Paraíba.

“A realização desse evento reforça a necessidade de reconhecimento do espaço das mulheres em qualquer segmento, justamente na data que simboliza o Dia Internacional da Mulher. O nosso objetivo é sempre está evidenciando a prática do futebol feminino em nosso estado”, pontuou Marcos Lima, presidente do Kashima e organizador do torneio.

Kashima A, Kashima B, VF4, Bebelândia, Unidos, Servcar, Maníacos e Marretinha são as equipes que disputarão o torneio. O campeão vai ser premiado com o Troféu Walter Ataíde (In Memoriam), o vice-campeão recebe o Troféu Evilazio Lacerda (In Memoriam). Além dos troféus, o campeão e vice serão premiados com medalhas. Já o terceiro colocado receberá apenas as medalhas como premiação.



O Kashima será representado, na competição do próximo dia 8, por duas equipes, além do VF4, Marretinha, Bebelândia, Unidos, Servcar e Maníacos

FORA DE REDES SOCIAIS

FIA impõe mais sanções para a Rússia e Belarus

A reunião de emergência do Conselho Mundial de Automobilismo na terça-feira após a invasão da Ucrânia trouxe medidas bastante rígidas e regras a serem seguidas à risca pelos pilotos e o pessoal envolvido diretamente no mundo da velocidade. Os nomes da Rússia e de Belarus foram praticamente banidos. Em um documento com várias normas, há até a proibição de citação dos países em redes sociais.

Pilotos com nacionalidade russa ou belarrussa estão liberados para disputar provas no automobilismo mundial, mas sem defenderem as cores e o hino de seus respectivos países. Todos

terão de assinar um termo de compromisso.

“Não exibirei nenhum símbolo, cores ou bandeiras nacionais da Rússia/Belarus publicamente ou por meio de redes sociais ou meios de comunicação”, traz o quarto item do documento divulgado pelo Federação Internacional de Automobilismo (FIA), publicado na última sexta-feira.

Outro artigo bastante rígido é o sétimo. “Não farei declarações ou comentários, tomarei quaisquer ações ou me comportarei de maneira que seja prejudicial aos interesses da FIA, em qualquer competição e/ou no automobilismo em geral. No lado particular, não expressarei nenhum apoio (direto ou indireto) para o russo e/ou belaruso sobre atividades em relação à Ucrânia.”

A Fórmula 1 já havia banido o GP da Rússia em definitivo do calendário e pilotos russos foram proibidos de disputar corridas no Reino Unido. O descumprimento das regras vai gerar penalidade dura aos pilotos.

A FIA condenou a invasão russa na Ucrânia e o apoio prestado por Belarus. Os representantes do país no automobilismo não poderão, ainda, ter citações de seu país em capacete, carro, uniforme, itens pessoais... E nem mesmo cantar o hino em local de competições.

ELIMINATÓRIAS

Tite anuncia, no próximo dia 11, a lista dos jogadores para mais duas partidas

A nova convocação da Seleção Brasileira será no próximo dia 11. Às 11 horas, o técnico Tite divulgará a lista de relacionados para as duas últimas rodadas das Eliminatórias da Copa do Mundo, contra Chile e Bolívia, respectivamente. O evento será realizado na sede da CBF e contará com transmissão ao vivo da CBF TV. Além desses dois jogos, a CBF aguarda ainda a marcação do jogo contra a Argentina que não aconteceu no Brasil por intervenção da Anvisa, em São Paulo.

Já classificada para a Copa do Mundo FIFA Catar 2022, a Seleção Brasileira enfrenta o Chile no dia 24 de março, no Maracanã, e a Bolívia no dia 29 de março, em La Paz, capital boliviana.

Reunião

Amanhã, a movimentação promete ser grande na sede da CBF, conforme edital divulgado pelo presidente interino Ednaldo Rodrigues. É que as Federações e os clubes da Série A estarão reunidos em primeira convocação às

14 horas, e em segunda convocação às 15 horas, na sede da entidade, com o objetivo de apreciar e definir as regras eleitorais aprovadas na Assembleia Geral realizada em 23 de março de 2017, com a seguinte ordem do dia: 1) da definição de pesos diversos entre as Federações e clubes; 2) exigências para candidaturas; 3) e inclusão dos times de segunda divisão (com o respectivo peso de voto), no Colégio eleitoral, e outras alterações necessárias em decorrência da legislação vigente.

Foto: Lucas Figueiredo/CBF



O técnico Tite, ao lado do auxiliar Juninho Paulista, irá fazer mais uma convocação de jogadores para confrontos pelas Eliminatórias da Copa de 2022

COPA DO NORDESTE

Sousa encara o Globo-RN no Marizão

Time sertanejo faz jogo decisivo pela sétima rodada com a obrigação de vencer para ter chance de classificação

Fabiano Sousa
 fabianogool@gmail.com

A penúltima rodada da 1ª fase da Copa do Nordeste vai definir os rumos do Sousa na Competição. Neste domingo (6), o Dinossauro vai receber o Globo-RN, às 18h30, no Estádio Marizão, em Sousa, precisando de uma vitória para chegar à última rodada com chances de classificação para a fase seguinte do torneio regional.

O duelo das duas equipes pela sétima rodada vai marcar o terceiro confronto por competições oficiais. Antes haviam disputado duas partidas pela Série D do Brasileiro, em 2016. O retrospecto aponta um empate e uma vitória para Globo. Agora, no primeiro confronto por uma competição regional, o Sousa vai ter que conseguir a sua primeira vitória contra a Águia, por uma competição oficial.

Para o goleiro do Sousa, Ricardo, o clube precisa ter o mesmo comportamento agressivo quando joga no Marizão. O arqueiro sabe da importância do resultado e acredita que o Dinossauro possa sair de campo com uma vitória.

“O grupo sabe da importância dessa partida, pois só uma vitória pode nos deixar com chances de classificação até a última rodada. O comportamento da nossa equipe durante a partida tem de ser agressivo, assim como tem sido em todos os jogos que jogamos em casa. Creio que estamos preparados para buscar o resultado positivo”, comentou Ricardo.

Na última rodada, o Sousa acabou derrotado por 2 a 1 pelo Campinense, em Campina Grande. Já o Globo-RN foi melhor e venceu o Altos-PI por 1 a 0, em Ceará-Mirim-RN. Na classificação atual, a equipe paraibana ocupa a lanterna do grupo B, com sete pontos somados em seis partidas disputadas. O tricolor potiguar também disputou seis partidas, tem cinco pontos ganhos e ocupa a 6ª posição do grupo A.

O lateral Iranilson vem sendo um dos destaques do Sousa na Copa do Nordeste e tem presença confirmada no jogo deste domingo



Foto: Jefferson Emmanoel/Sousa

CAMPEONATO PARAIBANO

Treze e Nacional jogam pela liderança do grupo B

Ivo Marques
 ivo_esportes@yahoo.com.br

A torcida do Treze promete fazer, hoje, uma grande festa para comemorar o retorno do time a disputar partidas oficiais no Estádio Presidente Vargas. O Galo enfrenta, às 16h, o Nacional de Patos, em partida que vale a liderança do grupo B do Campeonato Paraibano. O clube sertanejo é o atual líder, com 6 pontos ganhos em três jogos e

o Galo é o terceiro, com quatro pontos em dois jogos.

Desde que a nova diretoria assumiu a direção do clube, um dos principais objetivos era a reforma no PV, para que o Treze pudesse voltar a disputar jogos no seu estádio. Após muitos esforços e ajuda de abnegados, o clube conseguiu fazer algumas reformas para atender às exigências da Comissão de Prevenção e Combate à Violência nos Estádios da Paraíba e hoje

o local está de acordo com o que exige o Estatuto do Torcedor, podendo receber um público de até 5 mil pessoas. Porém, por causa do decreto sanitário, em vigor, do Governo do Estado, de prevenção contra a Covid, o Galo só poderá vender 2.500 ingressos para o jogo de hoje, para evitar grandes aglomerações. Os ingressos para qualquer parte do estádio estão com preços promocionais. Na geral, o valor é de R\$ 20, na arquibancada sombra, R\$ 40 e nas cadeiras R\$ 80.

Após o empate em 2 a 2 contra o CSP, o Treze passou um longo período sem partidas oficiais. Para não perder o ritmo, a equipe realizou um amistoso contra o Sertânia de Pernambuco, na semana passada. O técnico Suélio Lacerda aproveitou o recesso para corrigir alguns erros apresentados contra o CSP e também para recuperar fisicamente alguns atletas. A equipe vai com força total para cima do Nacional, pois a intenção é assumir a liderança e chegar motivado para o clássico dos maioraes, em seguida.

“A gente se preparou da melhor maneira possível para essa partida, corrigindo os erros

apresentados nas outras partidas, e inclusive, treinando outras opções de jogo. Não temos qualquer dúvida sobre a qualidade do nosso elenco e o que podemos fazer durante os jogos e estamos preparados para vencer”, afirmou o meio campo Diego Sousa, que deverá ser titular na equipe do Galo.

No Nacional, depois de um começo de campeonato super tumultuado, o clube passou por uma intervenção, conseguiu dar a volta por cima e logo na estreia goleou o CSP por 4 a 2. Em seguida, o Canário do Sertão goleou o Sport Lagoa Seca por 5 a 0. Apesar dos nove gols marcados, o técnico Lamar ainda não está satisfeito com o aproveitamento dos atacantes nas finalizações. “Poderíamos ter feito muito mais gols e precisamos melhorar nesse fundamento”, disse o técnico, após o jogo contra o Sport.

Para esta partida contra o Treze, Laumar já vai poder contar com o lateral direito Gustavo e o goleiro Ewerton, que chegaram recentemente ao clube. Mas, tudo indica que ele deverá repetir a escalação que começou o jogo contra o Sport Lagoa Seca.



Foto: @cassianooficial13fc

Jogadores do Galo treinam visando o terceiro jogo pelo Paraibano

Jogos de hoje

■ COPA DO NORDESTE

- 15h
Floresta x Atlético-BA
- 16h
Botafogo-PB x Campinense
- 18h30
Náutico x Sergipe
Sousa x Globo

■ BAIANO

- 16h
Vitória da Conquista x Unirb
- 18h30
Bahia de Feira x Juazeirense

■ CARIOCA

- 11h
Madureira x Audax
- 15h30
Boavista x Bangu
- 16h
Flamengo x Vasco

■ PAULISTA

- 16h
Palmeiras x Guarani
- 18h30
Novorizontino x Inter de Limeira
São Bernardo x Mirassol
- 20h30
Bragantino x Botafogo-SP

■ CEARENSE

- 16h
Caucaia x Iguatu

■ MINEIRO

- 10h30
Patrocinense x Pouso Alegre
- 11h
Caldense x Democrata
- 18h
Atlético-MG x Cruzeiro

■ GAÚCHO

- 16h
Frederiquense x São José
- 18h15
Internacional x Aimoré
- 19h
São Luiz x Brasil
Juventude x Guarany

■ PARAENSE

- 15h30
Paragominas x Tapajós
Bragantino x Independente
Amazônia x Itupiranga
Tuna Luso x Caeté
Remo x Águia
Castanhal x Paysandu

■ PARAIBANO

- 16h
Treze x Nacional

■ PARANAENSE

- 16h
FC Cascavel x Athletico
Operário x Azuriz
Coritiba x Maringá
Rio Branco x Paraná
União x São Joseense
Londrina x Cianorte

■ POTIGUAR

- 16h
América-RN x ABC

■ PIAUIENSE

- 16h
River x Flamengo
Parnahyba x Corisabbá



Clássico Emoção define o futuro de Belo e Raposa



Jogo válido pela sétima rodada da Copa do Nordeste é decisivo para as pretensões de Botafogo e Campinense. Retrospecto é amplamente favorável ao time botafoguense



Foto: Guilherme Drovias/Botafogo



Foto: Samy Oliveira/Campinense

O clássico emoção é promessa de muitos gols, já que tanto Botafogo como Campinense precisam da vitória e devem jogar de forma ofensiva neste domingo

Ivo Marques
ivo_esportes@yahoo.com.br

Botafogo e Campinense se enfrentam hoje, às 16h, no Almeidão, pela 7ª rodada da Copa do Nordeste 2022. O clássico vem sendo aguardado com muita expectativa pelas duas torcidas, porque é decisivo para as duas equipes, que buscam a classificação para a próxima fase da competição. O Belo é o terceiro colocado do grupo B com 11 pontos, enquanto a Raposa está na quinta colocação do grupo A, com cinco pontos. O trio de arbitragem é do Ceará, comandado por Adriano Barros Carneiro, auxiliado pelos assistentes Renan Aguiar da Costa e Anderson da Silva Rodrigues.

Botafogo e Campinense já jogaram 60 partidas oficiais, com 27 vitórias do Belo, 16 do Campinense e 17 empates. O Alvinegro da Estrela Vermelha marcou 74 gols, enquanto que o Rubro-negro 60. Pela Copa do Nordeste, as duas equipes só se enfrentaram duas vezes, ambas em 1999. No primeiro jogo, disputado em 25 de fevereiro, o Belo venceu a Raposa por 3 a 0, no Amigão, em Campina Grande. No jogo da volta, em 28 de abril, nova goleada do Botafogo, desta vez por 4 a 1, no Almeidão, em João Pessoa.

O Botafogo, após um começo ruim na Copa do Nordeste, quando chegou a ser lanterna do grupo B, embalou com três vitórias seguidas (1x0 Atlético, 1x0 Sport e 3x0 Sergipe) e subiu para a terceira colocação, superando inclusive o Bahia, que agora é o quarto colocado. Uma nova vitória hoje contra o Campinense levará o time para 14 pontos e praticamente garante a classificação para a próxima fase da competição.

Para o clássico, o Belo terá o reforço do atacante artilheiro da equipe, Gustavo Coutinho, que foi poupado no jogo contra o Sergipe, porque ainda sentia um certo desconforto no tornozelo machucado na partida contra o Sport, em Recife. Por outro lado, o lateral Sávio vai continuar vetado pelo departamento médico. O atleta possivelmente terá de se submeter a uma cirurgia no ombro e não deverá jogar mais na Copa do Nordeste. Em seu lugar, deverá jogar o jovem Erick da base.

Apesar do Botafogo estar em um momento bem melhor que o adversário, o meia Anderson Bahia, que vem sendo um dos destaques do time e de toda a competição, tendo sido escolhido quatro vezes o melhor em campo, acredita que será um jogo muito difícil.

“É um clássico e em jogo assim não existe favorito. O Campinense é uma grande equipe, com bons jogadores e muito bem treinada e certamente será um jogo muito difícil. Temos que en-

No Campinense, só a vitória interessa para continuar com chances de classificação. Depois de um 2021 fantástico, com a conquista do título e o vice-campeonato brasileiro da Série D, a Raposa tem sido um pouco irregular e perdeu alguns jogos que revoltaram os torcedores. Uma vitória sobre o Botafogo diminuiria a pressão e manteria o time na briga pelo G4.

O técnico Ranielle Ribeiro, que já não goza do mesmo prestígio junto aos torcedores, tem alguns problemas para escalar a equipe, com desfalques importantes. Iago, com ruptura no músculo posterior da coxa, e Juninho, com uma lesão no ligamento colateral medial do joelho, estão vetados para a partida. Por outro lado, O atacante Olávio, o goleiro Mauro Iguatu, o lateral esquerdo Filipe Ramon além do zagueiro Cristian e André Macena, estão liberados e podem ser relacionados para a partida.

Para o meia Dione, apesar do potencial do Botafogo jogando dentro de casa, o pensamento é sair do Almeidão com uma vitória. “O Botafogo é uma excelente equipe, mas temos que entrar em campo com a mentalidade de vencedor, porque só a vitória nos interessa e vamos buscar essa vitória”, afirmou.

60

foi o número de jogos oficiais disputados pelas duas equipes, e o Botafogo leva vantagem com 27 vitórias contra apenas 16 do Campinense, e 17 empates

trar com a mesma dedicação dos últimos jogos em busca da vitória, porque clássico não se joga, se vence, e estamos a um passo de nossa classificação, jogando em casa e com o apoio da torcida”, disse o meia.

Anderson PB

O meia, desde que chegou ao Botafogo, vem se constituindo como o grande destaque do elenco, sendo inclusive premiado quatro vezes como o melhor jogador em campo, nas seis partidas que disputou até o momento



Foto: Guilherme Drovias/Botafogo

Dione

Mesmo com o time mostrando muita irregularidade na campanha da Copa do Nordeste, o meia vem sempre fazendo grandes apresentações, com belas assistências e é um exímio cobrador de faltas. Ele é o grande destaque da Raposa na temporada

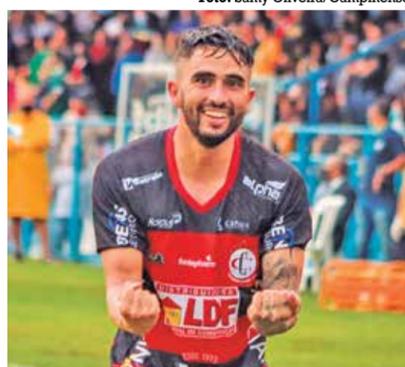


Foto: Samy Oliveira/Campinense

Hilton Gouvêa
hiltongouvearaujo@gmail.com

Jorge Rezende
jorgerezende.imprensa@gmail.com

O fantasma e o terror de uma possível guerra atômica voltaram a assombrar a humanidade depois do último dia 24 de fevereiro, quando a Rússia iniciou uma invasão ao território da Ucrânia, na Eurásia. E o mundo ainda lida com as lembranças e as imagens terríveis do final da Segunda Guerra Mundial, há mais de sete décadas, proporcionadas pelos Estados Unidos ao massacrar o povo japonês das cidades de Hiroshima e Nagasaki por meio de duas bombas atômicas.

O próximo dia 6 de agosto marcará os 77 anos do lançamento da primeira bomba atômica sobre a cidade de Hiroshima. E a Paraíba tem uma ligação histórica com esse evento ocorrido em 1945 causado pelos norte-americanos, quando o pior dos artefatos bélicos provocou a morte de 145 mil pessoas na cidade japonesa.

A ligação da Paraíba com esse fato foi constatada em uma pesquisa com finalidades cinematográficas realizada na região do Seridó paraibano e no Rio Grande do Norte, pelos cineastas pernambucanos Antônio Carrilho e Thiago Mello.

Na pesquisa realizada na década de 2000 foi revelado que parte dos 65 quilos de urânio utilizados na bomba Little Boy, lançada pelo avião Enola Gay, em 6 de agosto de 1945 sobre Hiroshima, teria sido retirada das jazidas de minérios radioativos de Picuí, a 226,2 quilômetros de João Pessoa. Outras frações desse minério também teriam saído das jazidas situadas nos municípios de Equador e Parelhas, no Rio Grande do Norte.

As pesquisas dos cineastas pernambucanos culminaram com a produção, direção e lançamento, em 2011, do documentário 'Urânio Picuí'. Com duração de 15 minutos, o curta-metragem acontece no Sertão do Seridó, na cidade de Picuí. Com comprovada presença de minerais radioativos na região, a cidade paraibana teria um alto índice de doentes de câncer.

A produção cinematográfica mostra que, no período da Segunda Guerra Mundial, norte-americanos chegaram à região e exploraram e extraíram minérios em grande escala. A partir da constatação desse comércio e fortes indícios da exploração de urânio na região, os garimpeiros e moradores de Picuí começaram a se perguntar se a bomba de Hiroshima não teria sido produzida com o seu urânio.

Os cineastas descobriram isso quando faziam pesquisas em Picuí, Parelhas e Equador, no primeiro semestre de 2001, para concluir o documentário 'Urânio Picuí'. Residente em Recife, Antônio Carrilho afirmou na época que a Central Intelligence Agency (CIA) dos Estados Unidos estaria de posse de um documento que em breve iria ser levado ao conhecimento público, por exigência de órgãos internacionais que lutam pela defesa ambiental e condenam o uso de armas radioativas para qualquer fim.

Carrilho adiantava: "Meu sócio Thiago pesquisou exaustivamente em Picuí sobre esse assunto, colhendo depoimentos de antigos garimpeiros que conviveram com geólogos e militares norte-americanos, instalados em Picuí, Parelhas e Carnaúba dos Dantas".

"Os galegos possuíam caixas de papelão forradas com chumbo, amontoadas nos cantos dos barracos, onde guardavam amostras de um tipo de areia e pedras de tamanhos e tonalidades variadas", lembra Carrilho. Uma análise posterior, feita em laboratórios norte-americanos, revelou que a areia encaixada era do tipo monazítica, que contém teores de urânio com mais de 1.200 partes por milhão.

Segundo Carrilho, o jornalista José Pires escreveu uma matéria no jornal Diário de Natal, em 18 de setembro de 1949 - quatro anos após o término da guerra - sobre o urânio de Picuí e adjacências, intitulada 'Urânio potiguar e paraibano leva o Japão a se render'. Na época, o cineasta garantia que ainda existiam crateras feitas nas zonas rurais de Picuí, Santa Luzia, Parelhas e Equador.

Os exames de solo realizados durante a guerra por norte-americanos e brasileiros nessa região teriam revelado a existência de uma jazida de urânio que se estende na divisa do Rio Grande do Norte com a Paraíba, tendo 1,5 quilômetros de largura por 6,2 quilômetros de extensão.

Com as mãos exageradamente caalejadas, o garimpeiro Amaro Alves de Souza concedeu uma entrevista ao portal Natal em Pauta, no dia 1º de setembro de 2011, e disse o que sabia sobre o urânio de Picuí: "Meus contatos eram com o Bureau of Economic Warfare, uma empresa



'Urânio Picuí'

Mineral radioativo encontrado no interior da Paraíba teria sido utilizado nas bombas atômicas jogadas em Hiroshima e Nagasaki, em 1945

norte-americana com escritório em Natal e Campina Grande, durante a Segunda Guerra Mundial. Essa firma fazia os testes de viabilidade econômica das jazidas encontradas em Acari, Picuí e Parelhas".

Amaro, que falava sem pestanejar, observou que grande quantidade de pedras semelhantes à tantalita foi entregue a Harold Sims, na época cônsul norte-americano em Natal. Tantalita é um mineral composto de nióbio e tântalo; é um minério bastante valorizado e aplicado na indústria eletrônica, pois oferece resistência ao calor.

O garimpeiro revelou nunca ter visto "equipamentos tão sofisticados como aqueles que os galegos usavam para examinar os minérios". Em Londres, a Rádio BBC anunciava, em 1945, que o Brasil já havia mandado mais de 70kg de urânio para os Estados Unidos.

Harold Sims chegou ao Brasil no final de 1938, como vice-cônsul em Pernambuco. Após perambular pelo Seridó da Paraíba e Rio Grande do Norte, fixou-se na capital potiguar em 1943. Um pastor também norte-americano da Igreja Batista, que já se encontrava em Natal e a quem todos chamavam de Doutor Matheus, era suspeito de ser agente da CIA, conforme denúncia do portal Natal em Pauta. O pastor se anunciava como coronel da Força Aérea norte-americana.

Matheus e Sims faziam discretas (suspeitas) viagens a Lagoa do Bonfim, nos arredores de Nízia Floresta (RN), onde presenciavam embarques de misterioso material por meio de aviões anfíbios Catalina. Eles mandavam areia monazítica para os Estados Unidos, um minério de grande teor radioativo, rico em derivados do urânio, como bório, físsio e tório.

Miguel Vitalino e Miguel Arcanjo, decanos garimpeiros de Picuí, afirmavam na época, sem medo de errar, que os galegos procuravam, preferencialmente, em Picuí, bório e tantalita, minérios que servem para enriquecer o teor radioativo do urânio. Valdo Medeiros de Araújo, um outro garimpeiro experiente, disse que trabalhou diretamente com "galegos americanos" na extração de minérios que só a eles interessavam.

“

Os galegos possuíam caixas de papelão forradas de chumbo, amontoadas nos cantos

Antônio Carrilho



Foto: Wikipédia

Grande quantidade de pedras semelhantes à tantalita foi entregue ao cônsul norte-americano

■ A tantalita é um mineral composto de nióbio e tântalo bastante valorizado e aplicado na indústria eletrônica

Resgate da história da mineração na PB

O documentário 'Urânio Picuí', produzido pelos pernambucanos Antônio Carrilho e Thiago Mello, e a descoberta do mineral no interior da Paraíba durante a Segunda Guerra Mundial, são retratados no Blog Sobrinho Picuí. O site registra que o documentário mostra que norte-americanos teriam se instalado na cidade de Picuí, onde teriam extraído o urânio para utilizar na fabricação de armas nucleares.

Alguns garimpeiros antigos, conforme Sobrinho Picuí, comentam que eles, os norte-americanos, usaram o urânio na montagem das bombas lançadas sobre Hiroshima e Nagasaki. O certo é que na época foi retirada uma quantidade muito grande de tantalita e columbita. Com beneficiamento desse minério, se extrai o tântalo, fundamental para a produção de armas de fogo de todos os calibres, de pistolas a foguetes.

O blog lembra que no documentário, mineradores e outros que conviveram com os estrangeiros relatam sobre as doenças que surgiram na época, principalmente casos de

câncer, além dos acidentes no trabalho. Como conta um minerador quase cego, cujo pai morreu soterrado, entre outras histórias que ficaram marcadas e são contadas até hoje pelos mais antigos.

"Meu pai nasceu em Picuí, então, uma vez por ano, eu vinha para aqui. Durante minha infância, eu escutava histórias sobre os americanos extraíndo muito minério nesta região. Só depois é que eu fui atinar que tinha um tema para documentário", teria revelado o recifense Thiago Mello, que dirigiu o filme em parceria com Antônio Carrilho.

Na época do documentário, a equipe de produção foi guiada por alguns garimpeiros da região de Picuí, entre eles Dona Rita, Zé de Berto, Gersino, Bododa, Antônio de Nego Biu, Inácio Zacarias, Nozinho dos Santos, Ebenézer Moreno e Joaquim Vidal de Negreiros.

O blog Também registra que, para o técnico em mineração estagiário Antônio de Pádua Sobrinho, da CDRM, é necessário o resgate da história da mineração do município de Picuí, visitando os garim-

pos, conversando com os garimpeiros mais antigos e realizando palestras e exposições de rochas e minerais da região.

Para ele, o documentário 'Urânio Picuí' é muito importante, pois mostra um pouco da história da mineração que ainda não foi explorada por historiadores. "É preciso resgatar a história mineral de nossa região. Há mais de 60 anos que exploramos minérios aqui e a atividade sempre foi e é fonte de renda para muitas famílias. Todo picuiense tem uma história para contar sobre essa atividade, precisamos alavancar esse segmento e essa parte histórica é de extrema importância para esse fortalecimento".



Trecho do documentário 'Urânio Picuí' pode ser acessado no QR Code acima

Olívio Montenegro

Sinceridade e acidez que conquistaram a confiança dos intelectuais



Olívio Bezerra Montenegro também era advogado e professor. Ele nasceu em Guarabira e morreu em Recife, aos 66 anos

Hilton Gomêa
hiltongomvea@guil.com

Ele via o mundo eleitoral pronunciado na boca dos candidatos como uma ciência propagandista, ditatorial e fascista, a confundir seus direitos com os do povo, deles próprios e dos partidos aos quais pertenciam. Sua sinceridade em tratar com os amigos e a causa pública impressionava os interlocutores, que o fez ganhar a intimidade dos intelectuais de quilate da época, como José Lins do Rego e Gilberto Freyre, que aceitavam seus elogios ou críticas – muitas delas realistas e ácidas – sem contestação. Esse era o perfil do jornalista paraibano Olívio Bezerra Montenegro.

Chegou até a ser secretário de A Província, jornal dirigido pelo antropólogo e escritor pernambucano Gilberto Freyre, a quem acompanhava nas noites de recitais e leituras, pelos points intelectuais de Recife. Olívio, Gilberto Freyre e Zé Lins do Rego formavam, nessas ocasiões, um trio inseparável.

Além de jornalista, Olívio Bezerra Montenegro era advogado e professor. Ele nasceu em Guarabira, na Região do Brejo paraibano, distante a 108 quilômetros de João Pessoa, no dia 25 de agosto de 1896. Morreu em Recife (provavelmente de infarto fulminante), durante um almoço com amigos, a 16 de fevereiro de 1962, com 66 anos de idade.

Fez seus primeiros estudos em João Pessoa, capital da Paraíba. Começou a estudar Direito em São Paulo, vindo a formar-se em 1917, na Faculdade de Direito de Recife. No ano seguinte, foi nomeado promotor público de Nazaré da Mata, em Pernambuco. Em 1923 tornou-se juiz municipal em Recife.

Seu exercício na magistratura não foi longo, passando a dedicar-se ao magistério e ao jornalismo. Foi professor cate-drático e diretor do Ginásio Pernambucano. No jornalismo, colaborou com o Diário de Pernambuco (de 1940 a 1962). Escreveu para jornais e revistas do Rio de Janeiro, como o Correio da Manhã. Além, é claro, no A Província, dirigido por Gilberto Freyre.

Como autor de alguns livros, escreveu o romance 'Os irmãos Marçal' (1922); 'Um revolucionário da Praieira - Borges da Fonseca' (1938), livro que o tornou conhecido na área da crítica literária; além de 'Memórias do Ginásio Pernambucano' (1943), 'Ensaio' (1954) e 'Folhas ao vento' (edição póstuma, 1969).

Sua maior amizade foi com o escritor e conterrâneo José Lins do Rego, com quem trocou 132 cartas. Essas cartas estão à disposição do público pelo Projeto Ateliê de José Lins - série Correspondência passiva. Olívio Montenegro, na qualidade de excelente bibliófilo, foi proprietário de uma das maiores bibliotecas particulares de Recife, a terra que adotou como segundo berço natal.

As cartas produzidas por um amigo sempre fiel

Nas cartas de Olívio dirigidas a Zé Lins vislumbra-se uma acuidade jornalística, e produzidas por um amigo sempre fiel, que ora critica os escritos do autor de 'Menino de Engenho', ora elogia, oferece sugestões, ora relata as críticas feitas a ele por diversos órgãos de imprensa.

Numa correspondência escrita por Olívio, cujo destinatário era Zé Lins, o autor de 'Os Irmãos Marçal' relembra uma brincadeira de mau gosto realizada pelo primeiro, a bordo de uma barca que fazia o percurso Rio-Niterói. Explica-se: Zé Lins sofria de urticária, uma alergia dermatológica, que surge sobre a pele em forma de bolhinhas.

Essa urticária coçava, ardia e incomodava muito. Quando se via cercado de gente e quase sem espaço para respirar, Zé Lins, tirando a camisa e exibindo a purificação da derme avermelhada, dizia, com muita ênfase: "Esta lepra ainda me mata". Minutos depois, satisfeito, constatava que muita gente havia se afastado.

Os jornais de Recife e do Rio de Janeiro, com os quais Olívio Montenegro colaborava, ficaram cheios de observações de cunho social. Segundo ele – com endosso de Zélia de Oliveira Gominho, em 'Arautos da Democracia' –, "no Brasil, enquanto o direito eleitoral e a riqueza forem a principal fonte de poder e o fim único de todo homem e as oportunidades de cultura privilégio das classes mais favorecidas, a política será uma criatura irrisória da democracia e um Carnaval em grande estilo".

Pelo que entendia Olívio, "a Inglaterra e os Estados Unidos votavam pelas ideias dos candidatos, que circulavam impressas nas revistas e jornais, onde facilmente os eleitores poderiam verificar pelo que os candidatos pregavam em doutrina e pelo que eles cometiam no partido ou solucionavam na prática.



Foto: Reprodução

Olívio Montenegro (em pé, ao centro) conquistou a intimidade dos intelectuais José Lins do Rego (sentado, à esquerda) e Gilberto Freyre (à direita)

Angélica Lúcio

angelicalucio@gmail.com

De férias, mas atenta às trends do momento

Escrevo esta coluna no dia em que entro de férias. É uma Quarta-Feira de Cinzas, mas as mensagens no WhatsApp estão pipocando. O assunto não é a guerra na Ucrânia, não é um novo plano econômico, tampouco quem saiu do BBB 22.

O tema que fervilha nas redes sociais (e bombou no Twitter) trata de um vídeo envolvendo duas mulheres de Campina Grande. Da alta sociedade. Da tradicional família brasileira. Na cena amplamente compartilhada (apesar de tal divulgação infringir a lei), há troca de afeto, calípgios, pó (mas não o "compacto") e uma canção de Led Zeppelin como música incidental.

O vídeo ganhou as redes sociais ainda na noite de terça-feira e logo virou trend no Twitter com a hashtag #FofocadeCampina - E muitos memes derivados do tema foram criados. Sim, o povo sabe ser bem criativo na hora de falar mal dos outros. E se for para fococar de alguém da elite econômica e política, aí que as pessoas serão criativas mesmo.

A fofoca, aliás, foi essencial para que os seres humanos chegassem ao século XXI. E não sou eu quem afirma isso, mas Yuval Noah Harari, autor de 'Sapiens: uma breve história da humanidade'. Atente para o que ele diz: "(...) Nossa linguagem única evoluiu como um meio de compartilhar informações sobre o mundo. No entanto, a informação mais importante que precisava ser transmitida era sobre huma-



Foto: Reprodução

nos, e não sobre leões e bisões. Nossa linguagem evoluiu como um instrumento para a troca de fofocas".

E o autor complementa: "Segundo essa teoria, o Homo sapiens é em essência um animal social. A cooperação social é fundamental para a sobrevivência e a reprodução. Não basta que determinados homens e mulheres saibam onde se encontram os leões e os bisões. É muito mais relevante para eles

saber quem no grupo odeia quem, quem está dormindo com quem, quem é honesto, quem é trapaceiro".

Para o pesquisador Hans Peter Wiesel, faz parte da condição humana "as pessoas avaliam, explícita ou implícitamente, as atividades dos seus semelhantes conforme princípios morais que conferem às suas experiências certos valores positivos e negativos". Em sua tese de doutorado, Wiesel afirma que, de uma manei-

ra ou outra, a maioria das pessoas – de ambos os gêneros – participa, mais ou menos regularmente, em merexicos. "(...) E a maior parte delas, apesar de fococar discretamente e de ser sensível às conotações negativas da palavra, não pensa duas vezes quando tem a oportunidade de criticar a vida alheia. Pode-se afirmar, por conseguinte, que, em todos os domínios sociais, há tagarelas que gostam de tesourar as pessoas e de dizer mal da vida alheia".

Wiesel cita ainda a identificação e a compreensão de uma fofoca exigem um bom conhecimento do contexto sócio-histórico e situacional. "De fato, diante das sutilezas e da mutabilidade do gênero (fofoca), um observador bisbilhoteiro, dificilmente, pode identificar a encaenação de uma fofoca se não for capaz de avaliar seu encaimento numa determinada situação comunicativa", pontua.

Retornando à hashtag #FofocadeCampina. Não vou citar detalhes do que tem no vídeo – até porque há frames aos montes por aí já –, pois não serei mais uma pessoa a expor duas mulheres de forma indevida. Mas como também não sou santa, relembro a famosa frase de Júlio César, último governante da República de Roma: "A mulher de César não basta ser honesta, deve parecer honesta". E dou uma nova versão para a máxima: à família tradicional brasileira, não basta parecer conservadora e moralista, é preciso ser. Do contrário, faça carreira. Ou não..

Tocando em Frente



Professor Francellino Soares
francellino-soares@bol.com.br

A Jovem Guarda – Parte XV – As bandas e os conjuntos – IV

The Clevers (Os Incríveis) – O grupo foi formado em 1962, em São Paulo. Embora também tivessem, como muitas outras bandas instrumentais, raízes rítmicas e sonoras ligadas aos The Shadows (britânica) e ao The Ventures (norte-americana), o The Clevers enveredou pelo novo e contagiante ritmo do twist. A ideia de formação da banda veio de Mingo (Domingos Orlando), que havia tido uma breve passagem pelos The Jordans. O sucesso veio logo no primeiro 78 rpm, 'El Relicario' (de Padilla), de 1963, cujo som do sax de Manito fez escola e servia de referência para outros grupos instrumentais.

É dessa época o primeiro álbum, 'Twist'. O relacionamento com o empresário da banda, Antônio Aguillar, sempre foi conturbado, porém nunca interferiu no sucesso do grupo, cuja formação mais consistente era a seguinte: Mingo (Domingos Orlando), guitarra, acordeão e vocal; Risonho (Waldemar Mozama), guitarra/solo; Neno (Demerval Teixeira), guitarra/baixo e pistom (depois foi substituído por Nenê); Netinho (Luiz Franco Tomaz Neto), bateria; e Manito (Antônio Rosa Sanches), sax. Até 1965, já haviam gravado cinco LPs.

Em 1964, iniciaram carreira internacional, gravando um álbum na Argentina e outro na Inglaterra. À Itália, chegaram como acompanhantes de Rita Pavone com quem fizeram várias apresentações. É dessa época o romance

de Netinho com ela, cujo casamento foi anunciado em dezembro daquele ano, mas foi desfeito em maio do ano seguinte, dizem os paparazzi de plantão da época, em função dos ciúmes de Teddy Reno, cantor, compositor e empresário da italiana.

Da época e de lá é que nasceu a versão de 'Ceraunragazzoche como me amava I Beatles e I Rolling Stones', do já consagrado Gianni Morandi. Em 1965, no Uruguai, fazem a abertura das apresentações de Neil Sedaka. Por desavenças empresariais, em dezembro de 1966, trocaram o nome para Os Incríveis e mudaram de gravadora – da Continental para a RCA – e lançaram outro grande sucesso 'O Milionário' ('Le Millionnaire', de Mike Maxfield), que já fora gravado por Billy J. Kramer com The Dakotas. A propósito, o cantor britânico havia tido como empresário Brian Epstein, antes mesmo de trabalhar com os Beatles.

Depois de passar por várias formações, a carreira do grupo encerrou-se em 1974, com Maninho indo para a banda O Som Nosso, e Netinho, para o Casa das Máquinas. Uma curiosidade: falam as "más línguas" que o declínio começou após a gravação de 'Eu te amo, meu Brasil' (1970), da dupla ufanista Dom & Ravel. Será?...

(Voltarei a este assunto oportunamente.) The Fevers – Antes dos Fevers, havia o The Fenders que deve ser considerado o embrião da banda, que começou, no Bairro da Pieda-

de, Rio de Janeiro, em 1963, com Almir Bezerra, guitarra e vocais; Lieber Ferreira Pinto, na guitarra/baixo; Pedrinho, na guitarra/solo; Pedro da Luz, guitarra; Cleudir Borges, o Jerry, nos teclados e também guitarrista; Lécio do Nascimento, na bateria; e Jimmy Cruise, vocal original, que deixou o grupo logo em 1965. Eles mesmos faziam um arremedo de vocal. Ao serem advertidos de que estavam usando como nome a marca de uma guitarra famosa (a Fender), em 1964, foram buscar o novo nome numa música de Elvis Presley, de quem eram "fãs de carteirinha": 'Fever' é o nome de um sucesso de 1960, marcado por uma espécie de "diálogo/contraponto" entre vocal, guitarra a bateria.

A banda, incorporaram-se depois Miguel Plopschi, no sax; um crooner, com domínio de um repertório em inglês, o Luiz Cláudio; Augusto César, outra guitarra; Otávio Monteiro, na bateria; e o tecladista Miguel Ângelo, nos teclados. Em tempos diversos, ainda passaram pela banda Rama, guitarrista; César Lemos, guitarra e vocal; Dercy, baterista; Cláudio Mendes e Michael Sullivan, vocais. Logo, no início, gravaram pela Philips os primeiros 78 rpm, sem muita notoriedade.

Ainda em 1964, já assumidos como uma banda de pop-rock, o grupo se apresentou no programa 'Hoje é dia de Rock', da TV/Rio. Em 1966, mudaram-se para a Odeon, quando se revelaram como um dos mais interes-

tes e ouvidos grupos vocais e instrumentais da emergente Jovem Guarda, já com o prestígio consolidado e com o grupo já bem definido, inclusive, acompanhando os artistas que passavam pelo programa da Record/SP.

A formação da banda passou, como é natural, por várias formações, por exemplo, com a saída e o retorno de sua voz mais característica, a de Almir. A banda, como base instrumental ou músicos de estúdio, acompanhou Erasmo Carlos ('Você me acende'), Eduardo Araújo ('O Bom'), Denny e Dino ('Coruja'), com Wilson Simonal ('Mamãe passou açúcar em mim'), Trio Esperança ('A Festa do Bolinha'), Jorge Ben ('Silêncio no Brooklyn') e até Roberto Carlos ('Eu estou apaixonado por você' e 'Eu te darei o céu').

Ufanismo

Falam as "más línguas" que o declínio começou após a gravação de "Eu te amo, meu Brasil", da dupla Don & Ravel



Walter Ulysses

Chef de cozinha
| Colaborador

Quarenta anos vendendo amendoins

O nome do personagem que fará, agora em março, 40 anos vendendo amendoim é Futrica do Amendoim.

E não é só disso que vem seu marketing de negócio: ele vende amendoim e outros atrativos e derivados, como castanha, amendoim cozido enrolado no papel, amendoim torrado e amendoim confeitado.

Ele anda por todos os grandes bares de maior movimento, já tem uma clientela fixa e ainda é do tempo de anotar fiado na caderneta para pagar no próximo encontro com o cliente.

Num domingo desses, eu estava em Areia Vermelha e o encontrei. Já fazia muito tempo que não nos víamos. Ufa... sorte minha que não devia nada na sua famosa caderneta que ele chama de "clone de rico".

Seu marketing pessoal varia conforme você quer colocar a logomarca da empresa. Por exemplo: boné frente e trás, camiseta frente e trás, os lados dos tabuleiros dos produtos e as bandeiras, cada item desse tem um valor que varia de R\$ 50 a R\$ 1 mil na sua vestimenta, e o resultado é garantido.

Futrica do Amendoim já casou, teve filhos e já tem netos e todos foram criados com a venda do seu próprio negócio que, além de ser produto de qualidade, é sempre tudo muito novo. E além do mais, você pode contratar o Futrica para sua festa, seja ela qual for: casamento, aniversário, noivado. Ele varia os valores com a quantidade de pessoas e produtos que cada pessoa queira que seja servido.

E, para cada pessoa que ele conhece, conta um pouco de sua história que é bastante interessante e que poderia ser contratado para dar palestras para grandes empresas comerciais.

QUENTINHAS

E continua o crescimento de botecos espalhados por todos os bairros da capital paraibana, dos mais criativos até aqueles simples, onde falta uma coisa atrativa para ganhar a clientela.

Por falar em botecos, já tem de grandes a pequenas cidades fazendo investimento no mercado gastronômico que vêm crescendo do litoral ao Sertão.

E se você quer abrir um negócio na área de gastronomia e não sabe como começar, eu posso fazer sua consultoria e acompanhar o seu negócio para ele não cair de padrão. Contato: (83) 99620-0013 - chef Walter Ulysses.

PRATO DO DIA

Risoto de queijo de coalho com bisteca

Ingredientes

- 1 cebola roxa bem ralada
- 2 bistecas bovinas magras e limpas
- Noz moscada a gosto
- Sal e pimenta do reino a gosto
- 2 colheres de sopa de manteiga
- 3 colheres de sopa de queijo de coalho ralado grosso
- 1 colher de sopa de azeite
- 3 dentes de alho
- 1 caldo de legumes para 1 litro de água para regar o risoto
- 50 ml de cachaça
- 2 xícaras de arroz arbóreo



Modo de preparo:

- Tempere as bistecas com sal e pimenta do reino. Em uma frigideira, coloque um pouco de azeite e os dentes de alho; coloque as bistecas para dourar ao seu ponto e reserve.
- Em uma panela, coloque um pouco de azeite e de manteiga e, em seguida, acrescente as cebolas raladas e o arroz arbóreo. Tempere com o sal, a pimenta do reino e a noz moscada, deixando grudar um pouco no fundo da panela.
- Em seguida coloque a água com o caldo de legumes até cobrir o arroz e vá fazendo isso até o arroz ficar ao ponto de sua preferência. Acrescente a cachaça, o queijo de coalho e finalize com uma boa colher de sopa de manteiga e pode servir.

PITADAS A GOSTO

Não se sabe ao certo a origem da linguiça. Alguns dizem que foi há mais de dois mil anos, em Portugal, outros, em Roma. Porém, a história mais certa do surgimento da linguiça é que veio da necessidade de conservação dos alimentos. Isso mesmo! Como antigamente não existia geladeira, muitos alimentos eram misturados no sal junto com a tripa, que servia para envolvê-los, sendo utilizados como mais uma forma de proteger a carne.

Tempos depois, os europeus descobriram que se a linguiça fosse defumada duraria mais. A partir daí, começaram a surgir os vários tipos de linguiças encontradas hoje, mais de 400 tipos em todo o mundo. E é uma paixão brasileira!



Walter Ulysses - Chef formado no Curso de Gastronomia no antigo Lymaldo Cavalcante (João Pessoa) e tem Especialização na Le Scuole di Cucinadi Madrid. Já atuou em restaurantes de diversos países do mundo, a exemplo da Espanha, Itália, Portugal e Holanda. Foi apresentador de programas gastronômicos em emissoras de tevê e rádio locais, e hoje atua como chef executivo de cozinha na parte de consultorias.